

Universidade Federal de Pelotas
Centro de Artes
Programa de Pós Graduação em Artes Visuais
Curso de Mestrado em Artes Visuais
Linha de Pesquisa Processos Criativos e Poéticas do Cotidiano

**Poéticas do Desvio – Da Doutrinação ao
Processo de Criação**

Diana Krüger Martins

Pelotas, 2020.

Diana Krüger Martins

**Poéticas do Desvio – Da Doutrinação ao
Processo de Criação**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Orientadora Prof^a. Dra. Renata Azevedo Requião

Pelotas, 2020.

Agradecimentos

Aos meus pais pelo apoio e pelo amor sempre presentes e incondicionais.

À minha tia pelo carinho, pela paciência e por acreditar em minha inteligência.

À minha irmã, pelas conversas e pelas cervejas.

Ao Douglas, pelas manhãs, tardes, noites e madrugadas em que me ouviu e me acalmou.

Ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, pela oportunidade.

Resumo

A presente pesquisa tem o objetivo de apresentar os desdobramentos de cinco semestres em meio a leituras específicas, execução de trabalhos de disciplinas do curso e a descoberta de um fazer poético que integram a montagem de meu projeto desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, na linha de pesquisa de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, intitulado “Poéticas do Desvio – Da Doutrinação ao Processo de Criação”. A proposta gira em torno de estabelecer reflexão através do processo artístico que contemple as vivências, pensamentos e impressões resultantes do período em que estive imersa no modo de vida evangélico, entre os anos de 2004 a 2013. Através de lembranças e fragmentos (materiais ou não) daquela época, busco consolidar uma produção poética que proporcione reflexão a respeito da experiência religiosa protestante contemporânea, com especial ênfase no que tange às particularidades da condição feminina em tal ambiente. Autores e artistas citados no texto auxiliam na problematização que envolve tanto o fazer artístico como mecanismo de enfrentamento, quanto os efeitos da crença e de outros processos pessoais que influem na formação da identidade. De essencial importância, constam os estudos de Magali do Nascimento Cunha (2007), Zygmunt Bauman (2003) e Marilena Chauí (1984). Também se fazem altamente pertinentes as produções artísticas de Leonilson, Louise Borgeois, Zöe Buckman, Judy Chicago, Bárbara Wagner, Ana Elisa Egreja, Daniel Murgel, Han Cao e Hannah Yatta.

Palavras-chave: Experiência; Processo; Religião; Vivências; Poéticas.

Abstract

This research aims to present the developments of two and a half years in the midst of specific readings, execution of works of course subjects and the discovery of a poetic work that integrate the assembly of my project developed in the Graduate Program in Visual Arts, in the line of research on the Creation and Poetic Processes of Everyday Life, entitled “Poetics of Deviation - From Doctrine to the Creation Process”. The proposal revolves around establishing reflection through the artistic process that contemplates the experiences, thoughts and impressions resulting from the period in which I was immersed in the evangelical way of life, between the years 2004 to 2013. Through memories and fragments (material or not)) from that time, I seek to consolidate a poetic production that provides reflection on the contemporary Protestant religious experience, with special emphasis on the particularities of the female condition in such an environment. Authors and artists cited in the text assist in the problematization that involves both artistic doing as a coping mechanism, as well as the effects of belief and other personal processes that influence the formation of identity. Of essential importance are the studies by Magali do Nascimento Cunha (2007), Zygmunt Bauman (2003) and Marilena Chauí (1984). Leonilson, Louise Borgeois, Zöe Buckman, Judy Chicago, Bárbara Wagner are also highly relevant , Ana Elisa Egreja, Daniel Murgel, Han Cao and Hannah Yatta.

Keywords: Experience; Process; Religion; Experiences; Poet

Sumário

Introdução	8
1. Da doutrinação ao processo de criação	12
1.1 O zelo	13
1.2 O desvio	16
1.3 “E agora?” ou “O quê fazer com o ressentimento?”	20
1.4 Tentando estabelecer uma poética	22
1.4.1 Antes/Durante/Depois	25
1.5 Discipulado	30
1.5.1 Tiago 4:4	31
1.5.2 Exorcize o seu nome	33
1.6 Série Finas Jóias	37
1.6.1 <i>Amada</i>	42
1.6.2 <i>Obediente</i>	44
1.6.3 <i>Decente</i>	46
2. Redirecionando escolhas	48
2.1 Série <i>Adequações</i>	53

2.2 Série O Céu na Terra.....	55
2.2.1 <i>Púlpito</i>	66
2.2.2 <i>Gazofilácio</i>	69
2.2.3 <i>Batistério</i>	71
2.2.4 <i>Acústica</i>	73
2.3 <i>Costela</i>	76
2.3.1 O livro de artista como suporte e referências.....	78
2.3.2 Desenvolvimento, conteúdo e técnicas.....	81
2.3.3 Capa.....	81
2.3.4 Miolo.....	83
3. Planejamentos e novas direções.....	90
3.1 Más conversações.....	91
3.1.1 <i>Comunhão</i>	95
3.2 <i>Capela</i>	98
3.2.1 Exterior e interior.....	101
3.3 Expansões naturais.....	104
Considerações finais.....	115

Referências bibliográficas.....	118
---------------------------------	-----

Introdução

A pesquisa intitulada *Poéticas do desvio – da doutrinação ao processo de criação* parte de minhas memórias relacionadas à experiência dentro do ambiente evangélico, ocorrida entre os anos de 2004 e 2013. Estas vivências fizeram parte de um período-chave de minha formação (adolescência e início da fase adulta), me marcando profundamente e me inspirando a criar o corpo de trabalhos poéticos que escolho registrar na presente dissertação. Tratam-se de relatos, projetos e obras já finalizadas que venho delineando e produzindo desde minha entrada no mestrado, no segundo semestre de 2017, chegando a este primeiro trimestre de 2020.

O capítulo inicial, sob o nome de *Primeira fase – da doutrinação ao processo de criação* cobre minhas primeiras tentativas em estabelecer um processo criativo dedicado a dar conta do emaranhado denso de lembranças, sentimentos, impressões e elucidações a respeito de meu período de imersão religiosa. Estes passos se deram “aos trancos e barrancos”, enquanto eu iniciava meus esforços para me conhecer melhor como pessoa e artista em formação. Entre o entusiasmo de conseguir entrar no mestrado e o nervosismo por ter decidido tornar “pública” a vontade – já gestada desde minha saída da

igreja – de abordar conflitos existenciais tão íntimos e densos, eu procurava compreender minhas opções técnicas e organizar um pouco do caos interior que formava a matéria-prima para criação. Assim sendo, julguei importante relatar, como num diário de memórias, algumas das vivências mais marcantes que pontuaram minha experiência junto à religião; de minha conversão, passando pelos momentos de mais densa dedicação (ou fanatismo), até os questionamentos desconcertantes, momentos de crise, e por fim, o referido “desvio”, ou seja, desligamento da crença, e também a necessidade latente em abordar tais processos.

Acabei por produzir um número variado de trabalhos, em diferentes suportes, dos quais selecionei os que considerei mais coesos em sua relação à inspiração original. Eles também possuem em comum o fato de terem sido confeccionados com objetos que fizeram parte de minha vida: páginas de uma Bíblia, bijuterias, enfeites de cabelos e outras memoráveis, ajudam a organizar os sentimentos e pensamentos propulsores do gesto artístico.

O primeiro destes trabalhos, *Antes/Durante/Depois*, foi criado justamente com a intenção de servir como guia visual, relacionado a três fases bem estabelecidas de minha vida: antes, durante e depois da imersão na fé. Cada uma destas

miudezas foi selecionada por carregar um significado e remeter a um fato particular ligado a tais períodos.

Os trabalhos seguintes possuem a poética atrelada à potência do discurso doutrinador, remetendo às afirmações de Peter Burke (1999, p.252) sobre a cultura popular protestante ser uma “cultura da Palavra”. Mais do que o imagético, a mensagem verbal e escrita tem um papel fundamental dentro da função proselitista evangélica. Os conselhos presentes tanto em um dos cadernos devocionais distribuídos para os adolescentes de minha congregação, quanto na boca de uma das líderes ajudam a formular *Tiago 4:4* e *Exorcize o seu nome*. Por fim, apresento a série *Finas Jóias*, que consta de minha primeira tentativa de abordar especificamente a experiência feminina e seus agenciamentos dentro do discurso e do ambiente religioso, através de passagens recortadas diretamente da Bíblia. Como referenciais artísticos, se fazem importantes os nomes de Leonilson (1957-1993), Louise Bourgeois (1911-2010), Zoë Buckman (1985) e Joseph Cornell (1903-1972).

O segundo capítulo intitulado *Redirecionando escolhas* apresenta obras idealizadas/realizadas durante os meses finais de 2018 e todo o ano de 2019. Abro esta seção contando de minha volta a um “local de conforto” no que tange às técnicas que optei por explorar, depois do caráter experimental com

que realizei a produção apresentada no capítulo um. Escolho também fazer um relato sobre os obstáculos que encontrei junto à religião com relação ao meu interesse pela arte durante a adolescência; as orientações de minha líder de discipulado sobre meu dever em canalizar o impulso artístico diretamente à função de louvor a Deus, meus conflitos internos, e por fim, a busca por tentar atender a tais exigências. A série de pequenas pinturas *Adequações* nasce das reflexões sobre aquele período de intensa contenção criativa.

Em seguida, meu interesse pela cenografia teatral evangélica e pelas idealizações em torno da narrativa bíblica envolvendo o Jardim do Éden e o Paraíso Celestial me levam a planejar/executar outra série de pinturas, batizada de *O Céu na Terra*. Por fim, as particularidades da experiência feminina dentro do ambiente religioso vêm à tona novamente através do livro de artista intitulado *Costela*, confeccionado em tecido e bordado com linha e pedrarias. Para este segundo capítulo, se fazem importantes os nomes de Peter Paul Rubens (1577-1640) e Jan Brueghel, o Velho (1568-1625), cuja afetividade por suas obras relembro de minha adolescência. Também são destaques as criações contemporâneas de Pat Marvenko (1947), Bárbara Wagner (1980), Ana Elisa Egreja (1983) e Judy Chicago (1939). Mais uma vez também aparecem as

poéticas relacionadas à vivência feminina de Louise Bourgeois e Zoe Buckman.

Fechando a dissertação, escolho registrar projetos e conceitos que pretendo explorar no futuro, em um terceiro capítulo sob o nome de *Planejamentos e novas direções*. Esboços, estudos e obras experimentais dão forma a situações que vivenciei e conceitos que investiguei e que considero instigantes e dignos de constar como eventual produção artística. O processo de criação destas últimas peças foi majoritariamente iniciado neste primeiro trimestre de 2020.

Com o auxílio de Bauman (1993), inicio a apresentação de dois trabalhos inspirados pela complexa cena social de minha antiga congregação e dos agenciamentos que a mesma utilizava sobre seus membros. Primeiramente trago *Más conversações*, cuja poética se apóia nas advertências de minha líder sobre os perigos da socialização com pessoas de fora do círculo religioso durante minha adolescência, e a concretização destes “riscos” durante o início de minha fase adulta. *Comunhão*, por sua vez, é inspirada na ocasião em que fiquei ciente – muito depois de meu afastamento da igreja – das reuniões realizadas entre os líderes, onde seguidamente se falava sobre assuntos íntimos que os membros, em busca de orientação e consolo, haviam confidenciado para estas pessoas investidas de autoridade naquele círculo social.

Capela se trata de um projeto para uma instalação de dimensões arquitetônicas, que nasceu de meu interesse com relação à estética “fria” dos templos evangélicos, e de como seria uma espécie de “híbrido funcional” que juntasse características particulares de tais construções e do cerimonial neopentecostal com a funcionalidade das tradicionais capelas católicas. Minha última incursão no complicado território do assunto “ser mulher dentro da igreja evangélica” se dá por meio da série em desenvolvimento chamada *Expansões Naturais*. Deixo registrados dois modos com os quais experimentei abordar a idéia latente dentro da mitologia cristã de uma natureza perigosa atrelada permanentemente ao sexo feminino, como herança pelo pecado de Eva. Nesta última seção, atuaram como referenciais poéticos as produções de caráter arquitetônico de Daniel Murgel (1981), as intervenções bordadas de Han Cao (?), e a pintura carregada de hibridismo de Hannah Yata (1989).

Nestas páginas procuro me expressar tanto por meio da escrita de memórias e reflexões, quanto através da produção poética que brotou destes sentimentos, maturados, à bem dizer, desde o momento em que optei por me desligar da crença. No entanto, a resolução “oficial” de abordar assuntos que pra mim são consideravelmente tensos e possuem grande teor íntimo surgiu junto a meu desejo de cursar o mestrado em

Artes Visuais. A formação obtida junto ao curso de Licenciatura me auxiliou a iniciar estes movimentos no que tange à validade de meu desejo em expressar ideias que rechacei por tanto tempo. No entanto, considero igualmente importante o exercício iniciado e levado a cabo por meio de experimentações, pesquisa, e sobretudo, registro. Como um músculo que precisa estar em constante movimento para que ocorra um aprimoramento de sua performance, penso que a prática em abordar estas questões junto à busca pelos materiais e técnicas mais adequados se mostrou vital para a elucidação gradual de um processo artístico que continua em desenvolvimento.

Considero que a presente dissertação seja um registro dos passos iniciais de uma caminhada de autoconhecimento em dois sentidos: como pessoa, procurando compreender a intensidade e os efeitos da experiência religiosa, e como artista em busca de uma voz própria e do domínio técnico necessário.

1. Da doutrinação ao processo de criação

Por tradição familiar, ficou decidido que com treze anos era necessário que eu escolhesse uma igreja para congregar. A conversa demorou poucos minutos e surgiu de forma leve e despreocupada como surgem as pequenas preocupações domésticas do dia-a-dia. Não houve o estereótipo da tensa discussão familiar onde os pais impõem aos filhos a tradição de se seguir determinada crença. No meu caso foi simples, como se tivessem me pedido para lavar louça ou estender roupa: “Chegou a tua idade de fazer a Confirmação, ou Primeira Comunhão.”

Segundo minha mãe, eu tinha duas opções: ou recebia a Primeira Comunhão na Igreja Católica (na qual fui batizada), ou realizava o Ensino Confirmatório na igreja Luterana (que ela mesma freqüentou na adolescência, e na qual também foi confirmada). Havia uma igreja católica a poucas quadras de minha casa, o que era muito conveniente. No entanto, a perspectiva de ter de me confessar, deixava-me altamente desconfortável. Além disso, até então nas poucas vezes em que estive presente em cultos, batizados, casamentos ou qualquer celebração religiosa, eu ouvira bastante sobre a onisciência de Deus, de como Ele sabe de tudo, ouve todos nossos pensamentos e teria consciência de qualquer vontade e

desígnio humano, especialmente os mais secretos. Logo, eu não via sentido nenhum em me abrir de forma íntima com uma pessoa aleatória, só por que ela carregava um título eclesiástico e estava supostamente envolta de alguma autoridade sobrenatural. Especialmente por que tal pessoa obviamente seria do sexo oposto.

Escolhi então, a igreja luterana, pois ainda que ela fosse mais longe de minha casa, eu já tinha certa familiaridade com o local. De quando em quando, freqüentávamos os cultos de domingo, fora que as reuniões do grupo de jovens – ao contrário do da católica – aconteceriam à tarde. Adolescentes, especialmente aqueles que têm aula de manhã, valorizam o sono do final de semana. Também considerei que estudava desde o pré em uma escola luterana, e já conhecia superficialmente o discurso protestante. Sendo assim, a questão estava resolvida: eu faria o Ensino Confirmatório.

Quando considero a singeleza com que escolhi meu rumo e dei os primeiros passos não apenas dentro de minha caminhada de fé, mas também em um processo que me consumiu de forma tão íntima e intensa por quase uma década durante um período-chave em minha vida, e que reverberaria nos anos subseqüentes de meu desligamento à crença, sempre acabo ficando um tanto pasma. Eu simplesmente deveria fazer uma escolha, e fiz. Minha boa vontade em sempre obedecer

meus pais e a leveza e nostalgia que minha mãe guardava de suas próprias (e breves) experiências junto à igreja luterana em sua adolescência, ajudaram a movimentar as peças que dentro de alguns anos me tornariam a pessoa que virei, que deixei de ser, e que agora abordo nestes escritos.

1.1 O zelo

A maneira mais rápida de resumir minha vida entre os anos de 2004 a 2013, em especial os anos em que aderi à crença da maneira mais radical (creio que este auge ocorreu entre 2006 e 2011) está em dizer que TUDO girava em torno da fé. Minhas escolhas, desde as mais simples às mais complexas, e minhas atitudes tanto particulares quanto públicas, estavam totalmente impregnadas pela mais sincera vontade de agradar a versão de Deus que me era apresentada através da Bíblia e dos líderes da igreja. O medo do Inferno também fazia sua parte, e não se tratava de um temor apenas por mim mesma, mas também por aqueles que estavam à minha volta, pois muito se ensina na Igreja sobre sua responsabilidade como cristão com relação às almas das pessoas próximas. Uma advertência que era recorrente nas reuniões dos grupos de adolescentes era a de que deveríamos falar de Cristo a toda pessoa a quem tivéssemos acesso, pois Deus cobraria de nossas mãos o “sangue” delas se as mesmas

“se perdessem”, isto é, morressem sem conhecer a possibilidade de salvação.

“Se elas ouvirem de Jesus, e ainda sim, não O aceitaram, então Deus vai cobrar delas quando a hora chegar. Ao menos vocês fizeram a parte de vocês e estão livres desta responsabilidade.” Não foram poucas as vezes que ouvi isso durante todo meu período junto à religião evangélica.

Dessa forma eu vivia em constante oração (e medo), sempre buscando ser um bom exemplo para meus colegas de escola e familiares (dois únicos círculos que freqüentava além da igreja), pois havia aprendido que eu era um “cartão de visita de Jesus” para aqueles que ainda não O conheciam. Tentava ser o mais honesta possível tomando pequenas e grandes atitudes: contava cada centavo do troco que recebia ao fazer compras para não “furtar” sem querer os estabelecimentos que freqüentava; doava a décima parte de minha mesada; joguei uma série de pertences considerados “pagãos” fora; levava a Bíblia para o colégio na esperança de pregar aos meus colegas; tive incontáveis crises de consciência ao me interessar por rapazes que não partilhavam da mesma fé (ou mesmo por me sentir atraída por atores/cantores, simplesmente pela ação dos hormônios do auge da adolescência); jejuava por dias inteiros (e às vezes noites); tomava o maior cuidado para não falar nenhum palavrão ou mesmo qualquer palavra tida como

ofensiva; e não é exagero dizer que passei mais de cinco anos sem contar uma mentira sequer – o que avaliando agora, me faz considerar que é um milagre o fato de eu não ter entrado em nenhuma briga, pois esta atitude com relação a toda e qualquer mentira, até mesmo às mais inofensivas, certamente me transformava em uma pessoa bem desagradável de se ter por perto – afinal, Jesus mesmo afirmou que “o Diabo era o pai da mentira”... Enfim, repassava cada pensamento, palavra ou atitude num meticuloso exame de consciência, que hoje em dia, seguramente posso dizer que por pouco não me levou às raias da loucura.

Por que fiz tudo isso? Por que gastei à bem dizer os anos mais “verdes” de minha juventude tentando agradar uma entidade invisível e intocável?

Porque pra mim este ser era tão real quanto meus pais, meus amigos, ou qualquer outra pessoa. E embora, segundo as Escrituras este Deus me amasse e quisesse o meu bem, Ele também poderia me mandar para a perdição eterna se assim o desejasse.

Um de meus maiores conflitos estava em associar mentalmente a lógica do discurso evangelístico: sem que eu pedisse, Deus me amou de tal maneira que entregou Seu filho unigênito para sofrer e ser sacrificado por mim. Ainda sim, este mesmo Deus não teria problemas em me jogar no Inferno

para uma eternidade de sofrimento se eu optasse por não amá-Lo de volta... Sim, eu tinha minhas lutas mentais em tentar racionalizar a doutrinação, mas algo ocorreu dentro de mim que me levou a acreditar piamente em tudo aquilo que ouvia/lia/vivia. Na época considerei que havia tido meu coração tocado pelo Espírito Santo e era uma de suas escolhidas. Era um privilégio que eu deveria proteger e zelar. Com o tempo fui levada a encarar todas as dúvidas e questionamentos como armadilhas de origem diabólica que ainda persistiam em mim, por mais que eu me santificasse, congregasse, estudasse a Bíblia, jejuasse, eu ainda seria indigna. Como um círculo vicioso, eu carregava esta culpa, que levava a um processo de doutrinação, auto-doutrinação e (embora evangélicos não acreditem nisso) quase penitência, e que em seguida me fazia voltar à culpa, e assim sucessivamente. Como a Bíblia e os líderes diziam, por mais que eu buscasse agradar Deus, meus atos de justiça sempre seriam “trapos de imundícia”¹, pois como ser humano, minha natureza era corrupta e continuaria a ser. Mesmo que eu aceitasse Jesus, me batizasse, frequentasse o templo e estudasse as Escrituras, pelo tempo em que estivesse viva, a

¹ Isaías 64:6: “Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundícia; e todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades como um vento nos arrebata”.

cada minuto eu seria tentada pelo Inimigo, pois outra constante no discurso religioso era a de que o Diabo não teria interesse em você se você não tivesse se entregado a Deus. O momento em que você se converte e passa a se dedicar a ser o melhor cristão possível, é também o momento em que você passará a ser alvo do Demônio.

Então, como crente você se encontra nesta berlinda no mínimo complexa: por um lado, se você aceitou Jesus como seu único Senhor e Salvador, teoricamente estará livre de influências malignas, terá todas as bênçãos da vida presente e ainda uma Eternidade de alegria... Mas simultaneamente, mesmo pertencendo a Deus, o Diabo, por pura inveja e despeito vai fazer de tudo para te ganhar de volta...Soma-se esses fatores ao fato de que se você conscientemente escolher se desviar e dar as costas a Deus (ou diga-se de passagem à versão de Deus ensinada dentro de sua Igreja em específico, pois cada Igreja é um universo à parte em matéria de teologia e interpretações sobre a figura divina), você será punido de maneira ainda mais severa do que aqueles que nunca tiveram a mesma chance que você.² O interessante é que nem a Bíblia e

² Hebreus 6: 4-6: “É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para

nem os líderes nunca entraram nas especificações desta “dupla perdição” à qual os desviados (também chamados pela Bíblia de apóstatas) estão à mercê. Mas ela era constante na retórica religiosa e me assombrava constantemente.

Ainda sim, eu realmente acreditava que este tormento emocional era natural à crença e que estas escolhas e vivências eram baseadas em amor. Eu era grata por ter sido contemplada com a salvação e tampouco via meu zelo pela religião como obsessivo, mas sim como natural. Não estava fazendo mais que minha obrigação, honrando o fato de Deus ter olhado por mim e me incumbido da missão de todo cristão: ser luz em um mundo perdido. Foi com esta mentalidade que encarei minha mudança para Pelotas em 2012, sabendo que deveria lutar para manter minha fé e meu relacionamento com Deus, além de considerar a chance de finalmente poder me graduar como uma benção esperada por muito tempo. Eu sabia que encontraria dificuldades, no entanto não desconfiava que meu maior temor se tornaria real cerca de um ano e meio depois desta mudança: que eu me desviaria, e que este desvio seria totalmente intencional.

1.2 O desvio

arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia”.

Creio que a maior ironia no meu processo de desvio, ou afastamento da fé, foi justamente o fato dele ter derivado de meu zelo cuidadoso para com o estudo da Bíblia e de minhas tentativas de me manter em sintonia com o discurso religioso evangélico/protestante.

Ao chegar a Pelotas e iniciar meus estudos, o choque foi praticamente instantâneo: meu círculo social se expandiu e conheci pessoas com crenças e visões de mundo diametralmente opostas às minhas e que por muitos anos fui ensinada a evitar e mesmo demonizar; tive acesso a bibliotecas, tanto a municipal quanto a da Universidade e pude ler sobre história, ciências, filosofia e mitologia, obviamente tentando manter um olhar neutro, mas ainda sim não imune à simples constatação de que a realidade e a História em si eram muito mais extensas e complexas do que me foi ensinado na igreja; e por fim; havia a Arte e sua diversidade de linguagens, olhares e pensamentos, que automaticamente me levava a vislumbrar uma expansão de horizontes que conflitava diretamente contra os paradigmas tão fechados e cuidadosamente mantidos por mim até então.

Aos poucos fui sentindo que a visão simplista da vida que havia zelosamente cultivado e mantido estava ruindo e dando lugar a uma curiosidade que há anos tinha me acostumado a considerar diabólica. Ainda sim, buscava manter

minha rotina de leitura, oração, devoção, jejum, habitando aquele círculo vicioso mencionado anteriormente. Costumava viajar para Canoas a cada duas semanas e nessas ocasiões, sempre buscava comparecer aos cultos e reuniões de jovens de minha congregação, pois ainda que morando longe, continuava me considerando membro. Porém as questões persistiam. As coisas estavam realmente confusas e senti como se perdesse meu chão. Entrei em crise.

Quando uma pessoa realmente devota entra em um processo de afastamento da crença, ocorre uma grande fratura em seu senso de identidade, pois por anos ela se acostumou a efetuar um cuidadoso processo de “curadoria” com relação a todos os fatores de sua personalidade, desde coisas simples até gosto musical, passando pelos livros que lê e chegando aos laços sociais que cultivava. Acredito que esta fratura se torna mais intensa quando tal construção detalhada se deu em uma fase de formação e afirmação, como a adolescência. Eram, afinal, paradigmas que davam sentido à minha realidade, norteavam emoções e influenciavam escolhas. Quando senti que estes conceitos começavam a não ter mais lógica, eu realmente lutei para mantê-los, pois a simples idéia de me desviar me aterrorizava com imagens do Inferno e de um Deus irado me fazendo pagar pelo desperdício de sua graça e do sangue de Jesus. Durante os últimos anos em que congreguei

antes de vir para Pelotas, por variadas vezes durante as reuniões de adolescentes, um dos pastores ia à frente e declarava que havia tido alguma visão envolvendo determinado jovem que se não deixasse de ter “um pé no Mundo e outro na Igreja”, em pouco tempo estaria perdido pra sempre, como tantos jovens se perdem para as tentações do Mundo.³ Meu maior terror era ter este destino.

“Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo”, afirma Hebreus, capítulo 10, versículo 31.

Este pavor me fazia ouvir sermões pela internet constantemente; primeiro aqueles gravados em minha antiga igreja, e depois de outros pastores que serviam como referência à linha de pensamento de minha congregação. Eu tinha este hábito de forma bem menos constante, quando morava em Canoas e percebia interpretações conflitantes ao comparar discursos, porém, tentava passar por cima dessas inquietações. Em Pelotas, porém, o incômodo se tornava forte

³ O pastor que constantemente fazia estas observações nunca esclarecia a identidade deste jovem e nunca dava grandes detalhes sobre o que iria acontecer, mas suas declarações sempre surtiam grande efeito em meio aos presentes. Hoje em dia percebo que era uma tática de abuso emocional, pois estas afirmações sempre surgiam quando as reuniões terminavam calmas, isto é, sem pessoas chorando no chão. Então, ele decidia ir à frente e não encerrava os encontros até que houvessem jovens caídos, gritando e chorando copiosamente em nome de Deus. Anos depois descobri que ele assediava mulheres na rua.

demais para ignorar e eu constantemente me pegava questionando que se esse Deus era tão consistente e tão fiel à sua Palavra, por que a mesma era tão sujeita a diferentes interpretações? Especialmente se a visão correta das Escrituras e da liturgia pode significar a diferença entre a Eternidade no Paraíso ou no Inferno?

Recorri também aos livros, tentando acalmar minha angústia existencial que já começava a corroer minhas emoções cotidianas, me fazendo exteriorizar estas preocupações com amigas que fiz no curso. Isto não acontecia em Canoas, em parte por não querer transparecer meus conflitos de fé aos colegas de congregação – muito da função social no ambiente religioso é baseado na aparência de um bom relacionamento com Deus e de uma boa saúde emocional – mas também porque em Pelotas me senti confortável ao encontrar colegas em situação parecida. Ler material religioso evangélico passou a ter o efeito parecido com o das pregações: visões conflitantes, cada qual declarada e apoiada como única passível de crédito. E havia o agravante que encontrava ao consultar livros de História, que me mostravam de forma didática as inconsistências relacionadas à narrativa bíblica quanto a diferentes questões como geografia, arqueologia e fatos científicos.

A leitura também me trouxe o conhecimento sobre outras crenças que, pela primeira vez, me permiti admitir, haviam surgido milênios antes do Cristianismo, ou do Judaísmo. Sabendo disso eu voltava ao antigo dilema “então Deus permitiu que todas essas civilizações, que todos esses trilhões de pessoas, gerações incontáveis, se perdessem? Mesmo que nenhuma delas pudesse ter tido a chance de conhecê-Lo e de segui-Lo corretamente? Todos foram para o Inferno?”. Nesses momentos uma fraca voz dentro de mim achava certo consolo na afirmação universalista de que o mesmo deus se relaciona com os humanos através de todas as religiões, só mudando seu nome. Este pequeno “respiro” era logo silenciado pela culpa em me lembrar o desprezo e o tom de advertência com que os líderes de minha igreja falavam sobre esta linha de pensamento, chamando-a de diabólica e perigosa.

“Só existe **um** caminho correto.”

E logo, minha mente voltava ao mesmo estado de angústia.

O convívio no curso de Licenciatura em Artes Visuais, também me trouxe a consciência social e de que os caminhos que as pessoas tomavam eram motivados por razões muito mais complicadas do que simplesmente “querer pecar por preguiça” ou por “odiar o único Deus verdadeiro”. Também

aprendi que o mundo não era um lugar justo para variados grupos de pessoas. Um deles era o das mulheres, e que era preciso mudar este quadro, e que muitos dos conceitos que tornavam o mundo um lugar tão hostil para pessoas que não se encaixavam em determinados padrões, tinham suas raízes na teologia judaico-cristã. O contato com o pensamento feminista me fez olhar de frente para uma série de tópicos que eu até então encarara ou com desprezo e arrogância. No melhor dos casos, em meus tempos de religião eu optava por ridicularizar as feministas, baseando-me nos motivos mais fúteis, como senso estético. No pior, eu realmente sentia um misto de ódio e medo, pois havia aprendido a considerar tanto o feminismo quanto outros movimentos sociais como subversivos à “ordem estabelecida por Deus”, e a ascensão dos mesmos era um sinal do Fim dos Tempos. Pela primeira vez eu li *A Bíblia da Mulher*⁴ com senso crítico alinhado às minhas recentes experiências e me perguntei qual lógica existia em crer que eu deveria me submeter a uma extensa cartilha comportamental (da qual os homens estavam livres) e por quais razões deveria me contentar em cultivar pouca ambição pelo simples fato de ter

⁴ Bíblia especialmente voltada ao público cristão feminino. Possui a narrativa bíblica na íntegra (de Gênesis a Apocalipse), mas também outros textos como devocionais, dados geográficos e amplo material teórico sobre os parâmetros cristãos para a feminilidade.

nascido mulher por supostamente descender de alguém que buscava conhecimento. Aliás, por que era pecado buscar sabedoria e questionar a diferença entre o bem e o mal? Mais do que isso: por que esse Deus tão sábio havia dotado o ser humano de curiosidade depois de ter escolhido plantar a Árvore do Conhecimento no MEIO do Jardim do Éden?

E assim sucessivamente.

Acredito que faltariam páginas para listar todos os conflitos de consciência que encarei, mas busquei resumir as maiores questões da forma mais coerente possível, até porque tanto minha experiência religiosa quanto meu desvio foram formados por inumeráveis fatores. Afinal, se tratavam de questões internas; de sentimentos e pensamentos que vem e vão e dão a volta na infinidade dos segundos conscientes que marcavam a mentalidade de alguém que priorizava a religião em detrimento do próprio bem-estar mental.

Um dia, voltando da aula, passava pelo processo familiar de repassar mentalmente meus pecados, medos e arrependimentos, sentindo a angústia diária de ser uma cristã em idade “vulnerável”, vivendo, como diziam meus líderes, as “tentações dos últimos dias”. Tomada pela angústia de sempre, mais uma vez eu refletia sobre quais seriam as razões de Deus ter me permitido viver até a juventude, se eu enfrentaria o amadurecimento e todas as questões biológicas, sentimentais e

intelectuais resultantes. Por mais mórbido que pareça, esse sentimento de irritação com Deus pelo fato dele não ter me levado quando ainda era criança e sem pecados ⁵era constante e encarado por mim com naturalidade.

“Se era pra eu entrar nessa crise existencial, questionar Deus, me desviar e me perder, por que então não morri quando ainda era inocente? Aliás, se Deus me ama, por que Ele permita que eu passe por essa angústia sem fim?”

Por fim, me perguntei:

“Vai ser desse jeito até o fim? Todos os dias?”

Foi então que eu percebi de forma súbita e clara que eu não precisava carregar esse fardo se não quisesse. Por mais óbvio que possa parecer, pela primeira vez durante esta crise que já durava mais de um ano eu me dei conta de que já tinha tido o bastante.

“Não precisa ser.”

De repente, pela primeira vez eu realmente me dei conta disso sem automaticamente ser assolada pelo medo e pela

paranóia. Eu não senti a angústia e o temor tão familiares. Não sei explicar o motivo exato desta súbita conclusão – a de que eu não precisava continuar naquele tormento se eu não quisesse – que cheguei, e menos ainda, da tranqüilidade que senti. Foi como se uma chave fosse virada dentro de minha mente. Simplesmente decido que já havia tido o bastante e que não valia mais a pena ter meus dias consumidos por aquele medo sobrenatural. Eu não tinha mais que seguir aquele Deus.

1.3 “E agora?” ou “O quê fazer com o ressentimento?”

Quando cheguei ao insight de que não precisava mais viver com a crença, foi como se um peso gigante saísse dos meus ombros. Eu estava extremamente aliviada. Porém, logo em seguida, fui tomada por um ressentimento avassalador. Eu estava furiosa.

Passei dez anos cantando nos cultos que era “livre” de verdade, por não seguir um suposto padrão diabólico que a sociedade seguia em escala mundial e por estar ciente das armadilhas de um Inimigo que queria minha perdição. Me sentia protegida e inclusa em um grupo social, com o diferencial de que tal grupo era o “correto” para se estar, pois seus integrantes viviam de acordo com valores verdadeiros e eternos. Acreditava que não valia a pena me lamentar pela minha adolescência obtusa e cheia de negações e temores, pois

⁵ Um assunto (entre os tantos) que gera intenso debate entre as inúmeras linhas de pensamento teológico cristão é este: Deus condena as crianças, os bebês ou os fetos ao Inferno? Algumas congregações acreditam que sim, pela Bíblia defender que cada humano já nasce carregando a culpa do Pecado Original (um dos exemplos está em Salmos 51:5: “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe.”). Já outras pregam que como Deus é justo, Ele jamais condenaria ao sofrimento um ser humano que não teve a chance de adquirir ciência sobre o pecado, e que portanto ainda é puro. Minha igreja defendia a segunda hipótese.

todo o esforço valeria à pena. Eu seria contemplada com a vida eterna. Isso era liberdade.

Quando percebi que esta “liberdade” nada mais era do que a adesão a um amplo sistema de regras, privações e mandamentos escritos, re-escritos e interpretados por uma série de homens que dotaram estes dizeres da leitura que mais os aprazia para reger o grupo de pessoas que comandavam (geralmente em benefício próprio), e que tal sistema era tão mutável, plástico de acordo com as tendências seguidas por cada denominação, em cada época, e passível de interpretações que melhor contemplam aquele privilegiado o bastante para ocupar o púlpito, eu entrei em um estado de constante raiva. Todos os livros que joguei fora, todos os lugares que deixei de ir, toda a arte que descartei ou deixei de criar, todas as músicas que deixei de ouvir, todos os filmes que deixei de assistir, todas as noites em que chorei por gostar de um rapaz não crente, todas as amizades promissoras que não cultivei por acreditar que eram “do Mundo”. Todas as coisas que deixei de viver por perseguir uma miragem, e mais do que isso, o quanto o mundo inteiro foi e é afetado por pessoas que propagam estes valores; que matam, espancam, segregam, demonizam, destroem e mutilam em nome desta miragem, e ainda possuem a audácia de chamar tal violência de “Amor”, com A maiúsculo, pois

deriva do único Deus “verdadeiro”... Aderi ao ateísmo militante.

Um sentimento de inclusão chegou a mim quando me permiti ter contato com o ateísmo. Com ávida curiosidade fui à Biblioteca Pública e peguei emprestado um dos livros “proibidos” de minha época religiosa; *Deus, um delírio*, de Richard Dawkins. Foi como ler todos meus pensamentos, indignações e questionamentos mais aterrorizantes impressos no papel. Outros comunicadores ateus que usavam a plataforma do YouTube também pareciam estar repassando cada pensamento penoso que eu tive durante os anos de crença, especialmente aqueles que eu tinha aprendido a demonizar e afastar com lágrimas de real arrependimento por ter ofendido a divindade que precisava agradar. Todas as angústias, medos, inquietações e indignações a respeito da doutrinação religiosa estavam expostos na internet e finalmente me permiti olhar. Dizer que me senti representada seria um eufemismo. Percebi que toda a raiva que guardava deveria fluir para algo produtivo, no entanto, eu ainda não tinha maturidade o bastante para perceber que o melhor uso dessa energia não estava em discutir com crentes desconhecidos através de redes sociais. Porém, eu o fiz, e embora me irritasse por ver nessas pessoas um reflexo perfeito do que eu havia sido, eu também sentia satisfação. Sabia as

respostas para cada frase pronta que eles usavam, pois eu mesma as havia declarado com a confiança que só a fé cega pode prover, acompanhada da certeza de que estava honrando o meu Deus e de que seria recompensada por defendê-Lo de internautas hereges (sem me permitir questionar as razões dEle mesmo não se defender, já que era tão poderoso e onipotente). Durante esta fase mais raivosa me acalentava o fato de me sentir “vingada” por supostamente proporcionar a tais pessoas uma eventual crise de fé, contestando a mentalidade que elas defendiam com tanto ardor. E se isso não ocorresse, ao menos tinha descarregado um pouco da fúria que possuía. Não era saudável, mas por certo período, foi efetivo, como uma catarse.

Com o tempo, porém, comecei a me questionar sobre até onde essa atitude me levaria. Ao conversar com minha amiga, que também havia freqüentado a igreja comigo (e se desviado poucos anos antes de mim) especulávamos sobre a possibilidade de criar um blog, ou um canal no YouTube para dar conta de todo esse material que repassamos entre nós com freqüência. Porém, decidimos que esta não seria a melhor opção, ao menos naquele momento. No entanto descobrimos que a reflexão sobre a vivência que havíamos compartilhado na igreja e o “desvio” que tínhamos tomado estava presente em nossas vidas acadêmicas: pra ela nos trabalhos do mestrado

em biologia sobre os efeitos do pensamento judaico-cristão sobre os modos de produção e conseqüentemente sobre o meio-ambiente; pra mim em meu TCC da graduação em Licenciatura em Artes Visuais, onde eu investigava relações entre o fazer artístico e a experiência religiosa.

Ao me formar, percebi que queria continuar abordando estas lembranças que me marcaram tanto. Já estava decidido que eu tentaria entrar no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais na linha de pesquisa de Poéticas. Sendo assim, o próximo passo natural seria dotar o pré-projeto da temática que contemplasse este sentimento que eu desejava tanto explorar como artista. Quando passei no processo seletivo, me senti extremamente realizada: finalmente poderia dar voz a toda angústia, medo, indignação e demais sentimentos que fizeram parte de minha caminhada de doutrinação/desvio. Mal sabia eu que as dificuldades surgidas desta escolha se mostrariam tão complexas.

1.4 Tentando estabelecer uma poética

Em 2012 entrei no curso de licenciatura sendo adepta de uma crença rígida e possuindo uma visão igualmente excludente sobre as linguagens nas Artes Visuais. Em 2017 me formei, desligada da crença religiosa e com o horizonte expandido sobre a arte, já tendo perdido muitos preconceitos

com relação às suas manifestações contemporâneas. Me sentia pronta para ingressar no mestrado, e de fato, consegui. Entrei na turma seis, no segundo semestre de 2017. E mesmo formada em licenciatura, optei pela linha de pesquisa de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, ao invés de Educação em Artes e Processos de Formação Estética. O que eu mais desejava era trabalhar de forma poética sobre o tempo em que passei na igreja, e foi propondo esta temática em meu pré-projeto, que consegui ser selecionada.

Eu pensava estar livre – ou ao menos já estar possuindo uma visão mais flexível – de paradigmas. No entanto, eu me depararia com algumas questões bem complicadas na construção de minha dissertação, especialmente, em sua porção poética.

Recém saída da graduação em artes, eu acreditava que deveria trabalhar apenas por abstração, isto é, criar minha produção poética sem usar da literalidade das imagens ou das palavras para me comunicar. Tentando expressar as variadas questões internas ligadas às vivências que pautaram minha escolha temática por meio da arte contemporânea, eu pensava ser necessário dotar minha produção de uma linguagem mais difícil de ser lida pelo espectador imediatamente, de uma forma quase que “criptografada”. Por exemplo, se em minha adolescência me senti oprimida pelos conselhos rígidos (e

geralmente sem sentido) que minha discipuladora me passava, eu, como “artista contemporânea em formação”, não podia pintar um quadro figurativo que representasse tal momento de minha vida...O “certo” seria me expressar de uma forma mais “abstrata”, com formas ilegíveis, cuja interpretação coubesse ao espectador (que, eventualmente teria noção de minhas reais inspirações). Deveria ser algo “aberto”.

Sem perceber, comecei a carregar paradigmas sobre como expressar minha temática, que rapidamente se transformavam em dogmas muito parecidos com aqueles que eu já havia carregado quando mais nova, causando angústia similar.

Mesmo tendo à disposição não apenas o repertório aprendido durante as aulas, mas também os catálogos e livros referentes a grandes artistas contemporâneos, além de visitas eventuais a galerias e museus, eu me sentia perdida. Não compreendia a lógica que levava, por exemplo, Nuno Ramos, a se expressar sobre o massacre do Carandiru através da instalação *111* (1992). Isto é, lendo sobre a obra e tendo acesso às palavras do artista, eu conseguia entender seu intento e a poética que empregou sobre tópicos como morte, violência, impunidade policial e desigualdade. O que me causava real nervosismo, porém, era não compreender o processo íntimo que levou o artista a abordar aquele tema (composto por uma

miríade de questões) através daquela escolha de materiais e técnicas. Ele poderia ter pintado uma tela, feito uma escultura ou uma montagem a partir de fotos e reportagens publicadas sobre o ocorrido. Mas algum insight o levou a usar paralelepípedos, breu, vaselina, metal, vidro, ouro, fumaça e fotos de satélite. O resultado era atmosférico, fantasmagórico, aterrador, triste, revoltante e mais uma série de adjetivos, pois não havia como ficar indiferente à obra. Justamente esta combinação de conceito, técnica e sentimentos por trás do processo, não apenas no caso de Ramos, mas no fazer artístico contemporâneo como um todo, que me era extremamente fascinante, enigmática e inacessível.

Na verdade, me parecia quase que espiritual, me lembrando em particular o que meus líderes comentavam sobre o Batismo no Espírito Santo. Segundo este dogma (alvo de intenso debate entre diferentes congregações e linhas teológicas protestantes), só estavam realmente autorizadas e capacitadas a realizar a obra de Deus as pessoas que haviam passado por esta experiência transcendente: uma espécie de transe, não raro acompanhado do falar em línguas e do desmaio, e que vinha como resultado da real dedicação do crente. Estes sinais mostravam que a mão de Deus realmente estava sobre elas e que seriam excelentes no que empreendessem em nome d'Ele, pois haviam conseguido

atravessar uma espécie de “véu metafísico”, que permitia um contato direto com o divino, adquirindo um dom cuja compreensão estava além deste mundo. Uma de minhas angústias naquela época era a de não conseguir alcançar aquele nível de êxtase e desprendimento do mundo físico, mesmo me dedicando de forma prática e sincera (orando, jejuando, estudando a Bíblia e etc.). Ao pesquisar sobre Marina Abramovic, Louise Bourgeois, Leonilson e outros nomes da arte contemporânea que chamavam minha atenção, conclui que alguma “mágica”, na falta de uma palavra melhor, havia acontecido para que conseguissem se expressar de forma tão marcante, espontânea e criativa. Era uma espécie de “inveja” muito similar à que sentia na minha época religiosa em relação às pessoas batizadas no Espírito (algo que nunca fui). Perceber que de certa forma eu voltava a tal mentalidade me foi extremamente desconfortável, pois significava que eu simplesmente, por mais que me dedicasse, não conseguiria alcançar a mesma excelência no meu processo criativo. Este “poder” de auto-sugestão negativa ainda era altamente potente dentro de mim...

No mais profundo de meu ser, eu simplesmente desejava pintar um quadro, ou bordar um vestido com as palavras estranhas que eu tinha ouvido durante minha fase religiosa. Eu desejava ser didática e direta sobre as histórias

que ansiava contar. Isto, no entanto, me estava “proibido”. Eu deveria trabalhar a partir da arte contemporânea, e, na minha visão, isto implicava abstração e código. Eram estas características que dotariam minha poética de “validação” e de “profundidade”, como “verdadeiras obras de arte contemporânea”. Resolvi tentar, então, ir por este caminho. Se eu precisava me expressar através de meios menos legíveis e de materiais mais alternativos do que uma tela pintada, então eu partiria do começo, isto é, do que me estava disponível fisicamente. Foi assim que me apropriei de objetos variados (livros, fotos, enfeites) que usei e com os quais possuía uma ligação pessoal durante o período em que estive imersa na religião.

Essa constitui a primeira fase em meus esforços para estabelecer um processo de criação, que cronologicamente abrange praticamente o período de um ano, de 2017/2 a 2018/2.

1.4.1 Antes/Durante/Depois

Ao refletir sobre a sensibilidade presente no ato de criação artística, em seu livro *Estética Relacional*, Nicolas Bourriaud comenta que a obra de arte contemporânea “vai além de sua forma material: ela é um elemento de ligação, um princípio de aglutinação dinâmica. Uma obra de arte é “um

ponto sobre uma linha” (2009, p.29). Pensando sobre o impulso que me leva a escrever e a *tentar* estabelecer um processo de criação poética em torno dos meus anos de vivência religiosa, me deparo com o desafio que está em criar tal junção teórico/artística entre a pessoa que eu era e a pessoa que eu sou.

Através de objetos concretos, trabalho na primeira tentativa de desenvolver uma poética que contemple meus objetivos. Em uma tela de linho de 18 por 24 centímetros, estabeleço quatro fileiras de miudezas. Tratam-se de bijuterias e enfeites que à primeira vista parecem aleatórios, mas que através de um olhar mais demorado, tornam por revelar uma certa ordem pela maneira com que estão instalados sobre o tecido.

- Três anéis: um solitário com uma pedra olho de gato, uma aliança prateada e uma aliança dourada de aspecto trançado;
- Três pingentes de coração: um de porcelana com um padrão antiquado, um de cristal cor de rosa multifacetado e um de pedra ametista presa por arames;

- Três broches: um com o brasão do Rio Grande do Sul, outro com o brasão da aeronáutica e um último redondo com o símbolo feminista;
- Três pingentes de formatos variados: uma cruz de ágata verde, um peixe (símbolo do cristianismo) e um cavalo em posição de galope.

Este pequeno acervo de variedades pessoais recebe o nome de *Antes/Durante/Depois* e é o número de palavras em seu título que permite a melhor interpretação e que também auxilia o olhar a descobrir a própria poética por trás de seu feito. Não se tratam de quatro fileiras horizontais, mas sim de três fileiras verticais, que na singularidade de cada peça, ajudam a contar uma história particular servindo como símbolos para três diferentes fases de minha vida, sendo *Antes* o período de minha infância/pré-adolescência (até os 14 anos), anterior à minha total imersão no modo de vida religioso, *Durante* a adolescência e início da juventude (dos 14 aos 23 anos), quando mais me dediquei à crença evangélica, e, por fim *Depois* os anos posteriores ao meu desligamento da igreja.



Figura 01- *Antes/Durante/Depois*, 2018. Linha e objetos variados sobre tela de linho. 18x24 cm. Fonte: Acervo pessoal.

Ao criar esta peça, buscava uma espécie de “guia” para os trabalhos subseqüentes; uma seleção de “totens” que fizessem referência às vivências experimentadas antes, durante e depois meu período dentro da igreja, concatenando – ainda de maneira muito incipiente – as diferentes fases e mudanças de personalidade que inevitavelmente acompanharam meu processo de amadurecimento.

Em *Antes*, ou, na primeira fileira:

1. Um anel de olho de gato, comprado em 2004, em um pequeno bazar de variedades;

2. Um pingente de porcelana com uma estampa que lembra a de louças antigas, comprado em 2005, durante a Expointer, em Esteio;

3. Um broche com o brasão e as cores da bandeira do Rio Grande do Sul, que tenho desde criança e que portava com especial orgulho durante as comemorações de 20 de Setembro;

4. Um pingente em formato de cruz, feito de ágata verde polida, comprado em 2001 (ou 2002), muito antes de aderir à fé institucionalizada, por motivos de desejar um “amuleto de proteção”. Usá-lo, ou mesmo, carregar ele guardado no bolso durante minhas constantes visitas ao dentista me deixava menos nervosa.

Em *Durante*, ou, na segunda fileira:

1. Uma “aliança de compromisso” prateada, que ganhei de uma amiga (cujo pai possuía uma loja de bijuterias), nos tempos de igreja. Servia como uma brincadeira relacionada com a ânsia adolescente por um namorado. Este sentimento era (e ainda é), fonte de constante angústia entre as (os) adolescentes do meio cristão, pois a área sentimental é permeada de tabus no meio evangélico gerando intenso embate entre diferentes congregações e linhas teológicas sobre o que é “aceitável” ou não entre casais não-casados (e às vezes até entre marido e esposa). Existem incontáveis cartilhas comportamentais sobre como relacionamentos românticos devem ser vivenciados, permeadas por regras das mais diversas naturezas que não raro estão ligadas a questões de gênero (isto é, certas atitudes são inaceitáveis para mulheres e debatidas à base da exaustão em círculos femininos, enquanto com relação a homens sequer entram em pauta, pois são encarados com naturalidade). Ríamos então da possibilidade remota de se conseguir um parceiro;

2. Um pingente em formato de coração, em cristal rosa multifacetado. Moda durante a primeira década dos anos 2000, sendo muito apreciado pelas adolescentes, inclusive as do meio evangélico, por conta de sua aparência romântica. Na verdade, todos os aparatos de moda que carreguem características ligadas a conceitos clássicos da feminilidade

(delicadeza, modéstia, romantismo e a própria cor rosa) eram/são valorizados e encorajados como produto de consumo ao público feminino cristão, justamente para reforçar os estereótipos tradicionais de cada sexo perpassados não apenas culturalmente, mas também imbuídos de um caráter sagrado quando aliados à crença;

3. Um broche com o brasão da aeronáutica brasileira, comprado no final de 2010, durante um show da Esquadilha da Fumaça na Base Aérea em Canoas;

4. Um pingente com o tradicional símbolo do peixe cristão, que comprei na lojinha de presentes de minha igreja em 2007, durante meu período de maior engajamento na vida religiosa.

Em *Depois*, ou, na terceira fileira:

1. Uma aliança dourada, de feitio trançado, que possuo desde que me conheço por gente, mas que passei a usar depois de iniciar meu atual namoro, pois fui “re-presenteada” com ela pelo meu namorado numa brincadeira relacionada à nossa falta de dinheiro para comprarmos alianças verdadeiras;

2. Um pingente de ametista rolada, que pode ser preso à gargantilha por um intrincado padrão de finos arames, que eu mesma confeccionei em 2013, e que usei durante o primeiro encontro que tive com um pretendente. É um dos objetos que marcou minha saída da Igreja justamente por eu ter

renunciado totalmente à cartilha cristã dos relacionamentos românticos;

3. O objeto mais recente da coleção, um broche redondo com o símbolo do feminismo, que comprei em 2017, em uma banca instalada dentro dos corredores do Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas. Por anos minha ignorância me levava a desprezar tanto o feminismo quanto outros movimentos sociais, pois os via como “afrenta à ordem estabelecida por Deus para o bom funcionamento da sociedade”. Hoje em dia reconheço a vital importância de tais correntes de pensamento, pessoalmente no que tange às condições experimentadas por mim como mulher;

4. Um pingente que ganhei de minha irmã em 2015, em forma de cavalo galopando. Creio ser o objeto mais marcante do acervo, pois denota a liberdade que possuía quando criança (época em que era obcecada por cavalos), retomada no início da fase adulta depois de um hiato de quase dez anos.

Esta simples seleção de objetos me auxilia no processo de resgatar as lembranças de um período essencial para minha formação como pessoa. Tê-los ao alcance dos olhos serve como um dispositivo ativador de pensamentos, sentimentos, impressões e sensações que me guiarão ao longo do processo teórico e poético de explorar, criar e trabalhar em cima deste

intrincado material que escolhi como base para minha pesquisa.

Penso que o caráter “taxonômico” de tal peça carrega certa influência das poéticas visuais confessionais de Leonilson, pois da mesma forma busco utilizar de delicados recursos materiais para dar vazão a questões particulares.

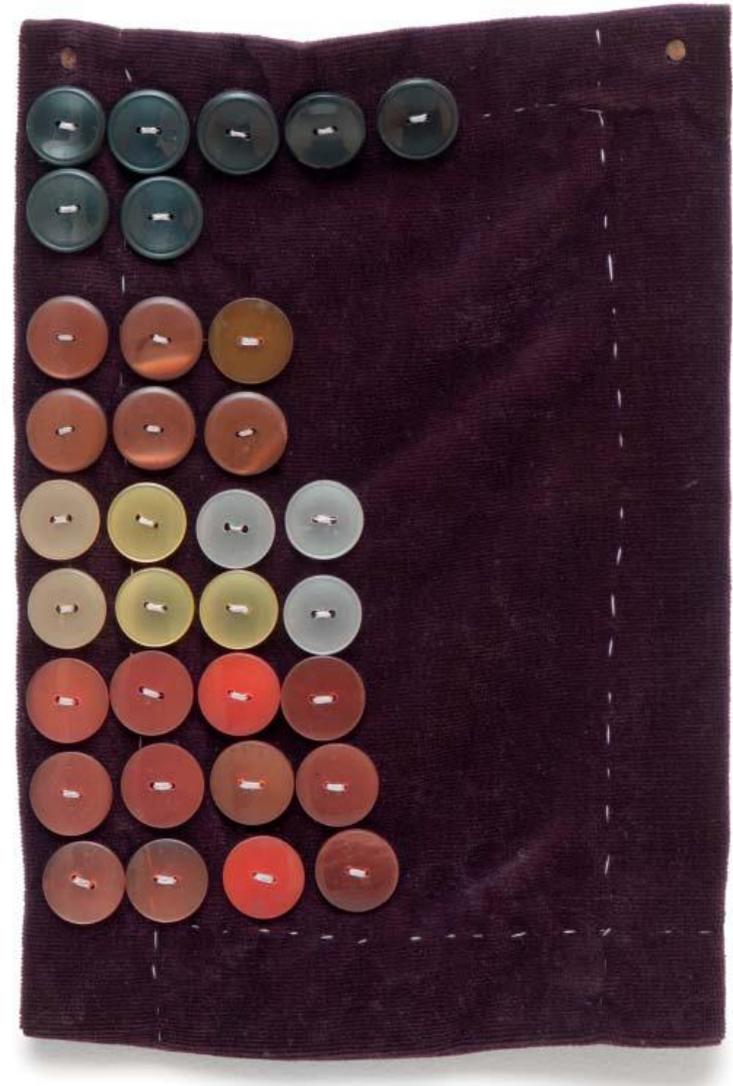


Figura 02 - sem título, Leonilson, c. 1988, bordado e botões sobre veludo, 24,5x17 cm. Fonte: iberecamargo.org.br

Ao refletir sobre a produção do artista, o crítico e curador Ricardo Rezende (2012) comenta:

A obra como um lugar confessional para Leonilson é repleta de índices taxonômicos: listas, números, coleções, símbolos, repetições. Seu legado se constitui como um grande arquivo, impregnado de memória viva, classificações, vida e transposições. (...)

A presença do caráter colecionista em sua personalidade e trabalho se evidencia no acúmulo (...). A delimitar todo esse trajeto e costurar todos os pontos encontra-se a vida, o secreto, o particular, o romântico, que migrou de forma fluente e poética de seu cotidiano para sua produção artística no decorrer de mais de uma década de produção artística. (2012,p.19)

Penso que como artista em formação, consigo encontrar certo apoio nas relíquias que conservo de uma época complexa, especialmente se meu impulso criativo me leva a explorar tais lembranças. Além de miudezas, fotos também acabam se tornando um combustível para experimentações, no que tange à particularidade de minhas experiências.

1.5 Discipulado

A pequena cartilha, encadernada de forma simples e com a capa laranja e preta escrito simplesmente “Jesus Cristo” resistiu bem aos anos. Trata-se de um “devocional”, ou seja,

um apanhado de textos voltados para a reflexão diária. Em 2004, estes caderninhos eram distribuídos pelos líderes do grupo de adolescentes aos membros, de forma bimestral, assim, para cada dia, havia uma mensagem de aconselhamento, entremeada por textos bíblicos, que o(a) jovem deveria ler em casa. Folheando, acabo por acidente me deparando com uma das mensagens referentes à temática do primeiro retiro que participei, não tanto pela memória, mas porque ao final do texto de três parágrafos, sob o título de “TUA MOCIDADE = PADRÃO DOS FIÉIS”. Abaixo, também em caixa-alta e entre parêntesis “LEMBRA DO RETIRO?”.

Lembro o máximo que a passagem de quatorze anos me deixa lembrar, especialmente a mensagem dada aos adolescentes recém egressos naquele grupo; a de que deveríamos ser exemplos. Não exatamente exemplos de boas pessoas no sentido pragmático, isto é, através da empatia e do respeito, mas principalmente, bons adolescentes *cristãos*, dentro da ideologia na qual estávamos sendo ensinados, o que abrangia uma série de particularidades e mandamentos, que só se faziam aumentar ou diminuir conforme a mais recente mudança ideológica que envolvia a liderança de acordo com a época (pois embora odeiem admitir, lideranças cristãs certamente seguem modismos).

Escolho me aproximar desta série de instruções, que podiam estar tanto nos textos didáticos da cartilha de devocional, quanto nas reuniões de discipulado, para buscar inspiração e trabalhar em uma poética que contemple tais normas de conduta.

1.5.1 Tiago 4:4

Não são poucos os textos que tocam no tópico “Nós X Mundo”. Chego na página 28, e sob o título “Amizade com o Mundo”, está a indicação de passagem a ser lida junto da reflexão, Tiago 4: 1-10. No entanto, em destaque está a segunda parte do versículo 4:4: “Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo, constitui-se inimigo de Deus”. Logo abaixo, o texto escrito por um dos líderes do grupo argumenta sobre as facilidades oferecidas pelo tal “Mundo”, isto é, pelo estilo de vida sem Deus, ou, sem a concepção “correta” de Deus, e o quanto vale a pena para nós, cristãos, lutarmos contra estes obstáculos e optar sempre por nos sujeitarmos a Deus e à sua Palavra (ou à interpretação “correta” dela). Parto deste texto para criar a obra *Tiago 4:4*, pertencente à esta série de obras chamada *Discipulado*.

Trata-se de uma caixinha de madeira de aparência rústica, medindo 8,5x 14 x 2,5 centímetros. Por fora ela está pintada de branco, mas por dentro, seu interior apresenta a

coloração natural do material, sendo disfarçada, porém, por um tecido transparente que cobre seu fundo, onde se pode ler em um bordado vermelho as palavras “*Wer der Welt Freund sein Will, der wird Gottes Feind sein.*” (*Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo, constitui-se inimigo de Deus*). Acima dos dizeres, há um pingente de pérola em formato de gota, e logo abaixo, uma pequena fivela cravejada de cristais falsos. Boa parte do interior do objeto encontra-se tomada por aglomerações de pérolas falsas de brilho cintilante, miçangas de vidro e cristais sintéticos multifacetados.

Lembro dos guardanapos e lenços bordados com que brincava em minha infância, quando na casa de minha avó materna, e resolvo bordar esta frase, em alemão, em um pedaço de voil branco. Escolho escrever a frase no idioma alemão por conta das raízes luteranas que minha igreja possuía na época em que comecei a frequentá-la. Concluo o bordado, já imaginando como integrá-lo a um objeto artístico que possa contemplar este apanhado de conceitos que fizeram e ainda fazem parte de minha vida.

Encontro em minhas gavetas uma diminuta caixa de madeira rústica que provém de uma embalagem de frutas cristalizadas que dei pra minha mãe. A aparência simples do objeto, marcado por veios e pequenas rachaduras me remete, de maneira estética, ao trabalho de marcenaria tão necessário

à vida dos primeiros luteranos a pisar no Rio Grande do Sul. Sei que meus antepassados (que segundo pesquisas efetuadas por minha mãe, vieram da Pomerânia), estavam entre eles. Vasculhando meus porta-jóias repletos de pingentes, presilhas, anéis e bijuterias, que eu costumava usar de forma muito mais profusa durante a adolescência, me deparo também com vestígios físicos de minha infância, como um pingente de plástico, em forma de pérola, que preendi no “teto” da caixa com o auxílio de um alfinete de costura. Acho também o pedaço de uma presilha cravejado de cristais falsos, além de pequenas pedrarias em strass e pérolas plásticas que remetem aos enfeites que gostava tanto de usar em meus anos de formação. Incluo este apanhado de pequenas lembranças na caixa e penso que consegui estabelecer uma ponte entre tantas versões diferentes do passado envolvendo minha história familiar.



Figura 03 – *Tiago 4:4*, 2018. Tecido, linha, cola, esmalte, cristais, miçangas de acrílico e madeira. 8,5x14,2,5cm. Fonte: acervo pessoal.

1.5.2 Exorcize o seu nome

Refletindo sobre os caminhos que minha congregação tomou ao longo dos anos em que fiz parte dela, me recorro dos procedimentos de mudança de endereço e de desligamento oficial da IECLB. Creio que foi em 2006 ou 2007. Ao que tudo indicava, as lideranças luteranas começavam a tomar posturas como ordenação de pastores homossexuais, além de terem restrições quanto a manifestações mais “barulhentas” de espiritualidade, entre outras coisas. Isso não agradou a alta cúpula de minha congregação, que junto à de outras igrejas também simpatizantes, acabaram por instaurar um movimento de cisma dentro da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil). Era hora de fundar uma aliança de igrejas que seguia a Bíblia de forma mais rigorosa, e que deixava o Espírito de Deus se mover de forma mais livre. Eu, já acostumada àquelas pessoas, familiarizada com os dogmas (que já não eram tão derivados do luteranismo germânico, mas do protestantismo pentecostal com influências norte-americanas), e cada vez mais moldada ao sistema que vigorava entre eles, acabei seguindo para esta nova denominação. Deixei de ser luterana e virei evangélica, de fato.

Através desta teologia diferenciada, surgiram também novas estratégias, adotadas pelos líderes encarregados de tomar conta do rebanho jovem. As pequenas cartilhas foram

deixadas de lado e uma tática mais efetiva e pessoal tomou o sistema: o discipulado. Tratava-se de pequenos grupos, separados por sexo, com não mais que três adolescentes que se reuniam semanalmente na casa do (a) líder designado. O caráter doméstico destes encontros estava justamente em proporcionar conversas íntimas demais para o grande grupo de jovens no ambiente da igreja, ou seja, éramos encorajados a trazer semanalmente ao nosso discipulador, não apenas as nossas preocupações mais “superficiais”, mas também a parcela mais secreta de nossos anseios, angústias, sentimentos e conflitos de amadurecimento.

Eu, na época com 16 anos, e mais duas colegas (uma delas, assim como eu, “desviada” e minha amiga até hoje) fomos designadas a uma jovem mulher, nove anos mais velha que nós e esposa de um dos pastores principais encarregados de coordenar o ministério de jovens. Eu e minha amiga (já que a terceira discípula quase nunca estava presente) visitávamos todas as sextas a casa de nossa líder, que, contando apenas com a sabedoria que havia coletado junto a seus próprios discipuladores e demais líderes dentro da igreja, sem possuir nenhuma noção de teologia, psicologia ou aconselhamento emocional, estava encarregada da sagrada tarefa de nos guiar pelo caminho estreito, orientando em todas as instâncias de nossas atribuladas vidas de adolescentes. Absolutamente

todas. Desde nossas dúvidas bíblicas, até nossas angústias com relação aos familiares não-convertidos à nossa crença (ou “Do Mundo”, como ela costumava chamar), passando por nossas “amizades perigosas” (isto é, com colegas não-convertidos), e chegando até os inevitáveis conflitos envolvendo sentimentos e sexualidade. Era tarefa desta jovem esposa de 25 anos, zelar pela pureza (especialmente a sexual) de adolescentes que ela conhecia a pouco mais de um ano. E ela levava tal tarefa, dada por Deus, muito a sério. E nós também levávamos a nossa.

Hoje em dia quando conversamos a esse respeito, eu e minha amiga quase sempre chegamos à pergunta “Como deixamos tais pessoas influenciarem de forma tão forte nossas vidas particulares?”. A conclusão que é que além da típica volubilidade presente na maioria dos adolescentes, também acreditávamos piamente na “autoridade espiritual” destes líderes, especialmente de nossa discipuladora: ela era “benção de Deus em nossas vidas”, um “instrumento que nos refinaria e nos aprimoraria para levar Jesus até outros jovens que também passavam por conflitos semelhantes”. Então, nada mais natural que a mesma tivesse acesso aos nossos segredos mais íntimos, e que se aceitasse sua interferência em cada aspecto de nossas vidas privadas. É a partir das “palavras sábias” de minha jovem conselheira que estabeleço este “livreto de artista” intitulado *Exorcize o seu nome*. A frase

surge de um dos numerosos conselhos voltados à minha pessoa, pois, meu nome, segundo minha líder, por pertencer a uma deusa pagã, estava embutido de uma “carga espiritual que poderia me afastar de Deus”. Eu deveria então orar, clamando a Deus que meu nome fosse livre de qualquer influência demoníaca, caso contrário, eu acabaria “voltando para o Mundo”. Fiz conforme o recomendado e também passei a assinar meus desenhos e pinturas com a letra inicial de meu nome, fazendo uma curva inusitada para remeter ao formato de um peixe, símbolo do cristianismo

As “palavras de sabedoria” de minha líder encontram espaço bordadas em linha preta sobre um tecido transparente, o mesmo usado em Tiago 4:4. Cada letra ocupando uma diminuta página de 6x6 centímetros. A primeira das delicadas folhas conta com um “D” em uma caligrafia arredondada, quase infantil. Já a última página possui outro “D”, porém em um formato mais “sofisticado”, inclinado para a direita. Uma das curvas da letra parece formar o contorno básico de um peixe. Abrigando as páginas, está uma capa feita de algodão branco, com acabamento em linha cor de rosa e apliques de minúsculas miçangas peroladas, tendo no centro uma flor feita de organza cristal colorida de rosa.



Figura 04 – *Exorcize o seu nome*, 2018. Linha, miçangas e tecido. 7x7x1cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figuras 05,06 – *Exorcize o seu nome* (primeira e última páginas) 2018. Linha, miçangas e tecido. 7x7x1cm. Fonte: acervo pessoal.

Penso que a personalidade empregada na realização desta série, mais uma vez ecoa a poética confessional de Leonilson. Resende comenta:

Os trabalhos funcionavam, nas suas palavras, como cadernos de anotações ou, como já dito, diários. Diários de uma intimidade revelada ao não fazer distinção do que seria público ou privado na sua obra. Expunha tudo nos seus trabalhos. (RESENDE, 2012, p.22)

Uma destas peças – e também um quase cartão de visitas no que tange à produção do artista – é *Voilà mon coeur* (*Aqui está meu coração*, 1989), que continua suscitando discussões até os dias atuais a respeito da dualidade entre expressão artística e exposição pessoal. Também surge como importante referencial a obra de Louise Bourgeois, especialmente em relação ao tom de enfrentamento com que a artista tratou da condição feminina em face aos valores patriarcais. Uma obra que particularmente escolho como aporte para minha poética envolvendo o formato de livros é *Ode à l'Oubli*, feito em tecido e contendo em suas páginas uma série de colagens, gravuras em litografia e aplicações em materiais diversos derivados de itens domésticos e pessoais.



Figura 07 – *Voilà mon coeur*, Leonilson, 1990, bordado, cristais e feltro sobre lona. 22x30 cm. Fonte: Acervo pessoal.

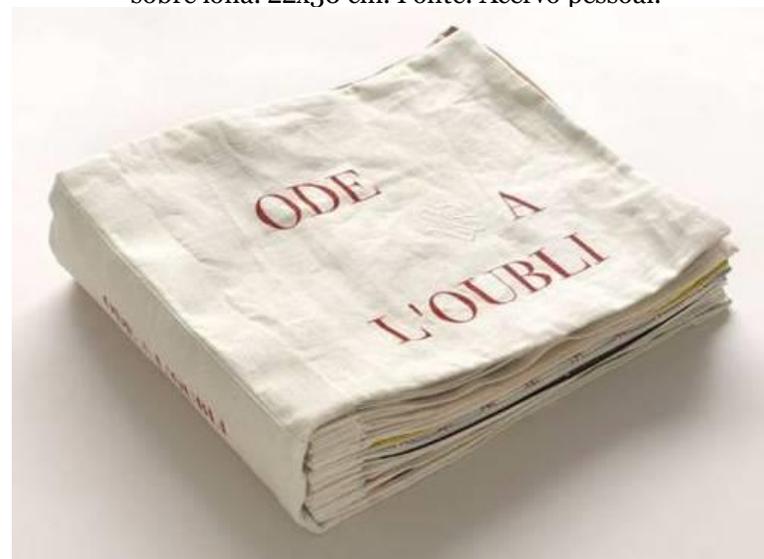


Figura 08 – *Ode à l'Oubli*, Louise Bourgeois, 2002, tecido, 29 × 32.5 × 5 cm. Fonte: www.moma.org

O tamanho diminuto vem da idéia de guardar os conselhos que recebia, tanto das cartilhas de Devocional quanto da boca de minha discipuladora e demais líderes, com especial ênfase nas mulheres, em espécies de relicários, que através de uma estética delicada e “feminina”, possam passar adiante o absurdo de boa parte deles. São orientações que vão além do simples exercício da fé: eles surgem como forma de manutenção da feminilidade. Sinto que existe uma potência poética muito grande a ser explorada nas orientações religiosas que eram especificamente voltadas ao sexo feminino. Uma cartilha comportamental muito mais extensa (e mais absurda) do que aquela direcionada aos nossos colegas homens, onde maternidade, virgindade, códigos de vestimenta, modos de se portar no público e no privado acabam por ganhar uma dimensão espiritual, pois, ao contrário dos homens, aconselhados de forma genérica a viver de forma honesta e trabalhadora, nós, como mulheres éramos doutrinadas a respeito de uma série de mandamentos, quase sempre nos responsabilizando a zelar, não apenas por nossos filhos, lar e casamento, mas também pela pureza do olhar de terceiros, sempre mantendo a modéstia e os bons costumes. A salvação da alma dos homens ao redor acabava por depender de nós de formas no mínimo inusitadas...

Como mulher em ambiente religioso cristão, esta “herança de Eva”, me acompanhava, e inevitavelmente acabou marcando minha feminilidade por muitos anos. Escolho então abordar poeticamente estes “conselhos” como forma de tratar deste passado, que tenho noção, não deixará de habitar em mim, porém me possibilitará lançar novos olhares.

1.6 Série Finas Jóias

***“Mulher virtuosa, quem a achará?
O seu valor excede o de finas jóias.”
- Provérbios 31:10***

A seguinte série de obras parte de uma poética elaborada especificamente sobre as instruções dirigidas ao público feminino, que embora oriundas de citações pertencentes a um compilado de textos datado de um período que, segundo estudiosos, vai de 1500 A.C. até 90 D.C., continuam sendo apresentadas às gerações atuais sob uma roupagem contemporânea. São orientações que giram em torno do “modo correto” de ser mulher, isto é, abraçando uma feminilidade regida por determinadas características tidas como ideais junto aos preceitos cristãos, tais como delicadeza, docilidade, modéstia, submissão, castidade, sabedoria para os assuntos da crença e do lar, bondade, coragem para andar de acordo com as ordenanças de seu Deus, entre outras.

O título desta série de obras em desenvolvimento provém da passagem *Provérbios 31:10*, onde o autor (tido por estudiosos como sendo o Rei Salomão), lança esta questão sobre a dificuldade de encontrar uma “mulher virtuosa”, que se enquadre em uma série de critérios aprovados por Deus, para em seguida comparar o valor de tal mulher ao de “finas jóias”. Nos próximos vinte e um versículos, ele cita as especificações que cercam o perfil desta mulher ideal, abarcando os cuidados com o marido, com os filhos e familiares, com o andamento da casa e as finanças, a caridade com os necessitados e o temor a Deus.

Em meus tempos de evangélica, presenciei inúmeras reuniões promovidas pelas líderes dos grupos de adolescentes e de jovens, que eram especialmente voltadas às integrantes femininas. Os tópicos giravam em torno da maneira adequada de nos portarmos como mulheres de Deus através de nossas roupas, palavreado, maneira de rir, de se movimentar, de se relacionar com amigos e familiares, de esperar pelo “príncipe” que Deus tinha reservado pra cada uma de nós, de não “murmurar” (palavra muito usada naquele círculo, em lugar de “reclamar”), de não parecermos “masculinas” ou “independentes demais”, de saber dizer “não” (já que, segundo os líderes, cabe à mulher estabelecer limites, pois o homem “não sabe se controlar”), de guardarmos nossa pureza

emocional e também sexual...Enfim, quando se é mulher e se quer fazer parte do Reino de Deus, existem muitas particularidades envolvidas na complexa tarefa de *existir*.

A Bíblia da Mulher – uma edição de estudo que junto à narrativa bíblica de Gênesis a Apocalipse, também possui textos explicando contexto histórico/social, notas de roda-pé contemplando assuntos diversos e mensagens de aconselhamento voltadas ao público feminino – faz o seguinte comentário sobre o segmento de *Provérbios 31:10*:

Essa passagem louva a “mulher virtuosa” (lit. “mulher de força”) na forma de um acróstico em que cada versículo começa com uma das 22 letras do alfabeto hebraico. Esse retrato divinamente inspirado da esposa ideal abrange: aparência agradável (v.22, que traz orgulho ao marido), caráter piedoso (VS.10-12, 17, 25, 30-31, sem uma atitude materialista), eficiência na administração do lar (vs.13-15, 21, 27, valorizando as tarefas domésticas), assistência ao marido (vs.11,23,28, principalmente quando ele está emocional e espiritualmente exausto), atenção para os filhos (v.28, entendendo a tarefa grandiosa de preparar a geração seguinte), interesse pela comunidade (vs.20,26), disposição para usar sua energia e criatividade (vs.16,18-19,24) e determinação para ser digna de honra e elogios (vs.28-31).(2003, p.830)

Escolho direcionar minha poética para um exame do perfil desta “mulher virtuosa”, partindo de *Provérbios 31:10,31*

e visitando outras passagens bíblicas que também contemplam a feminilidade.

As principais referências conceituais para este capítulo constam das poéticas empregadas por Zoë Buckman (1985) e Joseph Cornell (1903-1972). Ambos os artistas exploram questões muito distintas entre si: enquanto Buckman, que sob um viés feminista, se utiliza de materiais como restos de vestidos de casamento e toalhas de mesa para tocar em questões concernentes à condição feminina, Cornell, que possuía um perfil recluso, se apoiava em seus interesses pessoais envolvendo arquivamento, coleção e exibição de objetos diversos por meio de caixas com tampos de vidro.

As obras da artista inglesa Zoë Buckman que servem de especial interesse à consolidação de minha poética são as instalações *Let Her Rave* (2018) e *Heavy Rag* (2018).

A primeira obra surgiu do inquietamento da artista com os seguintes versos do poeta inglês John Keats (1795-1821), no poema *Ode sobre a melancolia* (1819): “*Or if thy mistress some rich anger shows/ Emprison her soft hand/ and let her rave/ And feed deep/ deep upon her peerless eyes.*” (*Ou se a amante alguma rica raiva demonstrar /Aprisione sua macia mão e à deixe delirar /E se alimente profundamente de seu inigualável olhar*). O incômodo de Buckman com os versos nasceu da mensagem do poema, que sugere na beleza feminina

da musa, uma saída para a tristeza do homem melancólico. Embora admire o poeta, a artista optou por enfrentar esta noção de feminilidade idealizada (que apresenta a mulher como um enfeite para deleite estético de seu amante, com as emoções particulares dela não sendo levadas em conta) apresentada por Keats. Ela, então se utiliza de tecidos finos, coletados de antigos vestidos de noiva para confeccionar e adornar luvas de boxe, sugerindo luta e força, ainda que saída de lugares considerados “delicados”. No conjunto também entram duas esculturas em neon, apresentando os versos de Keats, cujo o formato lembram alianças de casamento, além de telas feitas com os referidos tecidos.

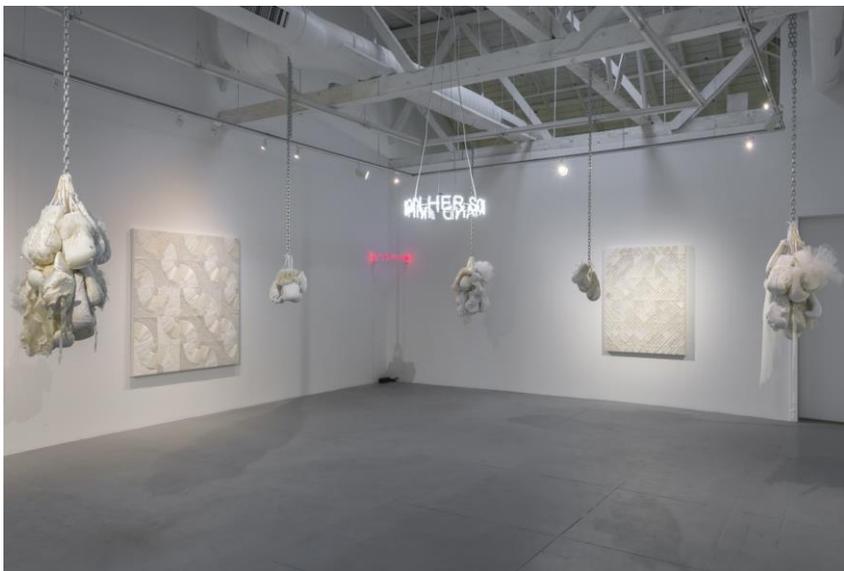


Figura 09 - *Let Her Rave*, 2018, Zoë Buckman, instalação. Fonte: www.gavlakgallery.com/exhibitions/zoe-buckman-let-her-rave

Heavy Rag, por sua vez, trata de assuntos da esfera doméstica feminina, como os afazeres do lar e a maternidade. Buckman coleta elementos deste cenário do cotidiano de muitas mulheres e os emprega em uma dualidade de opressão e empoderamento. Trata-se de uma instalação, de novo com luvas de boxe, que desta vez são forradas com toalhas de mesa, acompanhando um saco de pancadas envolto no mesmo material. Duas faixas de áudio tocam no ambiente; uma da artista treinando golpes de boxe e outra dela durante o parto

de sua filha. A poética aborda a força feminina, cobrindo o esforço empregado em diferentes instâncias da vida familiar.

Podemos notar que a artista se apropria de ícones marcantes da condição feminina dentro de nossa sociedade pautada em valores patriarcais, os mescla a elementos tradicionalmente ligados ao universo masculino e os transforma em novos objetos: instrumentos da mulher que usa o que está ao seu alcance para lutar por uma sociedade mais igualitária.



Figura 10 - *Heavy Rag*, 2018, Zoë Buckman, instalação. Fonte: www.zoebuckman.com

Desenvolvendo *Finas Jóias*, opto por usar materiais tradicionalmente ligados ao universo feminino, semelhantes aos escolhidos por Buckman. São tecidos finos, geralmente usados em vestidos de casamento e trajes de festa (organza cristal, voal, renda e tule), pedrarias delicadas (cristais, pérolas sintéticas e brilhantes de vidro e acrílico) e materiais de limpeza (esponjas de lavar louça e panos de prato). No entanto, os emprego em minha poética de forma diametralmente oposta à da artista, que os utiliza em seu enfrentamento contra o patriarcado: trago estes elementos como ícones indicadores de uma “feminilidade ideal”, imposta nos moldes em que a religião divulga, englobando os serviços domésticos, a delicadeza, a vaidade discreta e a pureza sexual como metas a serem almejadas e alcançadas.

Joseph Cornell foi um artista e cineasta experimental norte-americano, considerado um dos pioneiros da técnica de assemblagem, também trabalhando com colagem e escultura. Embora tenha ingressado no curso de Artes da Academia Phillips, não chegou a se graduar, pois as dificuldades financeiras da família o forçavam a permanecer em casa, cuidando do irmão mais novo Robert, que sofria de paralisia cerebral. Acabou tornando-se autodidata e gerando uma vasta produção, sendo boa parte das obras compostas por “caixas de sombra”, isto é, recipientes de madeira com tampas de vidro

que deixavam entrever seu interior de forma didática, como pequenas vitrines. A poética empregada por Cornell em suas caixas geralmente envolvia assuntos diversos de seu interesse, como cinema, arte, história e ciências variadas, o que denota uma produção muito rica de visualidades e sentidos. Um exemplo consta de *Untitled (Solar Set)*, de 1958, que apresenta tabelas, objetos esféricos e outros elementos que fazem menção a uma das paixões do artista, a astronomia.

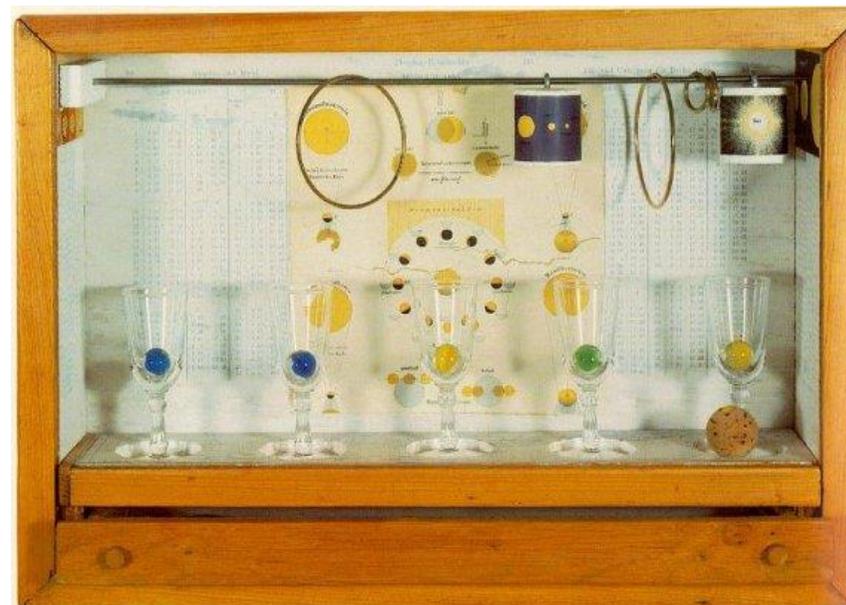


Figura 11 - *Untitled (Solar Set)*, 1958, Joseph Cornell, assemblagem, vidro, madeira, papel e metal, 23,5 x 38,3 x 8,9 cm. Fonte: arteseanp.blogspot.com

Usando pequenas caixinhas de metal em formato de coração, desenvolvo minha poética de forma a apresentar alguns destes dizeres bíblicos direcionados especificamente às mulheres, ou sobre as mulheres. São tópicos comportamentais que estudei com sincera dedicação durante meu tempo de imersão na crença, aos quais tentei por tanto tempo me adaptar, e que continuam sendo perpassados às cristãs contemporâneas, que buscam também exceder ao valor de “finas jóias”, seguindo as orientações da Bíblia e das lideranças. O formato, as cores delicadas e o fato de se tratarem de pequenos porta-jóias com dimensões padronizadas (6x 6,05x3 cm), foram escolhidos de forma intencional, justamente para brincar com esta idéia de “cabem na caixa”, isto é, atender com sucesso ou buscar adaptar-se a determinadas expectativas apresentadas como ideais por uma voz dotada de autoridade, neste caso, da divindade adorada e de seus supostos representantes.

Trago então a visualidade das caixas e dos materiais que tradicionalmente apontam para o “universo feminino” para dialogar com tópicos que envolviam minha condição de mulher no meio evangélico e que ainda se fazem presentes de forma marcante no discurso religioso voltado às fiéis de hoje em dia. As peças abordam a condição feminina no espaço da fé cristã, porém, cada uma possui particularidades que abarcam

os materiais e cores escolhidas, ditadas pelo versículo bíblico em destaque, que pode ser visualizado através da superfície transparente presente na tampa de todos os porta-jóias. Me utilizo especialmente de versículos pertencentes à uma versão da Bíblia na “linguagem de hoje”, isto é, cuja tradução das palavras engloba um vocabulário menos elaborado e mais acessível às gerações mais jovens.

1.6.1 Amada

***“Como um lírio entre os espinhos,
assim é a minha amada entre as mulheres.”
- Cânticos dos Cânticos 2:2***

Trata-se de uma caixa em tom de rosa pastel, cuja tampa exhibe o conteúdo tomado por um bordado em pedrarias diversas que envolvem os dizeres acima. O trecho pertence ao livro *Cântico dos Cânticos*, cuja autoria é reivindicada pelo Rei Salomão já no primeiro versículo (Ct 1.1). Segundo a *Bíblia da Mulher*, foi escrito durante os 40 anos de seu reinado, entre 971 e 931 A.C. e se trata de uma canção de núpcias que intercala declarações de amor entre noivo e noiva além de interjeições de “amigos e protetores” que celebram a alegria do casal. Possui oito capítulos e faz parte do Antigo Testamento.

O aspecto formal pretendido para a peça abarca justamente a visão idealizada da mulher cristã, não apenas por

meio das orientações das lideranças, mas também de forma mais pessoal, através dos olhos de seu pretendente que a exalta entre as outras mulheres. Busco então “encapsular” esta essência de “feminilidade perfeita”, imbuída tanto dos sentimentos românticos quanto dos ideais cristãos, dentro deste diminuto recipiente, valorizando os dizeres bíblicos em meio a cristais, brilhantes e pérolas sintéticas.



Figura 12 - *Amada*, série *Finas Jóias*. Papel manteiga, porta-jóias de metal, esponja, feltro, organza, pérolas sintéticas, cristais e brilhantes. 2018. 6x6,5x6cm Fonte: acervo pessoal.

1.6.2 Obediente

***“Esposa, obedeça ao seu marido,
como você obedece ao Senhor.”
Efésios 5:22***

A caixinha em um tom de verde suave apresenta o referido versículo direcionado às esposas participantes da congregação da igreja da cidade de Éfeso (cidade já extinta, que era localizada na costa de Jônia, Grécia Antiga, atual Turquia). Assim como boa parte dos livros do Novo Testamento, a autoria de Efésios (também chamado de Epístola aos Efésios, Carta aos Efésios ou, Carta de Paulo aos Efésios) é atribuída a Paulo de Tarso. Paulo não chegou a conhecer Cristo pessoalmente, na verdade, perseguia os adeptos do Cristianismo durante as primeiras décadas posteriores à morte de Jesus, porém, teria se convertido depois de uma experiência sobrenatural. A partir dali, ele teria se integrado à comunidade cristã primitiva, exercendo liderança e redigindo muitas cartas que mais tarde integrariam o texto bíblico canônico.

Trago a exortação de Paulo às esposas cristãs de Éfeso, que assim como tantos outros versículos bíblicos, é deslocada do seu contexto histórico-social original e trazida até os dias atuais como aviso às esposas cristãs contemporâneas. O apóstolo iguala a importância da obediência (em algumas

traduções do texto, a palavra usada é “submissão”) da esposa ao marido com a obediência devida a Deus. Nos versículos seguintes (Efésios 5: 23,24,25), Paulo continua seu raciocínio:

Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo.
De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos.
Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela,(...).(2003, p.1121)

Assim sendo, ele afirma o dogma do casamento monogâmico e heterossexual como uma metáfora para o relacionamento entre Cristo e a Igreja: o marido é a figura de autoridade (o “cabeça”) no lar, simbolizando Jesus, e a esposa, em obediência, simboliza a Igreja. Desta forma, o casamento ganha todo um caráter espiritual, onde ambas as partes devem exercer um papel específico para seu bom funcionamento.

O versículo está instalado sobre um fundo feito com pano de prato, adornado com apliques em renda delicada, pedrarias e flores de cetim.

Os materiais escolhidos fazem referencia ao papel tradicional da mulher neste modelo de relacionamento matrimonial. O retalho de pano de prato sinaliza os trabalhos

domésticos, que embora muitas lideranças cristãs contemporâneas tenham começado a encorajar os maridos a tomar parte, ainda são tidos como tarefa natural à posição da esposa, sendo comum o uso do verbo “ajudar” dentro destes discursos, ou seja, admite-se que o homem *ajude* a mulher, como um *favor*, afinal o funcionamento da casa depende fundamentalmente dela. A renda, a pedraria, e as flores de cetim, materiais ornamentais classicamente ligados à vaidade feminina entram como referência, tanto à pureza e prontidão sexual desta esposa que dentro do casamento deve estar sempre disposta a atender as necessidades do marido. Quanto aos discretos adornos que a mesma exhibe para sinalizar o sucesso financeiro do parceiro. Por fim, o arame dourado traz a lembrança da aliança de casamento.



Figura 13 - *Obediente*, Série *Finas Jóias*. Papel manteiga, porta-jóias de metal, esponja, feltro, algodão, renda, cetim, pérolas sintéticas e cristais. 2018. 6x6,5x6cm . Fonte: acervo pessoal.

1.6.3 *Decente*

**“Quero também que as mulheres sejam sensatas
E usem roupas decentes e simples.”**

1Timóteo 2:9

A caixinha em feitiço de coração, de cor azul clara, apresenta o referido versículo bíblico sobre um fundo de tecido de algodão branco com delicadas flores azuis, além de apliques em rosas feitas de fita de cetim e pedrarias.

Mais uma vez, o versículo escolhido parte de uma das cartas de Paulo. O destinatário é seu “filho na graça”, isto é, seu discípulo, Timóteo. O livro é a primeira de duas epístolas recebidas por Timóteo de seu mentor, e, segundo os estudos presentes na *Bíblia da Mulher*, foi redigida em algum momento entre os anos de 62 D.C. e 65 D.C. O trecho consta da explicação de Paulo a respeito da maneira correta com que as mulheres da comunidade cristã da qual Timóteo fazia parte (e possivelmente, geria), deveriam se vestir, e, de maneira intrínseca, se comportar.

Dentro do discurso cristão atual, o visual da mulher continua sendo um indicador potente de seu caráter e grau de devoção a Deus. A decência (ou modéstia) de seu modo de se vestir, de se adornar, de se pentear, de se conduzir em público, entre outras práticas comportamentais e estéticas, é parte agudamente presente no modo de vida evangélico

contemporâneo, tanto que influenciou na criação de um mercado de moda em plena expansão, exclusivamente voltado às fiéis dispostas a pagar considerável quantia para adquirir vestes que atendam a tais exigências. Curiosamente, não há orientações da mesma natureza voltada aos homens, o que me faz recordar das palavras proferidas em certa reunião (especialmente voltada às adolescentes do grupo) pela esposa do pastor presidente de nossa congregação: “Vocês, como mulheres, ganham corpo mais cedo e são naturalmente mais sensuais do que os homens. Vocês então têm que se preservar pra não despertarem coisas nos meninos.” Ou seja, o corpo feminino é especialmente demonizado como “pedra de tropeço” e motivo de queda para os cristãos.

Cobrir o corpo e buscar não chamar atenção se configura muitas vezes como uma estratégia de auto-preservação para a mulher secular, já que ela vive em uma sociedade patriarcal que culpabiliza as vítimas de violência e assédio sexual. Especificamente para a mulher cristã, isto se torna também uma questão espiritual. Vestir-se de forma modesta é um forte indicador de sua dedicação e santidade, logo, uma questão de vida ou morte eterna, já que ela é responsável pela santidade do olhar dos homens que a cercam.

Os elementos que compõem *Decente* foram escolhidos com base em sua aparência discreta e delicada: o tecido

floreado branco e azul me remete aos vestidos usados antigamente, em cores discretas e estampas delicadas. As flores e as minúsculas pérolas sintéticas também apontam pra essa visão clássica de uma feminilidade gerida por valores tradicionais.



Figura 14 - *Decente*, Série *Finas Jóias*. Papel manteiga, porta-jóias de metal, esponja, feltro, algodão, renda e cristais. 2018. 6x6,5x6cm. Fonte: acervo pessoal.

2. Redirecionando escolhas

Este segundo capítulo surge de minha volta a um lugar de conforto no que tange ao meu fazer artístico. Busquei explorar técnicas com que tinha familiaridade e guardava afetividade, ao invés de experimentações em linguagens que me eram estranhas. Meu objetivo não estava apenas em executar uma produção poética e teórica, mas também tentar me descobrir melhor como artista tendo como base minha experiência junto à religião evangélica. Com o uso da pintura, do desenho, da costura e do bordado, tentei “sintonizar” a história que desejava contar através do texto com a produção poética que surgiria de minhas reflexões e recordações. Sinto que aos poucos recuperei uma calma que havia perdido enquanto tentava ansiosamente dotar minha produção de uma qualidade “contemporânea”. Esta qualidade, que na minha ignorância eu pensava ser uma tradução das ideias que queria apresentar para uma linguagem mais “codificada”, teria de ser aprendida e dominada de forma satisfatória ao longo dos dois anos de duração de minha pós-graduação. Demorei a perceber que era desnecessária tal ginástica mental (e manual), pois eu já possuía os macetes básicos envolvendo forma e conteúdo desde que comecei a redigir o pré-projeto que me ajudaria a adentrar o mestrado. Eu já pintava, desenhava, costurava e

bordava no meu tempo livre e ocasionalmente até por encomenda. Basicamente eu já me comunicava através da arte, mas por equívoco, acreditava ser de vital importância um reajuste em meus meios de expressão.

Portanto, não é errado afirmar que este segundo segmento se trata do relato de uma “acomodação”. Porém, não no sentido do desleixo ou da estagnação, mas sim em “ocupar o lugar que me é devido” como dona de minha própria poética, sendo mais consciente na escolha das técnicas, materiais, sentimentos, questionamentos e recordações que escolho explorar. Minha aspiração está em nivelar da melhor forma possível o texto presente nestas páginas e a produção poética que o acompanha, e só o poderei fazer se “falar meu próprio idioma”, isto é, através das técnicas com que tenho ligação.

Em 2004, aos treze anos, tive a chance de fazer um curso de pintura a óleo, na Fundação Cultural de Canoas. As aulas eram ministradas por um artista conhecido na região, professor Vinicio Cassiano, que além de pintor, também é escultor e havia idealizado vários monumentos expostos nas praças da cidade. Foi a oportunidade que eu precisava para me iniciar de uma maneira mais “formal” nas técnicas artísticas, já que até o momento, eu só havia estudado desenho, pintura e afins através dos arte-educadores contratados pela minha escola (alguns comprometidos com a profissão e com o

aprendizado dos alunos, outros nem tanto), e de algumas revistas disponíveis em bancas. Aprendemos primeiramente sobre conceitos básicos como perspectiva e luz e sombra, mais adiante tendo a chance de começar a trabalhar com as tintas e expor em um vernissage organizado pela Fundação. Também pude expor em festivais organizados pela prefeitura de Canoas.

Estes trabalhos iniciais eram bastante “básicos” em suas temáticas, no sentido de que estavam voltados para o meu desenvolvimento técnico como pintora. Tratava-se de paisagens, naturezas-mortas, cavalos e ocasionalmente alguns retratos impessoais, ou seja, eram temas incorporados no curso de pintura. Esta limitação inicial se devia a diferentes fatores, como o fato dos materiais serem bastante caros (na época eu ainda não estava familiarizada com tintas mais acessíveis como aquarela e acrílica), minha inexperiência (por estar pintando a pouco mais de um ano, me sentia mais segura para usar temáticas com as quais possuía certa familiaridade) e também na possibilidade de venda: minha mãe geralmente levava estas telas para mostrar às colegas de trabalho e algumas vezes elas chegavam a comprar meus trabalhos. Era de fato uma produção mais “ornamental” até pelo motivo do conceito de “poética” ser totalmente desconhecido pra mim na época.

No entanto, com o tempo e a experiência – cerca de dois anos depois, para ser mais exata – me senti mais livre para com a pintura, começar a explorar temáticas e conceitos que já trabalhava nos desenhos que produzia diariamente. Queria retratar meu interesse por mitologia, e logo passei a pintar criaturas como cavalos alados, unicórnios e sereias. Esta época praticamente coincidiu com um processo de desligamento que vinha acontecendo em minha congregação já há alguns meses. Em 2004 quando comecei a frequentar a igreja, ela pertencia à IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil), porém, alguns pastores decidiram criar um grupo separatista e fundar a própria aliança de igrejas, por não concordarem, tanto com certos procedimentos que haviam sido adotados pela igreja Luterana, como ordenação de pastores homossexuais, quanto com relação a interpretações de doutrinas bíblicas relacionadas ao agir do Espírito Santo. Em 2006 minha igreja efetuou a mudança física, saindo do prédio pertencente à IECLB e se instalando em um novo edifício próprio.

Como a maior fração de meu círculo social (incluindo minha melhor amiga e colega de escola) encontrava-se naquele grupo, eu os segui nesta mudança, sem ter noção no quanto ela seria marcante. Na época, não pensei se tratar de uma grande diferença, afinal, a igreja continuaria a ser protestante e

obviamente pela pouca idade, me faltava noção sobre o panorama religioso brasileiro que tenho hoje em dia para perceber as nuances de fanatismo que começavam a fazer parte de meu cotidiano. Sem perceber, comecei a adotar uma visão de mundo extremamente restritiva e intolerante.

A igreja começou a adotar uma série de práticas importadas de congregações evangélicas norte-americanas, tanto na liturgia do culto que se tornou mais agitada e emocional (sem a ênfase luterana no estudo teórico e no contexto histórico das Escrituras), quanto a diferentes sistemas de encontros entre líderes e liderados. Um deles foi o MDA, sigla para Modelo Discipular Apostólico (mais conhecido como “Meu Discípulo Amado”, ou simplesmente, “discipulado”). Tratava-se de reuniões arranjadas entre pequenos grupos (geralmente de dois ou três indivíduos), presididas por alguém com autoridade dentro da liderança religiosa. No meu caso, eu e minha amiga anteriormente citada, nos reuníamos com a esposa do pastor responsável pelo grupo de adolescentes.

Estes encontros ocorriam praticamente todas as sextas-feiras, de tarde, na casa desta jovem mulher. Apesar da pouca idade, ela estava encarregada de ser nossa orientadora espiritual para absolutamente todas as instâncias de nossas vidas, desde nos auxiliar na leitura de material religioso (que

incluía a Bíblia, mas também uma espécie de cartilha com textos devocionais e exercícios, quase um livro didático sobre a vida cristã escrito pelo pastor presidente de nossa congregação, além de outros livros em sua maioria escritos por pregadores e missionários neo-pentecostais norte-americanos), passando por conselhos sobre virgindade e matrimônio, dicas sobre vida doméstica e nossas vocações primeiramente como seguidoras de Cristo, mas especialmente como futuras esposas de homens de Deus, e chegando até o monitoramento de nossas amizades dentro e fora da igreja. Nossas vidas viraram um livro aberto para esta mulher acompanhar e sugerir as mudanças necessárias para o enriquecimento de nosso relacionamento com Deus. Éramos, portanto, suas discípulas.

Hoje em dia, não por causa da idade, mas pela experiência que me permiti adquirir depois de ter-me “desviado”, eu percebo o quanto eram invasivas estas intervenções, ainda que dotadas do mais nobre dos propósitos dentro da religião. Recordo-me que na época o sistema de MDA foi apresentado aos membros da igreja – e de forma mais marcante aos adolescentes/jovens, exatamente por esse ser o público mais propenso às tentações do Mundo, segundo os preceitos da crença – como um privilégio a ser desfrutado. Seria a chance de aprender sobre o “modo correto de se viver”,

estudando a Bíblia, convivendo e tirando dúvidas sobre todo e qualquer assunto com pessoas mais maduras na fé, que já possuíam postos de certa importância dentro da igreja. E este sistema obedecia a uma hierarquia que vinha de cima pra baixo: os pastores e membros mais importantes do conselho da congregação orientavam os líderes de ministérios adultos, estes por sua vez estavam encarregados dos jovens, que por fim, cuidavam dos adolescentes. Os últimos, ou melhor, as últimas, já que apenas as adolescentes eram escolhidas para esta função, eram encorajadas a tomar parte cuidando das crianças e dos bebês na escolhinha dominical.

Era um sistema que seguia uma verticalidade, dividido em pequenos grupos, tendo um topo e uma base bem definidos. Quase como um esquema de pirâmide.

Aos dezesseis anos, quando comecei a fazer discipulado, não vi razões para não confiar na minha líder, afinal, já estava condicionada à vê-la como uma figura de autoridade. Sendo assim, me senti mais do que à vontade em compartilhar com ela sobre variados assuntos, inclusive meu interesse pelas artes. Ao tocar no assunto, ela quase que imediatamente perguntou sobre o que eu gostava de pintar e desenhar, e sem me preocupar, falei sobre meu interesse em mitologia. Nunca esqueci a resposta dela:

“Deus nunca criou um cavalo com asas ou uma mulher com rabo de peixe.”

Por mais exagerado que possa parecer, aquilo me deixou com um imenso incômodo. Feito este aviso inicial, seguiu-se uma explicação sobre “o quanto eu deveria tomar cuidado para que o dom que eu tinha ganhado de Deus não se convertesse em uma armadilha, tanto pra mim quanto para as pessoas que tivessem contato com minha arte”. Minha líder finalizou o discurso afirmando que como eu não era mais uma recém-convertida e já possuía certo grau de conhecimento e um relacionamento com Deus, eu deveria também buscar sempre honrá-lo através de minha criatividade, pois era uma ofensa eu querer retratar criaturas que não provinham das mãos dele e sim de culturas “diabolicamente influenciadas”. Ela afirmou:

“Deus já criou tantas coisas bonitas, cada uma com uma função exata. Por que uma artista cristã ia desejar pintar coisas que iam contra a criação dele? Tu vai ofender Deus desse jeito. Não é isso que tu quer, né?”

Eu realmente não queria. Então não só deixei de explorar as temáticas que desejava, como parei de ler e joguei fora todos os livros, desenhos e demais artigos que tinha sobre qualquer coisa “pagã”. Escolhi modificar as pinturas em tela. Lembro que tinha trabalhado muito ao pintar um cavalo alado

em pleno vôo num céu noturno, tentando dotar a figura de movimento e este quadro já estava até emoldurado. Depois de ouvir minha líder, peguei minhas tintas, pincéis, cobri a moldura com fita adesiva e repinte a imagem, transformando o pégaso em um cavalo normal, correndo no pasto. Esteticamente eu odiei o resultado, mas achei consolo genuíno em acreditar que Deus agora estava mais feliz comigo. Os desenhos “inadequados” foram todos para o lixo, mas não sem antes serem rasgados em vários pedaços.

Levariam anos até que eu voltasse a ler sobre mitologia, e mais alguns para que eu me sentisse à vontade para criar artisticamente em torno destas temáticas que sempre me cativaram. Não consigo estimar este período com exatidão, mas creio que foi através do contato que tive com a biblioteca da universidade e com as experimentações nas aulas de desenho, provavelmente no primeiro semestre de 2012, quando estava já com vinte e um anos. Este retorno, entretanto, foi gradual e no início sempre vinha acompanhado da lembrança das palavras da minha líder e do incômodo que elas me causaram, até porque eu ainda era evangélica e continuava tomada pelos paradigmas que me foram passados. A culpa era um sentimento constante, que seria amenizada pelo meu amadurecimento. Mas não de todo apagada.

2.1 Série *Adequações*

A série *Adequações* provém das lembranças do período em que optei por absorver o discurso que me foi passado, podando meus interesses e policiando minhas escolhas criativas.

Trata-se de uma série de pinturas em acrílica, e dimensões reduzidas, com aplicações de quartzo bruto e linhas sobre tela. Nasce das limitações que encontrei junto à doutrinação religiosa no que tange à minha liberdade artística no período da adolescência. Assim sendo, escolho temáticas neutras (como paisagens e naturezas-mortas) e interfiro sobre elas com linhas e cristais brutos, tentando dar forma à pulsão de criação que eu possuía e que por muitos anos se encontrou enclausurada pelo receio do pecado.

Escolho apresentar as telas em pequeno formato, como as que pintava em minha adolescência para exercitar a técnica. A interferência em linha vermelha remete a rachaduras, de onde irrompem cristais de quartzo bruto como uma representação de minha vontade interna em expandir meu repertório artístico, escapando em desordem sobre a superfície da pintura.



Figura 15 – *Paisagem marítima* (série *Adequações*). 2019. Acrílica e aplicação de linha e quartzo sobre tela. 12x09 cm. Fonte: acervo pessoal.



Figura 16 - *Vaso de flores 1* (série *Adequações*). 2019. Acrílico e aplicação de linha e quartzo sobre tela. 10x08 cm. Fonte: acervo pessoal.



Figura 17 - *Paisagem bucólica* (série *Adequações*). 2019. Acrílico e aplicação de linha e quartzo sobre tela. . 10x10 cm. Fonte: acervo pessoal.



Figura 18 - *Vaso de flores 02* (série *Adequações*). 2019. Acrílico e aplicação de linha e quartzo sobre tela. , 9x12 cm. Fonte: acervo pessoal.

2.2 Série O Céu na Terra

Meu interesse pela pintura desde cedo me levou a apreciar obras com esta técnica em livros, museus, catálogos e etc. Mais adiante, com minha adesão à religião, comecei também a focar a atenção em trabalhos com temáticas bíblicas. Meus preferidos eram os que buscavam representar os paraísos; tanto o terreno, Jardim do Éden, quanto o eterno (descrito nas profecias apocalípticas). Minha curiosidade era despertada principalmente pelas variações na interpretação de cada artista para locais pertencentes a passagens tão fundamentais para a crença que eu prezava. Gostava de contemplar a maneira com que tais pessoas escolhiam representar tanto o marco zero da natureza e da humanidade, quanto o local de redenção, alegria e glória divina definitiva.

Alguns artistas me chamavam a atenção em específico. Entre eles, destacavam-se Peter Paul Rubens (1577-1640) e Jan Brueghel, o Velho (1568-1625), especialmente em relação à temática do Jardim do Éden.



Figura 19 - *O Jardim do Éden com a Queda do Homem*, 1615, Jan Brueghel, o Velho e Peter Paul Rubens, óleo sobre painel, 74.3 cm × 114.7 cm. Fonte: wikiart.com

A perspectiva, a iluminação, a composição dos elementos no cenário, a construção da paisagem natural e a anatomia dos numerosos animais reunidos eram alguns dos aspectos que me ajudavam a compreender a técnica pictórica e buscar aprimorar meu próprio fazer artístico.

Com minha imersão cada vez mais intensa na crença, acabei também conhecendo alguns artistas cristãos evangélicos que faziam exatamente o que comecei a aspirar para minha vida, isto é, haviam de fato estabelecido uma

carreira através de seus talentos. Me marcaram de forma especial as ilustrações de Pat Marvenko (1947), principalmente a série *Revelation Illustrated (Apocalipse Ilustrado)*. Em sua página oficial, a artista norte-americana explica que o desejo de ilustrar o último livro da Bíblia surgiu depois de sua conversão em 1980, e serviria tanto como um ato de louvor quanto para auxiliar na didática de um grupo de estudos bíblicos composto por adolescentes. Segundo o site, a série composta por quarenta ilustrações em aquarela e aerógrafo com tinta acrílica “custou orações constantes, pesquisa extensiva, e milhares de horas de trabalho duro. Houveram muitas horas em que ela sentiu que o poder do Espírito Santo estava fluindo através de sua mão e da ponta de seu pincel”.

Revelation Illustrated continua recebendo grande notoriedade no meio protestante/evangélico, não só no país de origem da artista, mas também ao redor do mundo. A série é constantemente utilizada como um meio de evangelização através da arte por conta de seus detalhes que auxiliam na compreensão da narrativa bíblica, que no livro de Apocalipse, em especial, apresenta uma prosa repleta de códigos, simbolismos e medidas métricas. O livro que tem sua autoria canonicamente atribuída ao profeta João, teria derivado de uma visão que o mesmo experimentou enquanto preso por perseguição religiosa pelo Império Romano, na ilha grega de

Patmos. João faz uma descrição da Jerusalém Celestial, que seria o paraíso além-vida definitivo (isto é, depois da volta de Jesus e do confronto e condenação final de Satanás e seus seguidores/descrentes) segundo a mitologia cristã. Trata-se de uma cidade em forma cúbica, com ruas de ouro e muros adornados em pedras preciosas, como explicado em detalhes em Apocalipse 21: 10-21:

E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do céu. E tinha a glória de Deus; e a sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspé, como o cristal resplandecente. E tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel. Do lado do levante tinha três portas, do lado do norte, três portas, do lado do sul, três portas, do lado do poente, três portas. E o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. E aquele que falava comigo tinha uma cana de ouro, para medir a cidade, e as suas portas, e o seu muro. E a cidade estava situada em quadrado; e o seu comprimento era tanto como a sua largura. E mediu a cidade com a cana até doze mil estádios; e o seu comprimento, largura e altura eram iguais. E mediu o seu muro, de cento e quarenta e quatro côvados,

conforme à medida de homem, que é a de um anjo. E a construção do seu muro era de jaspe, e a cidade de ouro puro, semelhante a vidro puro. E os fundamentos do muro da cidade estavam adornados de toda a pedra preciosa. O primeiro fundamento era jaspe; o segundo, safira; o terceiro, calcedônia; o quarto, esmeralda; O quinto, sardônica; o sexto, sárdio; o sétimo, crisólito; o oitavo, berilo; o nono, topázio; o décimo, crisópraso; o undécimo, jacinto; o duodécimo, ametista. E as doze portas eram doze pérolas; cada uma das portas era uma pérola; e a praça da cidade de ouro puro, como vidro transparente.(2003, p.2030)

Pat Marvenko, por sua vez consegue traduzir o texto cheio de detalhes e especificações para a linguagem da ilustração, tornando as escrituras mais acessíveis ao grande público, especialmente para as pessoas que ainda não aprenderam a ler, ou que não têm acesso ao relato bíblico.

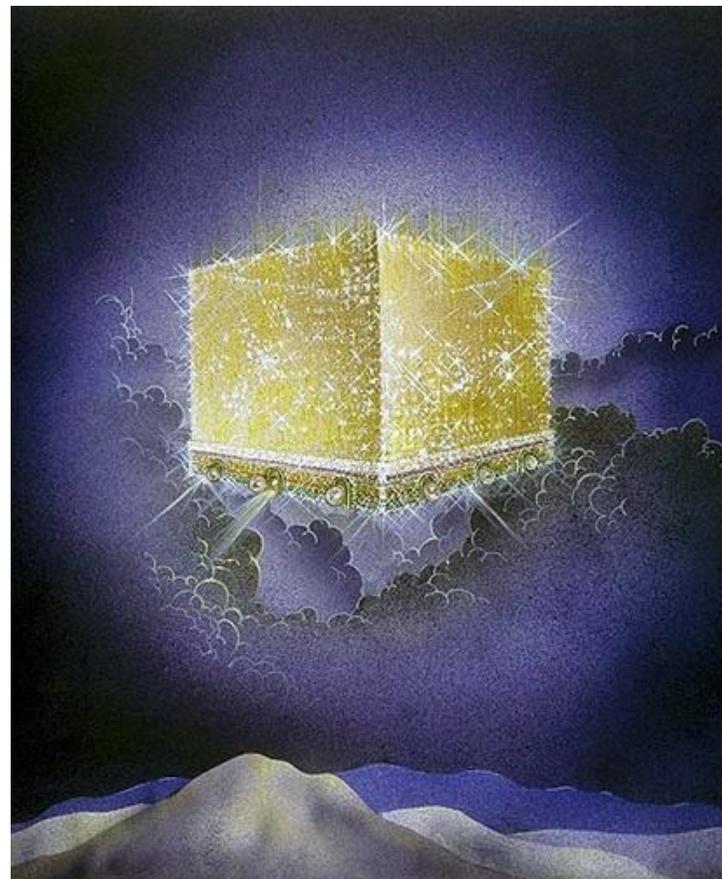


Figura 20 - *Nova Jerusalém (Apocalipse. 21:1-21)*, Pat Marvenko, 1992, aquarela e tinta acrílica sobre papel, dimensões desconhecidas. Fonte: <https://www.jvim.com/illustrations/>

Recordo-me que por muito tempo o livro de Apocalipse foi o meu preferido (creio que pela esperança de que meus esforços para me manter crente e “digna” valeriam uma grande recompensa), portanto, ver uma artista mulher trabalhando

em linguagens que eu apreciava, cultivando uma carreira rentável (e notória), e, principalmente, louvando Deus através de seus talentos, me enchia de motivação e otimismo. O impacto que sua produção causou a mim naquela época ainda me é familiar, pois mesmo que eu estivesse constantemente me podando e censurando como artista, havia a perspectiva de conquistar um futuro abençoado através de meus talentos específicos. Eu só teria de concentrar meus esforços da maneira “certa” e aspirar produzir o conteúdo artístico “correto”.

A partir destes e outros artistas eu conseguia criar um repertório mental de pinturas cuja temática, macetes técnicos e diferentes interpretações me inspiravam e me incentivavam a continuar praticando.

O interesse pela estética envolvendo a narrativa religiosa cristã e as noções que cada artista empregava para retratar tais temáticas se estendeu de maneira natural para meu convívio dentro do ambiente da igreja, sendo despertado de maneira mais forte quando ocorriam peças de teatro (à bem dizer, além da música, a expressão artística mais utilizada naquele meio) e cultos temáticos em datas comemorativas ou voltados aos jovens. Algumas vezes cheguei a ser convidada para ajudar com a decoração para essas ocasiões. Atendia com boa vontade pela oportunidade de cumprir o chamado que

acreditava ser o meu como cristã: usar de minha criatividade e de meu gosto pelo fazer artístico a serviço de Deus.

Com o tempo, porém, acabei arranjando um emprego e parei de me candidatar a essas atividades, me limitando à espectadora. No entanto, constantemente, eu me incomodava pelo fato de estar julgando o fazer criativo de meus colegas de congregação. Não foram poucas as vezes em que, dentro de minha mente, eu re-imaginava o que eles haviam feito em matéria de decoração, adicionando toques que acreditava serem mais interessantes para os olhos e emocionalmente impactantes e retirando o que pensava ser exagerado, inadequado, ineficaz, ou simplesmente, brega demais. Eu me repreendia, mas ainda sim, não me arrependia, pois tais eventos e seus elementos não serviam apenas como veículo para o prazer artístico, mas sim ao propósito maior de conquistar almas para Jesus.

A interpretação artística dos paraísos continuava chamando minha atenção de forma singular, principalmente no que tangia aos aspectos práticos ligados à estética. Me interessava observar o resultado final e imaginar o processo criativo, a escolha dos materiais, o manejo sobre eles e especular mentalmente sobre a sempre presente questão orçamentária. Acabei, por fim, montando outro repertório mental, desta vez composto pelos paraísos que via com meus

olhos e que eram montados dentro da igreja, feitos de panos tencionados, refletores, TNT, papelão, cortinas, samambaias, papel laminado, e, nas ocasiões mais glamorosas, fumaça de gelo seco.

A saída da igreja não me fez deixar de lado o interesse pela cenografia evangélica; na verdade, com a experiência acadêmica, me motivei de fato a pesquisar sobre o complexo campo neopentecostal brasileiro e procurei montar um repertório imagético que abarcasse algumas de suas particularidades estéticas. Ao conhecer a obra de Hélio Oiticica (1937-1980), me dei conta que o propósito imersivo da cenografia evangélica em muito tinha em comum com suas instalações, especialmente *Tropicália* (1967).



Figura 21 - *Tropicália*, Hélio Oiticica, 1967, instalação, dimensões variáveis.
Fonte: gente.ig.com.br/cultura/2017-10-14/tropicalia-artes.html

O aspecto labiríntico composto por dois *Penetráveis* (PN2 (1966) - *Pureza É um Mito*, e PN3 (1966-1967) - *Imagético*) contando com um caminho em meio à plantas, areia, pássaros, um aparelho de televisão e outros elementos sensoriais como sons e odores, formavam um conjunto que convidava o espectador a percorrer seu interior e ser afetado pela atmosfera. Ao ler sobre a obra pela primeira vez, percebi um pouco espantada a associação com a proposta do teatro religioso, que muitas vezes também contava com a idéia do

percurso interativo e sensorial. A lembrança que mais se destacava era a da peça Casa do Julgamento.

Trata-se de uma peça de teatro derivada de um tipo específico de experiência interativa surgida nos Estados Unidos. As *Judgment Houses*, também conhecidas como *Hell Houses* (Casas do Inferno), como as clássicas Casas Assombradas, são construções transformadas em atrações onde o público percorre diferentes cômodos temáticos com o propósito de causar susto, tensão e outras reações emocionais. Mas ao invés de temas voltados a filmes de terror e histórias assustadoras pertencentes ao folclore popular, as *Judgment Houses* são dedicadas à evangelização através da imersão, isto é, em cada ambiente se desenrola um ato teatral ligado à narrativa cristã envolvendo julgamento, Paraíso e Inferno. Comumente as próprias igrejas são, por um período de alguns dias, revertidas no cenário da peça, e cada ambiente é preparado para atender às exigências de cada cena. A comunidade religiosa se dedica então aos preparativos, dividindo atividades e ensaiando.

Ainda que esta prática importada das igrejas evangélicas norte-americanas encontre variações de acordo com cada congregação onde é implantada, certa progressão no enredo é mantida, obedecendo a um padrão: personagens são apresentados em meio à vida cotidiana enfrentando um dilema

moral (envolvendo questões como aborto, homossexualidade, sexo pré-marital, uso de drogas e etc.), todos são em certo momento apresentados à chance de conversão (alguns atendem ao apelo, outros não); uma tragédia violenta acontece (geralmente um tiroteio ou acidente, sempre contando com recursos gráficos visuais como ferragens retorcidas, vidros quebrados, sangue cenográfico, sons de tiros/carros se chocando) vitimando estes personagens; eles se encontram no pós-vida e enfrentam um julgamento (sempre em um cômodo que conta com duas portas levando inevitavelmente à apenas dois destinos eternos); aqueles que recusaram a chance de conversão são arrastados para o Inferno (por “demônios” e sempre em meio à gritos de desespero); aqueles que aceitaram o apelo evangelístico são conduzidos ao Paraíso (sempre por “anjos”). O percurso termina com o guia (quase que um mediador, que fica à disposição do público para levá-los a cada ato e tirar dúvidas) faz o apelo ao espectadores, perguntando sobre quem gostaria de aceitar Jesus ou receber oração. Aqueles que se mostram receptivos são levados a uma última sala separada para conversar com conselheiros.



Figura 22 - Cena do Paraíso em Casa do Julgamento apresentada pela Igreja Batista do Bacacheri (Curitiba, Paraná), em 2012. Fonte: <https://www.flickr.com/photos/ibbfotografia>

Cada cena em cada ambiente é marcada por atuações exageradas, isto é, sem grandes nuances ou complexidades humanas: personagens arrependidos e receptivos ao apelo, geralmente se mostram mais pacíficos e emocionais, e encontram seu final feliz junto a Jesus no Paraíso; suas contrapartes insensíveis ao chamado, de comportamento hostil e barulhento, acabam enfrentando a perdição eterna. Estes dois destinos finais, obviamente para atender às particularidades da narrativa cristã, são apresentados como totais opostos e possuem a cenografia minuciosa, trabalhada

para oferecer o máximo de impacto possível. Naturalmente tais artifícios são confeccionados de acordo com os recursos de cada congregação que se propõe a apresentar a peça.



Figura 23 - Cena do Paraíso em *Casa do Julgamento* apresentada pela congregação Norte-Americana Christ Temple Church (Huntington, Virgínia Ocidental), 2018. Fonte: marshallparthenon.com

Em comum, porém há o fator imersivo: assim como a *Tropicália*, tais ambientes são voltados à experiência sensorial/afetiva, mas também, buscam atender ao propósito vital de impactar em nome da crença. O sucesso da empreitada teatral não é apenas medida pelo público pagante (ingressos são cobrados por preços acessíveis, raramente passando dos R\$10,00), mas principalmente pelo número de pessoas que escolhem atender ao apelo e entrar na sala de aconselhamento.

Como estudante de artes, fiquei intrigada com estas associações que começava a perceber. Porém, ainda não conhecia nenhum artista visual que tivesse abordado especificamente o cenário religioso evangélico brasileiro. Isso mudaria ao conhecer a produção da artista brasileira Bárbara Wagner (1980), em especial a série fotográfica *Crentes e Pregadores* (2014).

A poética de Wagner geralmente envolve fotografia, curtas-metragens musicais e videoinstalações, e a temática gira em torno de diferentes nichos da cultura popular, suas práticas e estratégias de visibilidade que mesclam tradições antigas e recém-criadas, sendo a maioria destes grupos residentes da Zona da Mata, no litoral da região Nordeste do país. Desde 2007 sua produção fotográfica é apresentada em livros por Wagner, que a partir de 2011 começou uma parceria com o também artista Benjamin de Burca (Munique, 1975).

O jogo de luz, a composição dos elementos visuais, os figurinos, os cenários e as expressões dos personagens apresentados nos trabalhos estáticos, e, no caso da videoarte, o modo com que os artistas – tanto Wagner e de Burca, quanto os músicos e dançarinos com quem eventualmente trabalham em colaboração – editam o som, a trilha, as coreografias; carregam um afinamento com grande apelo sensorial e emocional. Porém, embora as obras estejam imbuídas de forte caráter estético, também mesclam marcante tom documental, afinal, são produzidas em parceria com as pessoas retratadas. Pensa-se que nesta particularidade que reside uma das características mais importantes: se trata de uma troca e não apenas do ato de reproduzir em fotografia ou vídeo determinada figura humana. É essencial para a poética da artista, tanto nos antigos trabalhos solo quanto os mais recentes em dupla com de Burca, que estes personagens se auto-reapresentem da maneira com que querem ser vistos, e às vezes também ouvidos, pelo resto do mundo.

Um tópico que parece também estar sempre presente na poética de Bárbara Wagner é o teor social que seu trabalho carrega, sem ser, porém panfletário, explicitamente político ou condescendente. A artista apresenta através de suas lentes, diferentes pessoas que embora, na maioria das vezes pertençam a grupos marginalizados ou desassistidos pelo

Estado, como por exemplo, os moradores da área gentrificada na série fotográfica *Brasília Teimosa* (2005-2007), ou os usuários do transporte público presentes no terminal de ônibus de Cidade Tiradentes em *Como se Fosse Verdade* (2015), ou ainda os dançarinos que formam equipes, se submetem a ensaios exaustivos e depois competem entre si, da mais recente videoarte de Wagner e de Burca, exibida na Bienal de Veneza, *Swinguerra* (2019), não possui a pretensão de falar por tais pessoas. No entanto, sua intenção não está em “dar voz” a esses grupos, a quem ela chama de “corpo popular”, pois os mesmos já possuem voz própria. Obviamente que existe o interesse da artista em contribuir para a visibilidade, mas não através de uma representação unilateral, mas através de um diálogo. Nas palavras de Bárbara Wagner⁶:

Então a gente sempre se pergunta qual pode ser a nossa contribuição. O registro que a gente faz em audiovisual tem que ir para um outro lugar, que vem do encontro, do diálogo entre as nossas vontades de observar, de compreender e de questionar e a vontade artística deles, das pessoas com quem a gente colabora. (WAGNER,2019)

⁶ Entrevista presente em <<https://artebrasil.com.br/arte/bienais/sob-as-lentes-de-barbara-wagner-e-benjamin-de-burca>> Acesso em 1 de Agosto de 2019.

Manifestações culturais populares são, portanto, uma constante verificada até agora na poética de Bárbara Wagner, por conta de uma combinação de fatores que incluem o caráter de comunidade e pertencimento que proporcionam aos participantes, a questão da mobilidade social (afinal, tais manifestações geram um nicho de consumo, e, por conseguinte, uma fonte de renda para aqueles que trabalham atendendo à demanda), e simplesmente lazer. Não se trata apenas do registro de um passa-tempo, mas também tocam em pontos relevantes, que integram a vida destas pessoas de maneira intrínseca.

A noção de pertencimento a uma comunidade, o fator econômico e a integração de determinada prática à vida cotidiana está evidente em *Crentes e Pregadores* (2014). O projeto consta de uma série de 16 fotografias em jato de tinta sobre papel de algodão, coloridas, em tamanhos que variam entre 80x120 cm e 40x60 cm. Tendo sido comissionado pelo Instituto Moreira Salles e executado em 2014m apresenta, como o próprio nome diz, retratos, tanto de fiéis evangélicos neopentecostais, quanto de líderes eclesiásticos nos púlpitos de suas respectivas congregações. O recorte geográfico específica que as pessoas retratadas na série habitam a cidade de Recife, capital do estado de Pernambuco, no Nordeste do Brasil.

Ao apresentar a obra em seu site, Bárbara Wagner comenta que o seu intuito estava em examinar o fenômeno da difusão e crescimento das igrejas evangélicas e sua relação com a “nova classe média do país”. Bárbara aponta para uma das particularidades do discurso neopentecostal que está em focar nos aspectos cotidianos da vida do crente. Deus está pronto para acudir seus fiéis com soluções para incômodos presentes (falta de dinheiro, doenças, problemas de relacionamento e qualquer questão mais “ordinária”), portanto, não se trata apenas de uma busca pela salvação e o descanso depois da morte. Naturalmente isto tem um apelo muito forte para as camadas mais humildes da população. Cunha (2007) elucida mais detalhadamente esta característica deixando claro que a idéia do que está por trás de uma vida bem-sucedida, emocionalmente e financeiramente estável (e também o seu oposto) é carregada de uma implicação espiritual, que obviamente se estabeleceu junto a ideais políticos:

Na lógica de exclusão, que caracteriza a política neoliberal, prega-se a inclusão social com promessas de prosperidade material (“Vida na Bênção”), condicionada à fidelidade material e espiritual a Deus. Nesse caso, os vencedores da grande competição social por um espaço no sistema seriam os “escolhidos de Deus” e a acumulação de bens materiais interpretada como as bênçãos para os “filhos do Rei” (ou “Príncipes”). (2007,p.51)

Assim sendo, pode-se inferir que Wagner vê seus personagens como pertencentes a um grupo social específico caracterizado por determinados signos, práticas e, sobretudo crenças. Porém, ao mesmo tempo em que identifica aquele grupo específico, Wagner também promove ênfase sobre os traços particulares de seus integrantes, deixando clara a complexa rede de usos e costumes que rege o neopentecostalismo nacional.



Figura 24 - *Ministério Madureira* (série *Crentes e Pregadores*), 2014. Jato de tinta sobre papel de algodão, 80 x 120 cm. Fonte: www.barbarawagner.com.br/Crentes-e-Pregadores-Believers-and-Truthsayers

Com os trabalhos de Bárbara Wagner ainda recém descobertos, logo tive noção da produção poética de outra artista que serviria como um importante referencial na série que eu estava começando a desenvolver: Ana Elisa Egreja (1983). Suas pinturas que mesclam ambientes domésticos e elementos de cenário natural, como plantas e animais diversos, cativaram minha atenção praticamente de imediato.

Ana Elisa Egreja é paulista e formada em artes plásticas pela FAAP-Fundação Armando Alvares Penteado. Seus trabalhos já foram expostos tanto coletivamente quanto individualmente, além de integrarem permanentemente numerosos acervos dentro e fora do Brasil. Reproduzindo detalhadamente uma ampla gama de materiais e texturas, tanto orgânicas quanto sintéticas, Egreja produz cenas que classifica como “realismo fantástico”.



Figura 25 - *Poça II*, Ana Elisa Egreja, 2017, óleo sobre tela, 250 x 400 cm. fonte: www.select.art.br/essa-e-sua-historia.

Egreja trabalha minuciosamente sobre a iluminação, a arquitetura, as dimensões, os esquemas de cores, reflexos e a composição de suas pinturas altamente realistas, que se abrem como janelas para cenários inusitados, que contam com animais, flores, frutas, água e vegetação habitando ambientes domésticos internos.

O cuidado com que a artista representa estes ambientes – muitos deles com os quais possui um histórico de convívio familiar – aponta para uma afetividade carregada por um sentimento de revisitação. Pode-se dizer que tais composições remetem a sonhos de fato, pois misturam a familiaridade de cômodos cotidianos com o estranhamento da presença de novos elementos exóticos àquela situação, tal qual a operação do inconsciente.

Minha motivação para começar a trabalhar em uma série de pinturas ligadas à minha convivência religiosa estava justamente na vontade de explorar o interesse por esses cenários que me foram tão familiares e cotidianos, unindo-os ao desejo de subvertê-los de certa forma. O nome *O Céu na Terra* se deve pelo intuito de buscar cruzar as seguintes referências: a lembrança dos ambientes internos da igreja e de seus elementos funcionais e indissociáveis ligados ao cerimonial (como o púlpito, o gazofilácio, o tanque de batismo e outros aparatos) e a montagem prática que os membros da

congregação efetuavam dos cenários ligados à encenação “paradisíaca” (o uso de plantas, iluminação, tecidos e outros recursos). Partindo destes dois fatores principais tento criar cenas que unem a liturgia evangélica e a paisagem natural, remetendo tanto às minhas vivências ligadas à crença quanto aos trabalhos em pintura que costumavam me inspirar.

2.2.1 Púlpito

O cenário religioso no Brasil é no mínimo complexo. Cada ramificação dele se expande em um universo próprio e repleto de particularidades, sendo a igreja protestante/evangélica uma destas secções que por si própria é complicada de se catalogar através de um padrão definitivo como afirma Cunha (2007). No entanto, por mais que as incontáveis congregações se diferenciem das mais diversas formas, algumas práticas se mantêm como constantes no que tange à liturgia, sendo a pregação uma delas. A leitura da Bíblia acompanhada de um discurso reflexivo sobre os seus significados e aplicações na vida cotidiana se faz como um dos momentos mais fundamentais do cerimonial, e geralmente, como um complemento funcional a tal atividade, a figura do púlpito se faz presente.

A palavra se origina do termo latino *pulpitum*, que significa “plataforma” ou “palco”. É um aparato ligado ao

discurso, quase sempre encontrado em igrejas e outros templos dedicados às mais diversas crenças, que também se faz comum em salas de aula, grupos de apoio, comitês políticos e demais locais dedicados à oratória, tanto de forma passiva (simples exposição de ideias), quanto de forma mais “ativa”(através de debates).

Ao começar meu planejamento de *O Céu na Terra*, pensando no ambiente da igreja evangélica e sua integração a elementos naturais, a imagem do púlpito surgiu em minha mente de forma praticamente instantânea. Creio que esse processo tão imediato se deu pela memória das incontáveis pregações que assisti, ainda que eu mesma nunca tenha feito uso do aparato. Logo depois, como que seguindo uma progressão automática, surgiu a visão do pavão sobre o púlpito. Decidi que o conceito estava de fato pronto para ser levado ao papel e em seguida à tela de pintura, ainda que não tivesse pesquisado melhor sobre a ave.

Superficialmente havia considerado o simbolismo popular do pavão com relação à vaidade, o que pra mim fazia total sentido. Por motivos óbvios era impossível não pensar em vaidade e orgulho ao refletir sobre pessoas que tomavam pra si a enorme responsabilidade em representar uma divindade e interpretar Seu livro milenar, explicando a estranhos o modo

correto com que deveriam reger cada instância de suas vidas, inclusive as mais íntimas.

Foi curioso descobrir que existe um manuscrito medieval chamado *Livro das Aves*, datando de 1184, que realmente associa o pavão ao pregador do evangelho, e o faz tanto como referência à potência do grito da ave, quanto para advertir sobre a importância da humildade. O livro originalmente escrito em latim e depois traduzido para o português arcaico também é conhecido por outros nomes, entre eles *De Avibus*, *De Natura*, e sua autoria é atribuída ao clérigo francês Hugo de Folieto(1096-1172). O bestiário apresenta diferentes espécies de aves, utilizando se seus atributos particulares para ensinar ensinamentos moralizantes sobre o exercício da religião cristã.

Tendo o pavão usando o púlpito como um poleiro como ponto focal da obra, escolhi por retratar o conjunto em um cenário que unisse o ambiente claro do salão congregacional, com suas paredes cobertas de cortinas (artifício tradicional da cenografia “paradisíaca” evangélica) a uma vegetação fechada, lembrando as obras clássicas que representavam o Jardim do Éden.



Figura 26– *Púlpito* (série *O Céu na Terra*), 2019, 50x70 cm, acrílica sobre tela. Fonte: acervo pessoal.

2.2.2 *Gazofilácio*

“Gazofilácio”, do latim *Gazophylacium* (que por sua vez procede do grego γαζοφυλάκιον) significa “câmara” ou “caixa do tesouro”. Era a palavra usada para denominar no Antigo Testamento o que hoje em dia se chama comumente de caixa de ofertas. As congregações contemporâneas costumam contar com uma ou mais destes objetos, que se apresentam nos mais diversos materiais e formatos, que têm em comum a fenda na parte superior por onde o ofertante deposita o dinheiro.

Para minha pintura escolhi representar o modelo clássico, em forma de cubo, em madeira com um cadeado na tampa, que lembra bastante as caixas de ofertas que minha antiga congregação possuía. Em consonância com o nome, que hoje em dia praticamente caiu em desuso, posicionei duas pombas brancas pousadas sobre o objeto. A escolha destes animais em específico se deve ao seu uso como oferta sacrificial pelos hebreus na época do Antigo Testamento. Na Bíblia uma das passagens de Levítico (um dos livros dedicados às especificações quanto ao cerimonial voltado a Jeová), capítulo 5, versículo 7 explica que o ofertante mais humilde “Se não tiver recursos para oferecer uma ovelha, uma rês de gado miúdo, trará perante o SENHOR, em sacrifício de reparação pelo pecado que cometeu, duas rolinhas ou dois pombinhos (...)”. Além de machos, estas pombas deveriam ser

sem defeitos físicos e provenientes de criação doméstica. Esta última condição se dá justamente pelo valor gasto pelo ofertante na compra dos animais também ser considerado parte da oferta: um animal capturado na natureza, portanto “gratuito”, não serviria como adoração válida segundo os rígidos padrões cerimoniais.

A alternativa mais humilde da oferta de pombos guarda certa relação com meu próprio exercício de ofertante em meus tempos de religiosa, pois não dispunha de grandes valores disponíveis para entregar à caixa. Mais uma vez escolho também dar ao conjunto central composto pelas pombas e o gazofilácio um fundo neutro, que remete à cortinas, além de folhagens, tanto vindo de baixo quanto caindo do teto, além de depositá-lo sobre uma coluna grega (outro artifício ornamental/funcional que existia em minha igreja).



Figura 27 – *Gazofilácio* (série *O Céu na Terra*), 2019, 50x70 cm, acrílica sobre tela. Fonte: acervo pessoal.

2.2.3 *Batistério*

Aos dezoito anos passei pela experiência do batismo por imersão, isto é, o mergulho completo dentro da água. Ao contrário do batismo por aspersão da fé católica⁷ – que também vivenciei quando bebê – minha igreja seguia esta prática que busca re-encenar morte e renascimento no ato do mergulho total do corpo e sua volta à superfície. Tido como o rito original dos primórdios do Cristianismo, muitas igrejas protestantes praticam a submersão, seja em lagos, rios, riachos, piscinas de chão (como foi no meu caso), piscinas montáveis, e, no caso de congregações mais “abastadas”, batistérios próprios dentro do edifício religioso (afinal, é inegável a necessidade de certa abundância de recursos afim de se construir e manter uma piscina interna). Recentemente, descobri também que existem batistérios portáteis, que se assemelham a banheiras, feitos em fibra de vidro e contando com escadas acopladas, e, às vezes, escotilhas laterais transparentes.

⁷ Esta modalidade, no entanto, não se aplica à Igreja Católica Ortodoxa, onde os bebês são de fato totalmente mergulhados na água por alguns segundos durante três vezes: em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Este simbolismo trino também está presente no batismo por aspersão da Igreja Católica Apostólica Romana, onde o padre asperge água sobre a cabeça da criança por três vezes.

O terceiro trabalho de *O Céu na Terra*, ainda não chegou à tela de linho, porém seu planejamento encontra-se finalizado. Levando o nome do aparato tão necessário a um dos ritos fundamentais do Cristianismo, *Batistério* apresenta elementos naturais em mescla com as particularidades do ambiente interno religioso, como um ecossistema integrado. Neste caso, o tanque batismal remete a um lago, que serve tanto como habitat para plantas marinhas, quanto para matar a sede do leão que dorme em sua margem. Este segundo elemento central, ao contrário dos animais nas outras pinturas, não surgiu em meus planos de forma “espontânea”, mas foi fruto de um estudo de caráter estético: de fato eu queria escolher um animal que contribuísse de forma interessante para a composição que estava montando. No entanto, o simbolismo do leão junto à narrativa cristã é bastante presente e marcante.

O Antigo Testamento, em Juízes 14:6, traz a história de Sansão, que favorecido por Jeová com força descomunal (contanto que não cortasse os cabelos), luta com um leão e o mata apenas com as mãos. Mais à frente, em Provérbios 28:1, o autor (presumidamente Rei Salomão) afirma que “O ímpio foge, embora ninguém o persiga, mas os justos são corajosos como o leão”. Em Daniel 6:22, o protagonista da narrativa é protegido por Deus ao ser condenado a entrar em uma cova

cheia de leões. Já entre as passagens no Novo Testamento, em Apocalipse 5:5, Jesus é chamado de Leão da Tribo de Judá que “venceu para abrir o livro e os seus sete selos”. Subentende-se que o uso do animal, tanto como símbolo de poder e força física, quanto como fator de ameaça se dá pela posição geográfica do território berço da narrativa, pois leões realmente habitavam partes do Oriente Médio, como Israel, Palestina, Líbano, e áreas do Egito, Síria e Jordânia. Eram, portanto os predadores mais poderosos conhecidos pela população local, que não fazia idéia da existência de outros grandes felinos que podiam ser perigosos para pessoas e rebanhos, como tigres ou jaguares.



Figura 28 – *Batistério* (projeto de trabalho), série *O Céu na Terra*. 2020. Aquarela e nanquim sobre papel. 29x21 cm. Fonte: acervo pessoal.

2.2.4 *Acústica*

Magali do Nascimento Cunha, ao explicar a onda de modernização das igrejas protestantes brasileiras iniciada nos anos 70 (2007, p. 67), destaca especialmente a adoção de novas tecnologias. Entre estas inovações dedicadas à chamar atenção do público (principalmente da parcela jovem), estavam aquelas ligadas ao cerimonial cúltico. Progressivamente, igrejas começaram a contar com instrumentos até então proibidos e vistos como diabólicos como guitarras, baterias e baixo (2007, p.78), projeções eletrônicas de letras ao invés dos tradicionais panfletos impressos, esquemas de iluminação mais complexos e dramáticos, e, aparelhagem de som sofisticada.

Para a última obra pertencente à série, escolhi explorar esta questão, pois em minha antiga congregação o momento do louvor sempre recebeu intenso destaque. Em *Acústica*, escolho por apresentar a peça central do ambiente interno de qualquer igreja, o altar, contando com duas grandes caixas de som, e entre elas um carneiro. Escolho este animal em específico por sua relação com o cerimonial judaico-cristão. Hebreus usavam seus chifres para confeccionar um instrumento de sopro chamado de shofar. O toque desta espécie de trombeta era utilizado para marcar a ordem das preces direcionadas a Jeová, as festividades do povo, as

solenidades relacionadas à família real e ao sacerdócio e também como chamado de guerra.

No entanto, embora o shofar seja historicamente um instrumento ligado às tradições judaicas (inclusive usado até os dias atuais), muitas igrejas evangélicas adotaram a prática de tocar a trombeta em seus cerimoniais. Esta atitude era – e continua sendo – vista de diferentes formas pelas lideranças eclesiais evangélicas: muitos pastores consideram o instrumento como sendo sagrado por sua ligação com o povo hebreu, logo consideram ser dever do povo evangélico incluí-lo no esquema cúltico pois seu toque possui poder espiritual; outros afirmar ser uma apropriação indevida e sem fundamentação bíblica, visto que não está incluso das práticas apresentadas no Novo Testamento (portanto incompatível com o cerimonial cristão); um último grupo acredita que não é pecado usar o shofar dentro das igrejas evangélicas, contanto que o mesmo seja visto apenas como um instrumento de som, sem atribuições sobrenaturais de qualquer espécie. Estes três agrupamentos geralmente entram em acalorados debates, tanto sobre a adoção do shofar, quanto sobre incontáveis outras práticas pertencentes ao povo hebreu no Antigo Testamento e adotadas por cristãos contemporâneos...

Minha antiga igreja jamais fez o uso do shofar em seus cultos (ao menos eu pessoalmente nunca presenciei). Porém,

ela não ficou imune a uma onda judaizante que tomou conta de várias igrejas evangélicas durante a primeira década dos anos 2000. Recordo-me em específico da letra de um hino que citava o shofar (*“Doce é ouvir o povo festejar / E saber que estás voltando / Ouço os portões do céu se abrindo/E o shofar já está tocando⁸”). Também foram confeccionados uma imitação da Arca da Aliança⁹ e de uma Menorá ¹⁰(ambos em plástico, papelão, canos de PVC e pintados em spray), que ficaram por um tempo expostos no salão depois que a congregação se mudou para um novo prédio após o desligamento com a igreja luterana. Com o tempo porém, o hino não foi mais tocado e os artigos cenográficos foram guardados. Eu soube que os líderes não entravam em consenso sobre a validade da adoção de símbolos pertencentes à fé*

⁸ Trecho pertencente ao hino “O Povo, O Soldado e A Noiva”, do grupo Filhos do Homem.

⁹ Segundo o relato bíblico, era uma caixa de madeira de acácia, revestida de ouro por dentro e por fora, carregada por meio de varas de acácia também revestidas de ouro, tendo sobre sua tampa dois querubins em ouro maciço, um de frente para o outro cobertos por suas asas. Dentro do compartimento estavam guardadas as tábuas dos Dez Mandamentos, um vaso contendo maná e o cajado de Arão (irmão de Moisés). Elemento central do culto judeu, representava a presença de Jeová junto ao povo. Seu paradeiro é desconhecido até hoje.

¹⁰ Um dos símbolos mais proeminentes do judaísmo, trata-se de um candelabro de sete braços, originalmente confeccionado todo em ouro maciço por ordem de Moisés, como um dos aparatos sagrados.

judaica, por mais que esta crença em questão, estivesse profundamente atrelada ao surgimento do próprio cristianismo. Lembro que me causava incômodo perceber que estas pessoas que eu julgava tão sábias e revestidas de autoridade divina entrassem em tantos conflitos teológicos entre si, sendo a questão judaizante mais um.

Com esta última obra, busco explorar estas lembranças, apresentando como peças centrais da composição pictórica os aparatos acústicos modernos e a o animal provedor do instrumento de sopro usado tanto pelos hebreus, quanto por algumas igrejas evangélicas contemporâneas.



Figura 29 - *Acústica* (projeto de trabalho), série *O Céu na Terra*. 2020.
Aquarela e nanquim sobre papel. 29x21 cm. Fonte: acervo pessoal.

2.3 *Costela*

Uma das muitas recordações que possuo de minha vivência religiosa envolve a celebração do Dia da Mulher dentro do ambiente da igreja: era chamado de “Dia da Costela”. Naturalmente uma referência ao relato bíblico encontrado no livro de Gênesis (capítulo 2, versículo 22) sobre a criação de Eva a partir da costela de Adão. A frase era difundida como uma piada bem-humorada. Pouco ou nada era dito sobre as origens da efeméride relacionada aos direitos trabalhistas ou à igualdade econômica entre os sexos. Mesmo assim, vez ou outra, flores eram distribuídas para as “irmãs” e às vezes, decorava-se a igreja com alguns elementos cor de rosa, em meio à declarações da esposa do pastor de que “éramos femininas e não feministas!”.

Quando completei dezoito anos (2008), um dos presentes que ganhei foi A Bíblia da Mulher. Trata-se de uma Bíblia que contém a narrativa religiosa típica de Gênesis a Apocalipse, porém possui materiais complementares como devocionais (mensagens para refletir), mapas, dados sobre costumes típicos dos locais citados, e outros textos adicionais que possuem o objetivo de enriquecer a leitura. Esta versão que ganhei em específico é direcionada ao público feminino, possuindo vasto material teórico sobre as particularidades

inerentes da vivência da mulher cristã, compilado por diferentes líderes eclesiais, como missionárias, esposas de pastores e outras mulheres tidas como “mentoras” da crença. A maioria delas pertencentes a congregações norte-americanas. Um dos textos mais marcantes está na página 778, e consta de uma redação escrita por colaboradora desconhecida sobre a feminilidade à luz da Bíblia:

A feminilidade é uma realidade projetada e criada por Deus – seu dom precioso a toda mulher – e, sob um aspecto diferente, um presente gracioso também para os homens. A diferença entre homens e mulheres não é apenas uma questão biológica. Em todos os períodos da história da humanidade e até décadas recentes, o conceito geral era o de que as diferenças eram tão óbvias que não havia necessidade de comentá-las. Contudo, nunca tanto quanto hoje se faz mais relevante o lembrete de Paulo aos cristãos de Roma para que os padrões do mundo não venham a nos moldar, mas, sim, que deixemos Deus renovar nosso interior, nossa mente (RM 12.2). Nem o homem nem a mulher são suficientes para abrigar, sozinhos, a imagem divina (GN 1.27). Os dois juntos, no entanto, representam a imagem de Deus – um deles, de uma forma especial, o iniciador; o outro, o correspondente. Deus fez Eva a partir do homem e a trouxe para o homem (Gn 2.21-22). Quando Adão deu nome a Eva, aceitou a responsabilidade de “desposá-la” – de ser seu provedor; protetor e líder (Gn 2.15-17, 23; 3:20).(2003, P.778).

Nem este texto nem os demais me deixaram desconfortável ou geraram questionamentos. Na ótica perpassada pelo discurso religioso, essa era a real natureza feminina e não necessitávamos de “políticas estranhas” à teologia bíblica sobre a sociedade e sobre o modo de se locomover no mundo como mulheres. Era de comum acordo que possuíamos toda a informação necessária na Bíblia e nas mensagens divulgadas por pessoas “ungidas” que sabiam como nos orientar sobre a forma adequada de se conduzir em cada âmbito de nossas vidas, especialmente naqueles relacionados à feminilidade. Minhas certezas jaziam na Bíblia e na interpretação que a igreja¹¹ me oferecia.

Com a imersão na crença, tornou-se base a idéia de que qualquer conceito que destoasse dos padrões apresentados como corretos pela teologia protestante evangélica, possuía, fatalmente, uma natureza diabólica. Era também confortável acreditar que como indivíduo mulher, meu destino já estava traçado e abençoado, desde que eu seguisse uma série de ensinamentos sobre o modo correto de me vestir, de falar, de sorrir, de como me portar em público e em privado, de como

¹¹ Não apenas o grupo social propriamente dito de minha denominação em específico, mas também a coletividade restante que difundia e apoiava o discurso protestante mais comumente aceito pelas lideranças de minha igreja, através de livros, músicas, internet e outras mídias.

escolher minhas amizades, de como escolher minha carreira, e de como eu naturalmente me casaria com um homem também cristão (de preferência da mesma congregação), teria filhos, priorizaria o bem-estar de minha família e de meu casamento acima de meus interesses pessoais (afinal, minha função era a de “ajudadora¹²” e não de “líder”), e os criaria dentro da religião. Essa era a versão da realidade com que eu e minhas colegas de denominação éramos educadas: há um modo correto de ser mulher, e esse modo envolve se guardar, não questionar, e, sobretudo, jamais buscar a independência e jamais atender aos meus desejos individuais acima daqueles das pessoas à minha volta, a quem devo sempre atender. Como mulher, eu era peça indissociável de uma coletividade que zelava pelos “valores verdadeiros”. Violar estas regras me levaria ao pecado e ao ostracismo.

Minha percepção começaria a mudar anos depois, em 2014, quando através de um gradual processo de abertura aos questionamentos que escolhia ignorar, percebi que a realidade era muito mais complexa do que até então acreditava piamente.

¹² “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele.” Gênesis 2:18. Esta passagem esclarece a criação de Eva por Deus com a intenção de oferecer ao homem uma pessoa que agiria como seu suporte.

Atualmente, quase seis anos depois de ter me desvinculado do modo de vida evangélico, a teologia relacionada ao “modo correto de ser mulher” ainda me afeta e me faz refletir. Como pesquisadora e artista em formação, torna-se inevitável a inspiração em tais conceitos que não estão apenas compartimentados na minha memória, mas que atualmente, mais do que nunca, parecem começar a permear o cenário social e político atual. Sendo assim, escolho intitular o livro de artista que venho produzindo baseando-me em tais lembranças com o nome de “*Costela*”, pois tal palavra é chave no que se refere à origem de todo corpo de doutrinas que envolve a feminilidade sob o ponto de vista bíblico: a mulher é a continuação do homem, sua ajudadora divinamente designada, que deve estar sempre pronta para acolher, cuidar, suportar e manter, ao mesmo tempo em que depende, obedece e serve, sendo qualquer atributo que fuja à regra considerado como pecado de insubmissão.

2.3.1 O livro de artista como suporte e referências

Segundo Baschirotto (2016, p.104) o livro de artista “pode ser pensado como um livro objeto, um livro obra, onde toda idealização é do mesmo artista ou de artistas em parceria”. Trata-se, portanto de uma obra de arte em formato

de livro, e não de um livro que discorre sobre obras de um artista de forma explicativa, como um livro didático ou acadêmico o faria. Tive contato com a idéia do livro como obra de arte apenas dentro do curso de Licenciatura em Artes Visuais e recordo-me de considerar o conceito extremamente versátil em termos de técnica e temática. Porém, meu histórico com a costura e o bordado datam de épocas mais antigas.

Desde muito nova tive acesso à costura. Minhas duas avós tinham máquinas e cômodos da casa especialmente destinados a esse propósito. Seguidamente minha mãe também visitava diferentes costureiras do bairro em que morávamos, encomendando vestidos e outras peças de vestuário. Era um passeio praticamente bimestral, pois a cada estação que se iniciava ou para cada festa de família, minha mãe buscava os serviços de diversos ateliês na vizinhança, às vezes simultaneamente. No final da adolescência, cheguei a estudar corte e costura, porém não consegui dominar a arte, ao menos, não de forma profissional como minhas avós e as mulheres que atendiam minha mãe. Minhas primeiras experimentações com bordado, igualmente, pertencem à infância e às tentativas de produzir roupas para minhas bonecas (e mais tarde, pra mim mesma).

Ao abordar a relação histórica das mulheres com o mercado de trabalho, Novaes (2016, P.7) cita a costura como

uma atividade mista, que com o tempo passou a entrelaçar o cuidado da casa com a aquisição de renda, sendo um ofício familiar cujo domínio e aprendizagem ocorre por meio da imitação de avós, mães, tias ou irmãs mais velhas. Ao investigar especificamente a relação da mulher brasileira com a costura, o bordado e demais trabalhos têxteis, Monteleone (2019) comenta sobre os papéis de gênero tradicionalmente ligados a tais atividades:

Pode-se dizer que o papel da mulher brasileira esteve influenciado pelo discurso ideológico da “costura” como “coisa de mulher”, que permeado por ideias educacionais rígidas reafirmavam os papéis indissociáveis de mãe, esposa e dona-de-casa exemplar, a quem a atuação profissional consistia em trabalhos que poderiam ser realizados no seio do lar, como maneira de servir aos filhos e marido e em último caso, de complementar a renda da família. (MONTELEONE, 2019, p.270)

Assim sendo, escolho me apropriar destas técnicas que estão ligadas à feminilidade tanto historicamente quanto no que tange à minhas lembranças pessoais para produzir *Costela*.

Mais uma vez o livro de artista produzido em 2002 por Louise Bourgeois, *Ode à l'Oubli*, consta como um dos principais referenciais artísticos. Também levei em conta

novamente a produção de Zoe Buckman, desta vez tendo em mente a instalação de 2016 *Every Curve* (Cada curva). Composta por camisolas, ligas, meias e outras peças femininas em tecidos delicados, bordadas com frases provenientes de letras de Hip-Hop dos anos 90. A artista busca um resultado conflitante com a mescla da lingerie hiper-feminina proveniente de diferentes épocas (como espartilhos do início do século XX, camisolas dos anos 50, meias-calças dos anos 60, entre outros) com os versos de teor variado, indo de explicitamente misóginos, até simpático à luta das mulheres negras e chegando em questões favoráveis à legalização do aborto. Em seu site oficial, Buckman afirma que o intuito estava em refletir a partir de sua própria formação como mulher feminista, a relação entre criação doméstica, educação acadêmica e cultura popular.



Figura 30 - *Every curve*, Zoe Buckman, 2016, instalação. Fonte: <https://creativeartsadvocate.com/artist-zoe-buckman-redresses-feminine-tropes/>

Por fim, se faz essencialmente importante no que tange ao uso da costura, do bordado e também da cerâmica e no próprio questionamento em torno da desvalorização de tais técnicas (tradicionalmente vistas com desdém por uma elite artística /erudita masculina) trazido pela icônica instalação *The Dinner Party* (1974 -79), de Judy Chicago.



Figura 31 – *The Dinner Party*, 1974-79. Judy Chicago. Instalação. 1463 x 1463 cm. Fonte: theartgorgeous.com/judy-chicagos-the-dinner-party-reimagined

Trata-se de uma mesa triangular (sendo o triângulo equilátero invertido um dos símbolos do feminino), posta como se para um banquete. Nela existem 39 lugares, cada qual dedicado a uma figura feminina famosa e importante dentro da cultura Ocidental. São mulheres que de fato existiram como a escritora Virginia Woolf ou a artista Georgia O’Keeffe, junto à personagens literárias ou pertencentes a diferentes mitologias. Em cada um destes 39 lugares estão posicionadas toalhas

ricamente bordadas e pratos de cerâmica em formatos que lembram a genitália feminina, além de cálices prateados. A mesa encontra-se sobre uma plataforma de azulejos em porcelana pintados com os nomes de outras 999 mulheres posteriores que viriam a ser influenciadas por aquelas que possuem assento junto à mesa. Um dos objetivos da artista estava em exaltar a importância e os feitos destas mulheres de uma forma monumental e grandiosa, geralmente reservada às figuras históricas masculinas: o banquete seria desfrutado por aquelas que tradicionalmente e historicamente encontram-se na posição servil, como uma reinterpretação feminista da Santa Ceia, ou da Távola Redonda.

2.3.2 Desenvolvimento, conteúdo e técnicas

Ao idealizar *Costela*, buscava uma forma de registrar tanto as lembranças pessoais, quanto os ensinamentos atuais relativos ao discurso direcionado às mulheres dentro do ambiente evangélico da forma mais nítida possível, mas dentro de um suporte passível de apelo estético, afinal, trata-se de um trabalho artístico e não apenas de um registro teórico. Segundo Baschirotto (p.110,2016) “o livro de artista permeia uma categoria que não é facilmente delimitada, ficando sempre entre o híbrido literatura-arte-objeto”, assim sendo recorri principalmente à linguagem escrita, justamente por desejar

que aqueles que porventura tivessem contato com o trabalho pudessem ter acesso a esses ensinamentos de forma mais direta e explícita. Junto a isso, fiz uso de artifícios artísticos, como bordados diversos, camadas em tecido e aplicações, justamente para estimular interação e gerar mais sensibilidade no que tange a uma realidade altamente complexa, presente e agressiva, porém pouco conhecida à maioria das pessoas.

As frases, palavras avulsas e textos reproduzidos em seu interior provêm de diferentes fontes. Primeiramente minhas próprias lembranças junto à doutrinação religiosa, seguidas pelas memórias de outras mulheres que já frequentaram tanto a mesma congregação que eu (amigas e irmã mais nova), quanto de conhecidas de outras igrejas evangélicas (colegas do ambiente acadêmico) compartilhadas comigo sobre o que passaram durante diferentes períodos inseridas na religião cristã protestante. Por fim, também é de especial relevância o material recolhido em variados produtos do nicho cultural evangélico, como a *Bíblia da Mulher*, músicas de cunho religioso e sites voltados a orientações comportamentais sobre feminilidade à luz da crença.

2.3.3 Capa

Produzida em poliéster acetinado rosa, contendo o título bordado em miçangas vermelhas. Com o desenho,

busquei reproduzir os contornos de uma caixa torácica humana, destacando uma das costelas, de onde saem raios de luz em bordados de linha e canutilhos. Busco remeter ao relato bíblico sobre a criação de Eva (criada por Deus a partir de uma das costelas do lado esquerdo de Adão). Folhas de árvore comparecem como referência ao Jardim de Éden.



Figura 32 – *Costela* (detalhe na capa). 2019. Bordado sobre tecido. Fonte: acervo pessoal.



Figura 33 – *Costela* (capa). 2019. Bordado sobre tecido. 62x 20 cm. Fonte: acervo pessoal



Figura 34 – *Costela* (contracapa). 2019. Bordado sobre tecido. 62x 20 cm. Fonte: acervo pessoal

2.3.4 Miolo

Composto por vinte e duas páginas em algodão cru, cetim e poliéster, bordadas com linha e aplicações em pedraria.



Figura 35 – Costela (páginas 1 - 8), 2018-2020. Bordado sobre tecidos variados. 18x 29 cm. Fonte: acervo pessoal.

Páginas 1,2, 10 e 11 trazem conhecidas imagens da iconografia cristã, serpente e maçã, sinalizando (como a capa) o relato de Gênesis sobre o Pecado Original.

Um dos pensamentos inquietantes (portanto, na minha concepção daquela época, naturalmente diabólicos) que eu tinha ocasionalmente sobre minha vida cristã estava ligado à culpa que eu inerentemente possuía pelo fato de ter nascido mulher. Não são todos os pregadores, pastores e teólogos (aqueles emocionalmente ligados à crença) que apreciam admitir isto – especialmente nos dias atuais em que algumas igrejas encontram-se mais conscientizadas quanto à questões de gênero – mas a Bíblia afirma categoricamente que a mulher deve mais a Deus do que o homem. Uma afirmação marcante se encontra na carta de Paulo direcionada ao seu pupilo Timóteo, sobre o modo com que ele deveria orientar a convivência dos membros de sua igreja recém-aberta. Nas palavras presentes na primeira epístola a Timóteo, capítulo 2, nos versículos 11 ao 15:

A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos,

se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação. (2003, p.1535)

Esta afirmação de Paulo é uma das sementes da mentalidade de cobrança direcionada às mulheres dentro do ambiente religioso cristão-evangélico. Uma cobrança milenar da qual os homens estão livres. Os comunicadores atuais raramente defendem esta dívida de forma pública e retumbante (como faziam os Pais da Igreja...). No entanto esta inculcação se encontra presente, implícita e constante no discurso religioso contemporâneo, afinal é canônica, portanto sagrada. Como cristãos, homens são recomendados a zelar por suas vidas espirituais e agirem como provedores materiais. Mulheres também são chamadas a esse zelo espiritual, no entanto essa ordem divina não diz respeito apenas às suas próprias vidas, mas também as dos outros. Além do trabalho do lar e do acolhimento emocional daqueles à sua volta, a elas cabe a importante missão de manter a santidade do olhar de terceiros.

Em minhas recordações, crescendo dentro da igreja evangélica na adolescência (período de intensa transformação emocional e física), constantemente revisito uma reunião que as adolescentes tiveram junto à esposa do pastor principal. Ficou especialmente marcada a seguinte afirmação, de que “o

corpo da mulher se desenvolve mais cedo do que o do homem, então elas são naturalmente mais sensuais, por isso a responsabilidade delas é maior...”. Eu tinha treze anos naquela época e ainda me julgava uma criança, porém já sentia os efeitos físicos da puberdade a mais de um ano. Tomei aquele ensinamento como digno de crença, afinal, se tratava da mulher investida de maior autoridade daquele meio, graduada em psicologia, o que trazia, na minha ingenuidade e falta de maturidade, ainda mais credibilidade a tudo o que ela falava. Com o tempo essa afirmação seria repassada não só pela “pastora”, mas por outras líderes mulheres e homens. Mas uma parte de mim, à contragosto, se incomodava com a percepção de que apenas pelo fato de ter nascido mulher, eu conseqüentemente carregaria ainda mais responsabilidade espiritual. Se eu quisesse de fato seguir a Cristo e ser uma “mulher de Deus”, eu deveria atender à uma série de requisitos comportamentais que me tornariam digna da crença que eu carregava. Requisitos presentes e futuros, dos quais meus colegas masculinos estavam totalmente livres.

Nas páginas 3,4,5,6,7 e 8, escolho registrar frases em primeira pessoa, como se fossem repetições dos ensinamentos recebidos afirmados para si mesma sobre a sacralidade do ato de limitar-se ao ambiente doméstico e do labor emocional. Remetem ao auto-condicionamento e aceitação ligados aos

esforços para se atender às exigências da fé. Me inspirou especialmente a seguinte passagem de um dos textos devocionais da Bíblia da Mulher:

A submissão é o ingrediente básico da feminilidade. Como noiva, a mulher no casamento abre mão de sua independência, de seu nome, de seu destino, de sua vontade e, por último, no quarto nupcial, de seu corpo para o noivo. Como mãe, ela abre mão, no real sentido, da própria vida em benefício da vida do filho. Como solteira, ela se rende de forma ímpar para servir ao Senhor, à família e à comunidade. (2003, P.778).

Ou seja, a mulher que deseja ser aprovada por Deus e viver uma vida realmente abençoada, necessita estar sempre, incessantemente a serviço de outrem, em cada fase de sua existência, da juventude à maturidade. Estas páginas se referem à naturalização (e sacralização) do ato de diminuição que deve ser auto-imposto a cada dia como forma de louvor.

Na página 6, em específico, faço menção à questão da independência financeira feminina, assunto que gera incontáveis debates no meio religioso evangélico. No panorama atual, com as graduais mudanças na sociedade, o assunto ganha uma dimensão diferenciada: muitos líderes incentivam às mulheres que estudem e se profissionalizem, no

entanto este sucesso tem de estar primeiramente a trabalho da família e da igreja. O destino final do dinheiro conquistado pela fiel deve ser determinado em última instância pelo cônjuge, pelo pastor, pelo pai, pela mãe, ou por outra figura dotada de autoridade “espiritual”, dentro ou fora do círculo familiar.

Na página 7 trago bordada a seguinte frase constantemente repetida pelas líderes de minha antiga congregação: “Seja o tipo de esposa que não deixa o marido sentir saudades da casa da mãe”. Era de senso comum a crença de que a esposa deveria agir como uma segunda mãe, não como uma companheira em pé de igualdade. Na seguinte página trago diferentes verbos ligados ao exercício emocional afirmado pela religião como exclusivamente feminino, bordados em pano de prato. Na página 9, outra página do mesmo material remetendo às tarefas do lar.

No segmento que compreende as páginas 12,13 e 14 apresento os seguintes dizeres em sequência:

*“Minha carne
Teu olhar
Minha culpa
Tua violência
Consequência de minha falta de
Modéstia”*

Mais uma vez, reflito sobre a mentalidade de culpabilização das mulheres com relação à violência sexual que sofrem, e que encontra especial aporte junto ao discurso religioso cristão, às vezes de forma tênue, e noutras, seu extremo oposto. Na página 15, as palavras “*Prostituta Gospel*” sinalizam uma expressão que costumava ser usada em minha congregação para se referir à mulheres, moças e meninas que se preocupavam demais com o modo como se arrumavam para comparecer à igreja. Marilena Chauí se refere à Igreja Católica quando comenta sobre a idéia de que “(...)o pecado não está apenas em sucumbir à tentação, mas também ser fonte dela” (1984,p.103), porém dentro da teologia protestante esta convicção também é defendida. A mulher que sofre qualquer assédio, desde olhares e/ou palavras inconvenientes até o extremo da violência sexual e/do assassinato geralmente tem sua moralidade questionada. A voz de um dos líderes encarregados dos jovens de minha igreja chega a ecoar na minha mente, afirmando que “homem é assim mesmo, a mulher que tem que dizer não”...

A seguir, nas páginas 16,17,18,19 e 20, trago uma sequência de dizeres que busca encapsular os ensinamentos passados às jovens em minha igreja com relação aos atributos que elas deveriam perseguir e/ou rejeitar de forma à chamar atenção de possíveis pretendentes:

“Meninas, não sejam:

*Vaidosas demais
Largadas demais
Barulhentas demais
Quietas demais
Dependentes demais
Independentes demais
Mulherzinhas demais
Machonas demais
Gordas demais
Magras demais*

*Briguentas demais
Passivas demais
Palhaças demais
Sérias demais
Choronas demais
Risonhas demais
Bobinhas demais
Sabichonas demais
Grudentas demais
Soltas demais*

*E o mais importante:
Tenham paciência com os meninos
Não sejam...
...exigentes demais.”*

O propósito deste segmento está, através do jogo de palavras desta advertência exagerada, exibir a disparidade de exigências entre os dois sexos contida no discurso religioso:

muito é exigido de uma mulher para que a mesma seja considerada apta ao relacionamento amoroso, mas não se pode dizer o mesmo em relação ao homem.

Para fechar o livro, nas páginas 21 e 22 escolhi registrar uma memória que possuo de uma das primeiras reuniões fechadas das líderes com as adolescentes. O assunto tratava sobre a frequência com que as pessoas pecam e a subsequente necessidade constante de arrependimento e busca por perdão divino:

“Vocês acham que conseguem ficar um dia sem pecar? Ou uma hora? Ou um minuto? Ou segundo?”

Claro que não! A gente peca até dormindo!”

A recordação me marcou através dos anos por conta da irreverência com que a declaração foi feita, como se fosse de fato uma piada bem-humorada, porém a tensão dos segundos de silêncio que se seguiram foi palpável. Pecado era coisa séria e não existiria qualidade de vida, ou paz verdadeira fora dos domínios da religião. Um ensinamento com a qual já estávamos familiarizadas, mas que era reforçado sempre. Uma eternidade em meio ao fogo do Inferno nos aguardava se não seguissemos o sistema de expiação oferecido tão graciosamente pelo Deus da Bíblia, que como mulheres

deveríamos honrar de forma ainda mais complexa, cobrindo nossos corpos, aceitando o papel de auxiliares daqueles que de fato mantinham o sistema nos eixos, medindo nossas palavras e o volume de nossas risadas, pois nenhuma de nós desejava virar “pedra de tropeço” para nossos irmãos ou sofrer alguma violência, que obviamente só poderia vir de descrentes, pois homens de Deus não possuem tais desejos. Teoricamente.

Nossa feminilidade era voltada aos ideais do Reino dos Céus, então cumprir essas exigências ia além do que a sociedade esperava de nós: eram os desígnios de Deus e obedecê-los nos levaria ao Paraíso. Essa era a verdade inexorável de nossa existência e era melhor falar sobre ela, ainda que de forma “irreverente”.

3. Planejamentos e novas direções

Desde que iniciei a redação do pré-projeto até a finalização da presente dissertação em vias de defesa, posso dizer com certeza que foram pouquíssimos os momentos em que não pensei em maneiras de trabalhar sobre o extenso material que compreende minhas vivências junto à religião. Praticamente dez anos de intensas experiências emocionais, físicas e, por que não, intelectuais marcam qualquer pessoa, e se o sujeito em questão possui o impulso artístico, penso ser natural o desejo de vir a termos com estas questões. Esta inclinação se torna mais forte, a meu ver, quando tal pessoa chegou a estudar o campo das artes, e conseguiu ter acesso a um repertório de referências artísticas, técnicas e materiais que inspiram a vontade de se empreender um processo de reconhecimento íntimo que se dá não só em relação ao trabalho emocional atrelado ao fazer criativo, mas também sobre o manejo da técnica e da matéria.

Trata-se de uma jornada complexa que, particularmente, acredito envolver não apenas narrativa e conceito, mas também a exploração das possibilidades contidas no trabalho técnico e a busca (provavelmente incessante) pelos meios mais adequados de expressão.

O presente e último capítulo é dedicado à apresentação de trabalhos em fase inicial de planejamento, que podem ou não vir a ser concretizados num futuro ainda indefinido. Creio ser necessária a menção a estes projetos em “gestação”, pois os mesmos se originaram de meu desejo impresso no restante desta dissertação em explorar as memórias, sentimentos e questionamentos resultantes de meu período de imersão na crença evangélica através do fazer artístico. Estas projeções se dão em técnicas diversas, algumas sobre as quais ainda não possuo domínio, mas que não deixam de me inspirar em sua materialidade. Finalmente, considero importante registrar o pensamento que envolve a delineação dos conceitos que baseiam o processo criativo e a subsequente escolha dos materiais e técnicas que talvez venham a servir um dia para transportar a obra do mundo das ideias ao mundo físico.

3.1 Más conversações

Incontáveis conselhos que minha discipuladora deu ao longo do período em que acompanhou minha vida de perto se sobressaem e servem como alimento à produção poética registrada nesta dissertação. Provavelmente as palavras daquela mulher também servirão de combustível para as próximas décadas se eu continuar interessada em me debruçar sobre as memórias da igreja. No conjunto de orientações

especialmente marcantes, conta a advertência com relação à minha convivência junto a pessoas alheias à crença: “Diana, acho que tu estás passando mais tempo com pessoas do Mundo do que com gente da igreja”. Era a reação dela à minha resposta quando a mesma perguntou quantas vezes por semana eu ia à igreja, e se eu convivia socialmente com meus colegas de congregação para além da programação organizada pelos líderes do ministério jovem. Eu tinha dezessete anos, estava no segundo ano do Ensino Médio, portanto estudava de segunda a sexta e possuía amigos no colégio, além de contato com meus primos em faixa etária semelhante. Comparecia aos cultos, reuniões e eventos geralmente três vezes por semana, além de sempre participar dos retiros, conferências e das reuniões de discipulado com ela. No entanto, pra ela isso ainda não bastava. Eu continuava em perigo por não desenvolver uma convivência mais freqüente com os colegas de congregação ou mesmo de crença evangélica.

Depois de ter me desligado da igreja, tive contato com as palavras de Bauman(2003) sobre o conceito de comunidade e noções de pertencimento grupal. Na hora me lembrei dos conselhos, não só de minha discipuladora, mas também de outros líderes de nossa igreja e de comunicadores evangélicos sobre os cuidados com que o crente deve ter em seu convívio

com pessoas de fora do círculo religioso. Existia um receio constante de “contaminação” pelos perigos diabólicos que dominavam a sociedade alheia à igreja, e que poderiam se infiltrar por entre seus membros, especialmente os mais jovens. Bauman (2003) explica os sentimentos de segurança e de paranóia que permeiam o conceito da comunidade como local de convívio ideal:

Para começar, a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar — estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (com certeza, dificilmente um “canto” aqui é “escuro”). Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. (BAUMAN, 2003, p.7-8)

Nos ministérios voltados aos adolescentes e jovens adultos, além dos cultos, retiros e reuniões de sábado, atividades variadas eram constantemente promovidas pelos líderes, a fim de fomentar a convivência social e a criação de laços de amizade. Saídas ao cinema, visitas ao zoológico, piqueniques, torneios esportivos e outras formas de lazer

ocorriam com frequência, e sempre eram acompanhadas pela recomendação de trazermos colegas de escola, parentes ou amigos da mesma faixa etária que “ainda não conheciam Jesus”. Era um esforço para que esses jovens de fora percebessem que a igreja era um local de confraternização e diversão que ia além da rigidez religiosa, e para que se sentissem motivados a continuar freqüentando estes eventos e mais adiante, comparecessem também às outras reuniões e cultos. Ali, poderiam encontrar a paz e o acolhimento que porventura estavam faltando em suas vidas. Porém, todo esse encorajamento era claramente voltado ao evangelismo e possuía um “limite de adequação”: se nossos discipuladores, responsáveis por implementar um monitoramento mais direto sobre os membros jovens, descobrissem que estávamos experimentando convivência mais constante com esses amigos descrentes, deveriam intervir na hora, explicando sobre os perigos destas interações em “excesso”.

Os membros também eram aconselhados a “denunciar” colegas que apresentassem comportamentos considerados inadequados pela cartilha comportamental vigente, fazendo uso, inclusive das redes sociais. Não eram raros os casos em que algum (a) jovem era delatado(a) aos líderes por algum(a) “amigo (a) preocupado (a)”. O (a) acusado (a) podia então ser chamado (a) para uma conversa particular sobre os perigos

que sua alma imortal estava correndo e as responsabilidades e zelo que deveria cultivar com relação à sua reputação como representante de Cristo (e da congregação). Acredito que a constante tensão daquele meio, encoberta por um suposto clima amistoso encontra reflexo nas seguintes palavras de Bauman (2003):

A paz de espírito, se a alcançarem, será do tipo “até segunda ordem”. Mais do que com uma ilha de “entendimento natural”, ou um “círculo aconchegante” onde se pode depor as armas e parar de lutar, a comunidade realmente existente se parece com uma fortaleza sitiada, continuamente bombardeada por inimigos (muitas vezes invisíveis) de fora e freqüentemente assolada pela discórdia interna; trincheiras e baluartes são os lugares onde os que procuram o aconchego, a simplicidade e a tranqüilidade comunitárias terão que passar a maior parte de seu tempo. (BAUMAN, 2003, p.19)

No meu caso, quando ouvi a advertência de minha discipuladora, me senti envergonhada; não pelas pessoas descrentes com que convivía, mas por minha inabilidade em levá-las a Cristo. Eram meus primos e minhas amigas de escola que eu conhecia há anos: o que eu havia feito até o momento que essas pessoas não tinham se convertido?

Segundo os ensinamentos da igreja, a resposta era óbvia: eu não era boa cristã o suficiente, portanto deveria

continuar tentando e me aprimorando. Passei a freqüentar a igreja quatro, às vezes cinco vezes por semana, busquei estreitar os (largos) laços sociais que me uniam aos colegas de congregação, além de estudar a narrativa bíblica e levar o livro ao colégio, sempre tentando responder às dúvidas de meus colegas. Queria ser uma boa representante da fé. No entanto eu desejava manter as amizades de fora, o que, acabei descobrindo, continuava incomodando minha discipuladora e outros líderes. Por meio de terceiros, descobri que alguns líderes de jovens estavam falando de mim pelas costas, o que me incomodou muito, pois a opinião destas pessoas investidas – supostamente – de autoridade divina era extremamente importante pra mim. Eu era, portanto, altamente carente da aprovação deles, pois a mesma quase se igualava com a aprovação de Deus. Juntando o policiamento de meus interesses individuais e de meu fazer artístico, essa “auto-vigilância social” e o manejo comportamental ao qual eu me submetia, o resultado era um sentimento de frustração constante, pois ao que tudo indicava, eu não estava dando frutos, por mais que eu botasse a igreja e a crença à frente de minhas necessidades individuais. Bauman (2003) explica o baque resultante dos contrastes entre comunidade imaginária – um lugar aconchegante e seguro contra os perigos exteriores – e a comunidade real, em que o sujeito compreende que existe

um sistema muitas vezes rígido a ser seguido em troca deste pertencimento, cujo preço pode estar na subjetividade:

Você quer segurança? Abra mão de sua liberdade, ou pelo menos de boa parte dela. Você quer poder confiar? Não confie em ninguém de fora da comunidade. Você quer entendimento mútuo? Não fale com estranhos, nem fale línguas estrangeiras. Você quer essa sensação aconchegante de lar? Ponha alarmes em sua porta e câmeras de tevê no acesso. Você quer proteção? Não acolha estranhos e abstenha-se de agir de modo esquisito ou de ter pensamentos bizarros. Você quer aconchego? Não chegue perto da janela, e jamais a abra. O nó da questão é que se você seguir esse conselho e mantiver as janelas fechadas, o ambiente logo ficará abafado e, no limite, opressivo. (BAUMAN, 2003, p.10)

O ponto inicial ao começar a planejar *Más Conversações* jazia nas recordações envolvendo a advertência de minha discipuladora e os episódios ligados ao manejo social que era exercido sobre os jovens da igreja. A progressão natural foi revisitar o versículo que geralmente era trazido à tona quando este tema de “proteção à pureza e cuidado com as relações de fora” era tocado nas reuniões e cultos jovens: “Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes”.



Figura 38 - *Más Conversações*, 2019 , Xícaras de porcelana unidas por fios de linho e miçangas de acrílico, 28 x 7 cm. Fonte: acervo pessoal.

O trecho de 1 Coríntios 15:33, acabou servindo como título à peça, que traz duas xícaras de porcelana ligadas por um cordão de linho e miçangas vermelhas.

O material que escolhi se baseia nos momentos de confraternização que passei a ter com meus colegas de universidade, quando nos intervalos, ou em algumas aulas, compartilhávamos café ou chá. Geralmente estas ocasiões eram acompanhadas por conversas sobre assuntos que iam desde nossas vidas pessoais até o curso e outras questões

diversas. Estes momentos de interação e relaxamento me permitiram compreender melhor a complexidade das pessoas e do mundo, que eu aos poucos percebia ser bem mais amplo do que eu costumava admitir, e bem menos maniqueísta do que eu havia sido ensinada a acreditar. A comunhão com pessoas diferentes de mim foi um dos vários fatores que contribuíram para meu desvio, então, pode-se dizer de certa forma que a discipuladora estava certa. O contato com modos diferentes de pensar e de encarar uma existência tão cheia de fatores de risco em um mundo tão caótico e complexo, realmente, pode levar a inclinações “desviantes”. No entanto foi essa “contaminação” que me sensibilizou para questões sociais que eu até então ignorava e me levou a um senso de empatia e compreensão que considero muito mais genuíno daquele que me foi passado dentro da igreja, onde fui educada a encarar pessoas de fora (e até de dentro) com o latente sentimento de superioridade por conhecer e viver segundo uma verdade absoluta.

Apresento esta peça como uma espécie de protótipo para outros trabalhos cuja temática gira em torno das interações sociais como um caminho para a expansão de horizontes e quebra de paradigmas rigidamente estabelecidos com relação à religião.

3.1.1 Comunhão

Ao refletir sobre as motivações que me levaram a produzir *Más Conversações*, considerei levar estes conceitos de reunião e confraternização a um desdobramento. Sendo assim, projetei uma nova peça intitulada *Comunhão*. Trata-se de uma instalação que se encontra em fase de planejamento, composta por uma mesa em formato de cruz, com número de lugares ainda indefinidos. Sobre ela estão dispostas louças e talheres, como se estivesse preparada para um chá. No entanto, as xícaras estão deitadas e o conteúdo delas espalhado, manchando a toalha de linho branco. Ao contrário de *Más Conversações*, que cobre as interações que contribuíram para minha mudança de mentalidade em relação à religião, esta obra nasce de noções a respeito do modo de operar dos líderes de minha antiga congregação. A “autoridade espiritual” com a qual estas pessoas estavam investidas pelo meio ao redor é o fator determinante para a escolha do formato de cruz do móvel principal que compõe a instalação.

Ao reatar a amizade com uma antiga colega de escola que tinha começado a freqüentar a igreja comigo, havia ganhado um posto de liderança junto aos adolescentes da congregação, e como eu, tinha se desviado, foi inevitável que não conversássemos sobre nossas experiências dentro da religião. Obviamente, ambas tínhamos muito do que falar, e

ela, como ex-líder, contava com extenso material sobre a “alta cúpula” da congregação. Há anos ela tinha me contado sobre as declarações do pastor de jovens sobre o fato de eu não estar “dando frutos” por conta de minha convivência com pessoas de fora. Naquela época, mal sabia eu que os líderes ministeriais se reuniam para falar de absolutamente todos os membros.

Basicamente nenhum segredo estava seguro.

Problemas mentais e emocionais, rixas familiares, angústias financeiras, adultérios, abusos físicos de toda espécie entre pais e filhos¹³, conflitos de consciência dos mais diversos. Qualquer “pecado” e “virtude” que os membros porventura tivessem se sentido à vontade para compartilhar com seus líderes, era levado à baila durante estes encontros do alto escalão da igreja. Quando soube, me senti sobretudo irritada, pois ao meu ver estas pessoas abusavam da confiança de seus discípulos. E não de uma confiança “súbita”, mas cuidadosamente granjeada: éramos ensinados a confiar em nossos pastores e discipuladores, fazendo deles confidentes. Era-nos repassada à exaustão a noção de que estas pessoas, muito mais do que nossos familiares, companheiros e amigos de longuíssima data, mereciam nossa confiança e estavam

aptos a lidar com nossas mais profundas angústias, pois estavam empregados na “obra”. Faziam parte do Corpo de Cristo, ungidos pelo Espírito Santo, especialmente aptos para lidar com o rebanho confiados a eles pelo sacerdócio sagrado. Eram incorruptíveis, portanto.

Porém, estas pessoas, haviam entrado em um acordo tácito de que abordar a vida íntima dos membros não era algo antiético, pois acreditavam que esta exposição servia a uma boa causa. Estarem investidas de autoridade em um órgão tão vital, isto é, a igreja, as dotava de uma característica especial que os deixava acima de simples espectadores (e especuladores) da vida alheia. Não era errado procurar compreender melhor as pessoas com quem lidavam e podiam usar da liberdade dos desabafos concedidos para gerir o ministério de acordo com as demandas necessárias. Ao abordar as angústias particulares dos fiéis, como bons líderes que eram, estavam entrando em conselho para discutir as formas mais adequadas de auxiliar o rebanho. Não era fofoca, mas um serviço sagrado.

Existe uma gíria inglesa, *Spill The Tea*, em tradução para o português *Derramar o Chá*. Ela é usada para denominar o ato de falar de forma pública sobre os segredos de alguém, ou seja, fofocar. Por conta disso, em meu projeto, escolho depositar sobre a mesa xícaras de chá derrubadas com

¹³ Para tais casos as providências mais rígidas tomadas pela liderança se baseavam em reuniões entre as partes envolvidas e oração. Nenhuma autoridade era acionada para tais “assuntos de família”.

o conteúdo espalhado, e, pensando mais adiante, considero impregnar a peça como perfume de chá. Ainda não decidi qual, mas certamente vou optar pelo que tem o odor mais doce possível, justamente buscando um efeito sutilmente enjoativo. Além do ato de derramar, a desordem dos elementos sobre a mesa serviria para indicar uma questão comportamental, como se aqueles sentados junto a ela, estivessem, de fato, muito embriagados (talvez pelo poder?).



Figura 39 – *Comunhão* (projeto de trabalho), 2020, aquarela e nanquim sobre papel. 29x21 cm. Fonte: acervo pessoal.

3.2 Capela

Para encerrar esta série de projetos de possíveis futuros trabalhos em três dimensões, escolho registrar meus planos para uma instalação de proporções arquitetônicas. Creio que mesmo não possuindo – ao menos no presente momento – os recursos materiais e os saberes técnicos exatos para tal produção, ainda sim é válida a apresentação dos movimentos e aspirações que levariam a uma eventual obra concluída que possua ligação com as questões trabalhadas nesta dissertação.

Entre os interesses que suprimi durante os anos mais intensos de imersão na fé evangélica, estava aquele que desde pequena lembro sentir por templos. Os locais de prece, desde aqueles em ruínas até os contemporâneos, sempre me fascinaram por sua arquitetura, história social, mitologia, e, algo a mais, talvez uma “aura” presente no ambiente. Em retrospecto, considero que esse interesse seja um dos fatores que me levaram a mergulhar tão profundamente na crença: sou uma pessoa “espiritual” e quando pensei ter tido acesso à Verdade Absoluta, não neguei concessões. As igrejas, catedrais e capelas católicas, por serem os templos mais constantes durante meu crescimento me marcaram de forma especial. Destaco estas últimas. Lembro de sempre procurar visitar as capelas locais quando eventualmente comparecia a algum

parque, colégio, hospital, ou qualquer outra instituição de filiação apostólica romana.

Capelas servem como pequenos santuários que possuem apenas um altar e que não seguem o itinerário constante composto por missas diárias e dominicais, como igrejas e catedrais. De fato, o uso destas construções costuma ser limitado a velórios, casamentos, batizados ou festividades ligadas a efemérides religiosas, pois estão dedicadas ao atendimento de grupos específicos de pessoas ou comunidades. Capelas localizadas em lugares mais afastados são denominadas de “ermidas”.

Recentemente comecei a pensar em como seria uma capela evangélica. Quase como que em um jogo, passei a cruzar as referências que conhecia das capelas católicas (sua arquitetura e estética funcional) com o vasto “banco de dados” que possuo dos anos vividos dentro do ambiente evangélico e suas particularidades cerimoniais. O resultado foi um “híbrido” curioso, que julguei digno de ser levado ao papel para registro e uma análise mais detalhada.

Não tenho afeto pela estética evangélica, nem atualmente, desligada da igreja, nem tive em meus tempos mais fervorosos, quando passava às vezes quatro dias por semana freqüentando reuniões e cultos. Relembrando os templos que visitei, consigo recordar o desconforto estético

que me causavam: os ambientes geralmente eram estéreis e destoantes, a iluminação fluorescente era fria e pouco acolhedora e a decoração, nos melhores casos, inexpressiva (e nos piores, simplesmente cafona). Creio que este quadro tem sido modificado, ao menos pelas igrejas mais abastadas em recursos, no entanto, neste trabalho me guio pelas memórias, e quando me “transporto” mentalmente para minha antiga igreja e para as outras que tive a chance de comparecer, a primeira impressão (antes de qualquer memória emocional) é a visual. Não muito agradável, portanto. Porém, sempre considerei interessante analisar a apresentação daqueles locais. Enquanto estava ouvindo atenta às pregações, meus olhos “vagavam” pelos arredores, e volte e meia sentia o incômodo de me desligar das palavras importantes que vinham de cima do altar para especular sobre o que a pessoa encarregada estava pensando no momento em que efetuara a decoração.

Sempre houve em minha mente este “jogo de comparações” envolvendo o visual das coisas, especialmente dos lugares que deveriam passar certos sentimentos. Cresci visitando catedrais, igrejas católicas e algumas poucas vezes, luteranas, por conta de ter estudado em um colégio pertencente à Universidade Luterana do Brasil. Dois lugares me marcaram de forma especial: o Santuário do Sagrado

Coração de Jesus, também chamado de Santuário Padre Réus em São Leopoldo, e a Capela Universitária da ULBRA. Quando criança visitava o primeiro, e relembro que em suas dependências senti pela primeira vez a “possibilidade da presença” de Deus, ou de alguma força maior que o mundo cotidiano em que convivia. Percebi que estava em um local “separado” dos outros, isto é, que possuía um propósito ligado a outro plano existencial que ia além daquele preenchido pela escola, pelos meus amigos, pelos meus pais e pelas coisas restantes que formavam minha existência diária. Já a Capela Universitária, pertencente ao campus da ULBRA, faz parte de um período mais recente, do início de minha adolescência. Quando ficou pronta, em 2003, como era de praxe, visitei a capela e me maravilhei com a iluminação colorida resultante das paredes em vitral. Imaginei que era como estar dentro de uma pedra preciosa gigante. Ainda não tinha começado a frequentar a igreja, porém me agradei da sensação “transcendental” que aquele ambiente me passava.



Figura 40 - Nave do Santuário do Sagrado Coração de Jesus, São Leopoldo, RS. Fonte: https://i.ytimg.com/vi/eFlm8n3JoUk/maxresdefault_live.jpg



Figura 41 - Interior da Capela Universitária nas dependências do campus da ULBRA, Canoas, RS. Fonte: https://live.staticflickr.com/7047/7096990669_e431b66c4a_b.jpg

A curiosidade em saber se de fato já existiria alguma construção denominada “capela evangélica” me levou a pesquisar sobre o assunto na internet. Descobri que oficialmente (isto é, documentadas na rede) existem três: uma em Santa Bárbara d’Oeste (SP) no Cemitério dos Americanos, construído pela Fraternidade de Descendência Americana (FDA) para atender aos emigrantes estadunidenses da região; outra em Curitiba (PR); e uma última, a mais conhecida, na Vila Naval Espadarte, pertencente à Marinha do Brasil. Se trata, portanto, de uma quantidade ínfima quando comparada às capelas voltadas ao atendimento católico. Porém, não é essa constatação que me levou a continuar pensando e levando ao fim o registro de projetos de uma hipotética capela evangélica, mas o simples desejo de imaginar algo funcional que unisse diferentes características e possuísse certas particularidades estéticas e práticas ligadas ao esquema cútico evangélico que presenciei em incontáveis ocasiões.

Cunha (2007, p.41) comenta que uma das principais características do modo de ser protestante, especialmente no que tange aos esforços de expansão da crença em território brasileiro no final do século XIX e início do XX, constava da renúncia aos ritos e à estética católica. A autora afirma o seguinte a respeito da visualidade simples dos templos:

Por vezes, ousava-se utilizar uma cruz. Um templo ou outro admitiu um vitral ou uma torre. Sinos não eram utilizados. Os pastores abandonaram as togas e as estolas e adotaram os ternos. Os santuários passaram a conter apenas o púlpito e a Bíblia. Na tradição cristã, o valor da imagética foi reconhecido com a construção de toda uma simbologia representada por ícones, cores, vestes. Se o protestantismo da Reforma do século XVI já havia reduzido o uso de símbolos, em especial os icônicos, no PHM, o divino passou a ser representado pela linguagem verbal: os protestantes lêem, cantam, ouvem e, sobretudo, pregam. (CUNHA, 2007, p.42).

A sigla PHM é usada para indicar Protestantismo Histórico de Missão. Essa designação inclui os integrantes da segunda leva¹⁴ de protestantes que chegou ao Brasil, pertencentes a denominações já instaladas em solo norte-americano, como congregacionais, presbiterianos, batistas e episcopais (2003, p. 35). A rejeição do imagético era, portanto, uma importante ferramenta de distinção que de certa forma se mantém até os dias atuais e me inspira a dotar esta *Capela* de uma visualidade “fria”.

¹⁴ Segundo Cunha (2007, p. 35), a primeira leva de protestantes a chegar no Brasil, provinha da Europa. Eram luteranos alemães e anglicanos ingleses, que migravam para o país incentivados pela política de “abertura dos portos às nações amigas” implementada pelo Príncipe Regente de Portugal Dom João VI, a partir dos primeiros anos do século XIX.

3.2.1 Exterior e interior

Por fora, a construção teria o aspecto simples de uma caixa de sapato, isto é, retangular, contando com um andar. Sua cor seria branca, e ela possuiria uma rampa para facilitar acessibilidade, levando a uma porta de enrolar em alumínio. Detalhe grosseiro e visualmente desagradável, porém altamente comum nos templos evangélicos e nos prédios comerciais em centros urbanos, por sua praticidade e relativa segurança. Em ambos os lados da construção estariam os únicos pontos de cor, compostos por duas altas janelas basculantes horizontais, cujas vidraças apresentariam um trabalho em vitral. Na janela da parede esquerda, o vitral teria o desenho de chamas. Já na basculante esquerda, haveria um vitral representando correntes aquáticas. O fogo é citado frequentemente na Bíblia como símbolo da presença de Deus (um exemplo está na visão que Moisés teve da sarça ardente, em Êxodo 3:2) e de seu julgamento (Deus é chamado de “fogo consumidor” em Hebreus 12:29). A água também comparece nas Escrituras, e entre seus significados constam vida, fertilidade e abundância espiritual (como no trecho de João 4:14, onde Jesus declara “Mas aquele que beber da água que Eu lhe der nunca terá sede, porque a água que Eu lhe der se fará nele uma fonte d’água que salte para vida eterna”).

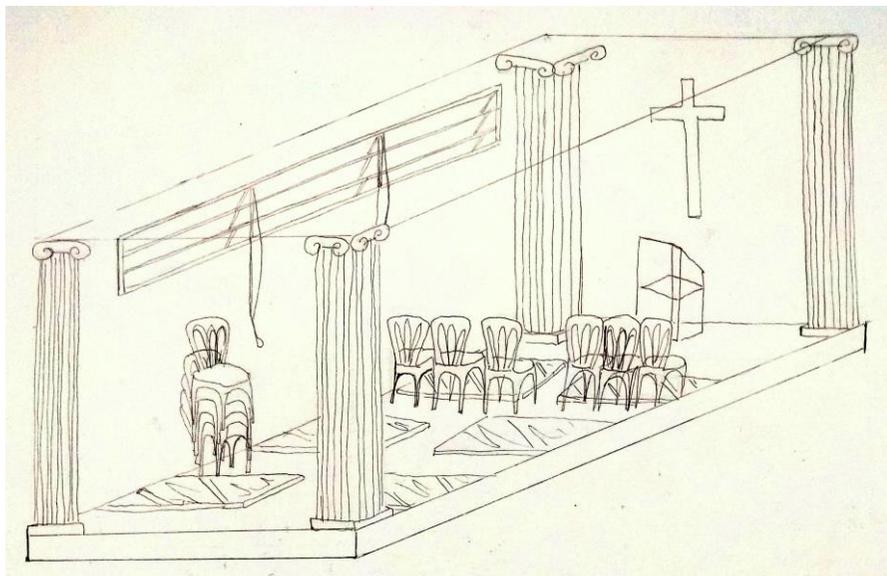


Figura 42 – Capela (projeto de trabalho 1). Fonte: acervo pessoal.



Figura 44 – Capela (projeto de vitrais). Fonte: acervo pessoal.

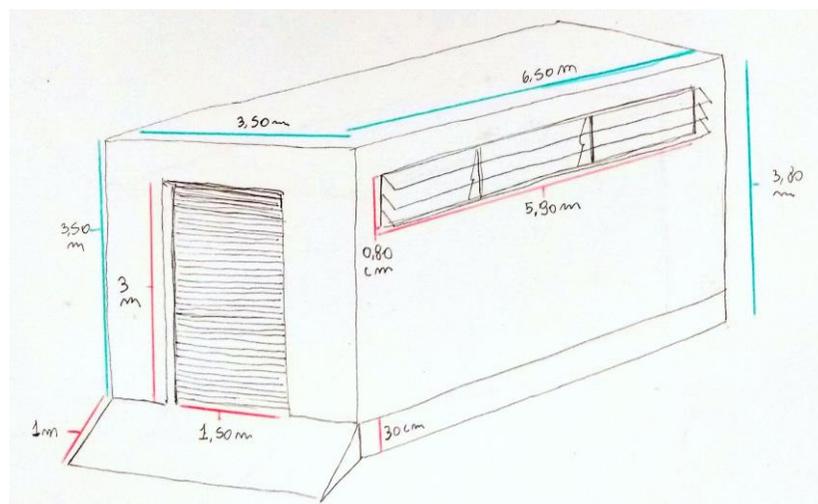


Figura 43 – Capela (projeto de trabalho 2). Fonte: acervo pessoal

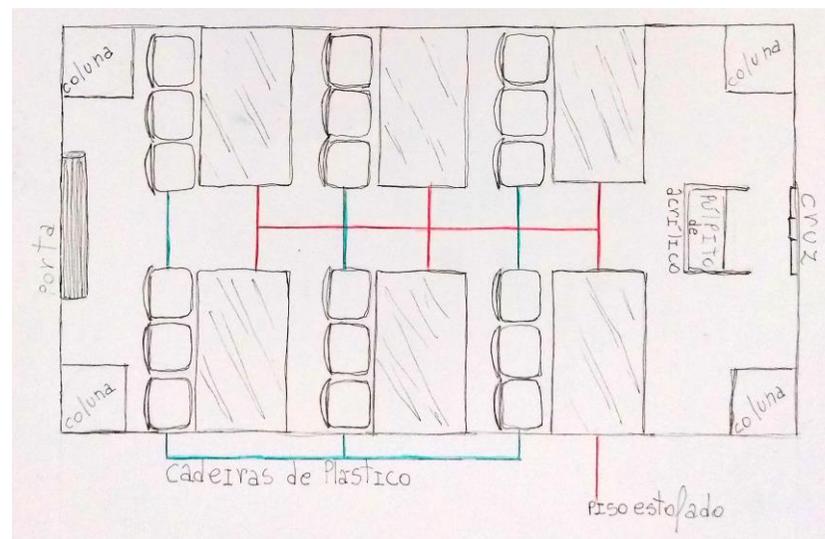


Figura 45 – Capela (planta). Fonte: acervo pessoal.

O interior também possuiria a cor branca nas paredes, no chão de cimento queimado e no teto, que seria acentuada pelas luzes fluorescentes. A escolha se dá pelo material ser fonte de iluminação frequentemente presente em templos evangélicos por conta da economia que oferecem. No entanto, os vitrais presentes nas janelas oferecem certa cor ao ambiente. A rigidez das linhas retas das quatro paredes seria rompida por um elemento decorativo que geralmente ajuda a compor a ambientação de muitas igrejas evangélicas: colunas jônicas. Indo do chão até o teto, elas constariam nos quatro vértices do salão.

Na parede ao fundo, sem janelas, estaria presa uma cruz simples, de madeira escura, e posicionado à sua frente, um púlpito de acrílico. O material contemporâneo, mais uma vez serve como sinalizador à mistura de elementos clássicos da estética e da funcionalidade da arquitetura católica com a visualidade vigente nos templos neopentecostais.

Em frente a cada fileira de cadeiras, escolhi incluir um detalhe que creio ser o mais prático em relação ao exercício específico do cerimonial neopentecostal: o chão estofado.

O chão de cimento queimado possuiria Seções de 1x1,50 m preenchidas por um material acolchoado de espuma revestida em vinil.

A inserção do material incomum (comum em academias, mas, provavelmente nunca usado em templos religiosos) se dá pelo fenômeno denominado “Cair no Espírito”, também chamado de “Arrebatamento do espírito”. Trata-se do ato de desfalecimento do corpo do fiel que, segundo a mentalidade do Movimento Carismático (que considera a legitimidade dos dons do Espírito Santo sendo concedidos por Deus à Igreja contemporânea) sinaliza fisicamente o impacto da presença do poder divino. Esta manifestação não é exclusiva dos evangélicos/protestantes, pois também existem linhas do catolicismo que defendem a validade teológica desta forma de êxtase religioso. Ao abordar a teologia da Renovação Carismática Católica (RCC) e sua crença no Espírito Santo como agente ativo e pessoal em contato com o fiel, Pereira (2009) comenta:

Para os carismáticos o Espírito Santo não é tão somente um destinatário das mensagens contidas em uma oração. Mais do que isso, ele mesmo pode entrar em interação com o ser humano enquanto uma invocação é executada. A partir dessa premissa é que se realizam certos ritos como, por exemplo, o do batismo no Espírito, que visa infundir no ser humano uma renovação gerada pelo contato com Deus, servindo como uma forma de rito iniciático da espiritualidade carismática. (PEREIRA, 2009, p.59)

Creio que as seções do piso feitas deste material macio contariam como um detalhe especialmente voltado a essa forma de êxtase que era no meu tempo junto à religião – e continua sendo – alvo de acalorados debates no meio cristão sobre sua validade junto às Escrituras.

Como referencial artístico para este projeto de caráter arquitetônico é de fundamental importância a poética do artista carioca Daniel Murgel (1981), que através de seus croquis, projetos e construções em escala humana, pesquisa a questão do habitar e suas relações com o espaço urbano.



Figura 46 - *Sobretudo, o que nada sobra*, 2014, Daniel Murgel, tijolos, cimento, ferro e madeira. 500x250x350 cm. Fonte: <http://dmurgel.blogspot.com>

3.3 Expansões naturais

Quando de forma casual comento com algum recém-conhecido sobre meu envolvimento passado com a igreja evangélica, quase sempre me perguntam se eu “participava daquelas igrejas onde mulheres não podem usar calças ou cortar os cabelos”. Eu digo que não, e considero interessante que essas dúvidas envolvendo usos e costumes sempre estão relacionadas à aparência feminina. Realmente não me recordo de ninguém me perguntando se eu “freqüentava aquelas igrejas onde homens só podem usar terno”. De fato, no imaginário popular, o povo evangélico continua a se encaixar em um certo estereótipo visual, sendo as fiéis a parcela especificamente indicativa. Existe um motivo. Cunha (2007, p.42) comenta que uma característica importante levada a cabo durante a implantação do protestantismo derivado do puritanismo estadunidense no Brasil consistia no esforço pela diferenciação. Missionários, pastores e demais líderes defendiam uma forte mentalidade de oposição em relação à sociedade ao redor: era um mandamento divino que o “povo de Deus” se apresentasse como tal, distinguindo-se em tudo, começando pela aparência. Neste ínterim, as crentes eram especialmente orientadas a seguirem uma cartilha que envolvia vestuário e comportamento, quase como se fossem “cartões de visita” a serviço das congregações e do modo de

vida em que estavam inseridas. No entanto, com o tempo e o esforço envolvido em expandir as denominações e alcançar parcelas mais novas da população, houveram adaptações com relação a tais regulamentos.

Minha antiga igreja possuía um sistema mais “flexível”, em um esforço eficaz para se manter em contato com as gerações mais jovens. Não havia códigos explícitos, ou regulamentos oficiais sobre vestuário em minha congregação, nem naquelas com as quais ela se associava. Porém existia uma política implícita, que frequentemente vinha à tona, especialmente durante as reuniões femininas, sobre a questão da modéstia atrelada às roupas. Era de comum acordo que “o exterior do corpo da fiel refletia seu interior”, e se ela for “santa” por dentro, também o será por fora. GONÇALO (2016) faz o seguinte comentário sobre a importância do vestuário feminino na vivência religiosa protestante:

As vestes funcionam como um aparato legitimador da moral coletiva protestante - a de que a exterioridade corporal deve refletir os princípios da modéstia, decência e discrição. O vestuário feminino evangélico configura-se, portanto, como um código de comunicação que não apenas distingue tais mulheres de outras, mas também as conforma enquanto grupo ou categoria social. (2016, p.11)

A roupa é, portanto, o indicativo inicial no que tange ao pertencimento da mulher à comunidade evangélica. Cobrir certas partes do corpo (como os ombros, o colo e as coxas) e evitar determinadas cores, tecidos, texturas, modelagens, maquiagens e acessórios se configuram como atitudes externas cultivadas em resposta ao processo interno de conversão e de vivência junto ao sagrado. Esta visualidade está estreitamente vinculada ao manejo do comportamento, criando distinções entre as mulheres que pertencem ao grupo, ou seja, que estão integradas no modo de vida “adequado” de acordo com as Escrituras (isto é, de acordo com a interpretação que a congregação em específico possui da Bíblia), e aquelas de fora, que não vivem de acordo com os preceitos. Gonçalo (2016) elucida:

Os procedimentos institucionais de modelagem do indivíduo e de gestão da coletividade feminina presentes nos costumes protestantes resultam em um biopoder que alude às técnicas de disciplina e normatização, que têm por objetivo elucidar uma pedagogia sobre a maneira adequada de se vestir, estreitamente relacionada às dimensões moral e espiritual. No protestantismo, são as boas práticas éticas e morais que levam à salvação e, neste caso, não é a roupa, mas o aprendizado sobre a modéstia no vestir que se mostra como reflexo de uma "evolução" espiritual para fins de salvação. As estratégias de distinção e de pertencimento a partir do vestuário estão relacionadas à manutenção das características singulares do grupo dentro de uma identidade. É a configuração de um sentimento de “nós”

que pontua os signos da diferença, em que, por meio das roupas, as mulheres “modestas” entendem que são “diferentes” das outras. (2016, p. 23)

Assim sendo, como cristãs em amadurecimento, éramos advertidas a sempre buscar não apenas nos cobrirmos de forma “adequada”, mas também nos comportarmos de forma condizente à crença. Não falar alto, não caminhar de forma “sensual”, não dançar fora do contexto da adoração a Deus, não gargalhar de forma extravagante, não dar “liberdades” aos nossos futuros parceiros antes do casamento (e o total oposto depois de oficializada a união, ou seja, não negar nada a eles), não olhar fixamente por muito tempo para nenhum homem (quando solteiras, para não tentarmos os rapazes, e quando casadas, para não “desafiarmos” nossos maridos), não respondermos aos nossos pais ou figuras de autoridade...Essas e outras advertências faziam parte da extensa cartilha comportamental que éramos aconselhadas a seguir, mesmo pertencendo a uma igreja considerada mais “flexível”, “moderna” e “jovem” em comparação a outras que seguiam a teologia protestante. Reforçavam-se estas regras comportamentais como sinais de nosso pertencimento a Cristo em contraponto com as outras moças que não comungavam com a crença.

Depois que deixei a igreja e comecei a refletir sobre toda a experiência, percebi que aquele conjunto de regras possuía sua razão de ser por conta dos homens ao redor. A figura masculina vivia “grudada” a estas regras, como uma sombra permanentemente atrelada a tais conselhos. O que causaríamos aos homens e o que eles poderiam causar a nós? Um rapaz descrente poderia me confundir com uma moça descrente à primeira vista? Eu estaria inspirando outros cristãos ao pecado, sem ao menos perceber?

Certa vez algumas líderes ensinaram uma “coreografia” para que examinássemos melhor nossas roupas. Orientavam as moças a se abaixarem pra perceber se a calça (ou saia) marcava demais as nádegas, em seguida mandavam que todas levantassem os braços para conferir se a barriga não ficava à mostra, além de outros movimentos direcionados ao exame da aderência dos tecidos, do corte e do cumprimento das peças. Tudo para prevenir as fiéis de se tornarem “pedras de tropeço”. Existe esta concepção, não apenas dentro do protestantismo, mas no cristianismo no geral, de que o corpo feminino é especialmente perigoso. Suas formas precisam ser devidamente cobertas e seu comportamento regulamentado, a fim de não “escandalizar” os irmãos de crença e também para se proteger de violências advindas de “descrentes”. Uma boa mulher cristã não deve zelar apenas por sua vida espiritual,

mas também por aquelas dos que estão à sua volta e a maneira como se conduz e se apresenta são de extrema importante quanto a esse cuidado a mais. Mas e os homens?

Existem alguns pontos do discurso católico que atribuem certa responsabilidade a eles. Em um texto popular entre os blogs e sites católicos, intitulado *Modéstia Masculina*, o padre Peter Scott (Superior da Fraternidade Sacerdotal de São Pio X, localizada em Menzingen, Suíça) afirma o seguinte sobre a questão da modéstia masculina:

Claramente os homens têm um direito igual ao das mulheres de evitar palavras ou ações provocativas e evitar qualquer tipo de vestuário que possa mostrar a sua pessoa ou seu corpo, levando à vaidade. Como as mulheres, eles são proibidos, portanto, de mostrar seus corpos em público de uma forma indecorosa, ou de uma forma que pode produzir uma atração desordenada no sexo oposto. (SCOTT, 2018)

Em seguida, porém ele faz a seguinte declaração:

No entanto, existem duas diferenças importantes na aplicação destes princípios aos homens, em comparação com as mulheres, e que são a razão pela qual os documentos da Igreja sobre o assunto referem-se a modéstia em mulheres. A primeira é que a natureza de uma mulher faz dela muito mais propensa à tentação da vaidade, para mostrar o seu corpo, e a natureza de um homem faz dele muito mais tentado por ver isto. Conseqüentemente, as infrações mais graves e mais perigosas contra o pudor, entendido em seu quarto e

mais restrito sentido, ou seja, contra a pureza, são feitas por mulheres.(...)Se, portanto, há certamente um padrão de modéstia para os homens, deve sempre ser lembrado que a batalha pela modéstia das mulheres é tanto mais crucial quanto mais difícil de vencer.(SCOTT, 2018)

Ou seja, há o entendimento de que a mulher possui um caráter mais “perigoso” e uma natureza mais propensa ao exibicionismo, ao passo de que o homem é altamente suscetível ao pecado através da visão. Segundo esta linha de pensamento, a mulher se torna, às vezes até inconscientemente, a perpetradora do ato pecaminoso, e o homem, sua vítima indefesa, pecando “por tabela”.

Não creio que a esposa do pastor de minha antiga congregação gostaria de saber que suas palavras refletiam exatamente a linha de pensamento católica; teologia que, segundo os dogmas da religiosidade protestante/puritana consta como herege por uma miríade de fatores e que no Brasil foi especialmente combatida pelos missionários norte-americanos (CUNHA, 2007, p.39) que influenciaram a linha teológica que ela defendia. No entanto, ao recordar de suas advertências sobre a mulher ser “naturalmente mais sensual desde cedo”, não consigo desassociar os dois discursos. Existem razões para tal convergência de pensamentos, afinal, de certa forma, a igreja protestante “descende” da igreja

católica, e ambas são alicerçadas fortemente nos escritos de Paulo de Tarso.

Considerado por toda a cristandade (independentemente da tradição teológica) como o modelo de missionário ideal, Paulo foi responsável por transportar a mensagem do cristianismo para fora dos limites da Palestina, fundando uma série de igrejas em numerosas localidades do Império Romano ao longo da costa do Mar Mediterrâneo. Uma das orientações mais lembradas dadas pelo apóstolo se encontra na primeira carta destinada ao seu aprendiz Timóteo, no segundo capítulo, do versículo 2 ao 9, ele aconselha o seguinte sobre o manejo das fiéis em sua congregação instalada na cidade de Éfeso:

Da mesma forma quero que as mulheres se vistam modestamente, com decência e discrição, não se adornando com tranças, nem ouro, nem pérolas, nem roupas caras, mas com boas obras, como convém a mulheres que professam adorar a Deus. A mulher deve aprender em silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, e depois Eva. E Adão não foi enganado, mas sim a mulher, que, tendo sido enganada, tornou-se transgressora. (2003, p.1534-35)

Fica explícita a orientação de Paulo para que as mulheres pertencentes à igreja dirigida por Timóteo cultivassem um visual discreto que estivesse atrelado a boas obras e a um comportamento submisso e silencioso. Gonçalo (2016, p.13) aponta a ênfase nas pérolas, jóias, cabelos trançados e vestidos caros como fundamental, para que não houvesse a mínima chance de confusão com relação à fé professada pelas cristãs de Éfeso, pois uma considerável parcela das mulheres de fora da igreja exercia culto junto ao templo da deusa Ártemis, além de que por ser uma cidade portuária, Éfeso também possuía uma grande população de prostitutas. Para o apóstolo era essencial que as cristãs se diferenciasssem de maneira imediata e marcante por meio de trajes modestos e comportamento manso e discreto. Para respaldar suas orientações, no entanto, Paulo também usa de forte apelo através da referência à desobediência inicial de Eva. Ele defende que a quietude da mulher e sua obediência irrestrita são virtudes a serem alimentadas como forma de compensação pelo pecado da primeira mulher criada. Fica claro que uma hierarquia entre os sexos é defendida.

Embora inúmeros pregadores contemporâneos tentem contornar as orientações de Paulo, defendendo que as mesmas se faziam válidas especificamente no contexto cultural daquela época e local, estes são fortemente contestados por outros que

reforçam a atualidade daqueles conselhos. A mulher continua em dívida. Precisa se apresentar de maneira adequada, não chamar atenção (seja através das roupas, da voz ou de outros trejeitos) e não exercer autoridade eclesiástica sobre homens, e aquelas que aderem à crença cristã imediatamente devem se configurar de acordo com o modelo comportamental sugerido por Paulo.

No entanto, cada congregação possui sua própria leitura das palavras de Paulo e de como vivenciar a modéstia nos dias atuais. Gonçalo (2016. P.21) pontua que a questão gera muitos debates, sendo “um tema bastante efervescente e dinâmico, porque cada denominação enxerga as vestes sob um ponto de vista”, servindo sempre a um propósito alinhado com a vivência prática da crença. Algumas igrejas são mais flexíveis, outras o total oposto. Me recordo de que não foram poucas as vezes em que vi as líderes do ministério de jovens “tirando sarro” da maneira com que as fiéis de outras igrejas evangélicas se apresentavam, acusando congregações mais rígidas de serem farisaicas e repelentes à população mais jovem. Porém, mesmo se gabando por terem seus cabelos e unhas bem cuidados e as roupas bem cortadas, estas mesmas líderes acreditavam – e nos ensinavam a acreditar – que devíamos nos reduzir e nos conter, pois como mulheres, nossa natureza era “perigosa” e devia ser policiada o tempo todo.

Diferentes visões/versões da mesma ordenança que fundamenta milênios de história (e de violência).

O projeto apresentado neste último segmento se intitula *Expansões Naturais*, e possui sua origem nesta idéia de contenção x expansão da natureza feminina dentro do discurso evangélico/cristão. Escolho retratar esta “natureza” de forma literal através de animais e plantas, remetendo à mitologia do Jardim do Éden e do primeiro ser humano do sexo feminino.

Minhas referências constam primeiramente dos trabalhos da artista norte-americana Han Cao (?), que borda sobre fotos antigas e cartões-postais adquiridos em antiquários e feiras durante viagens ao redor do mundo. O tom sépia ou preto-e-branco das imagens contribui para o efeito surreal e vibrante dos bordados que a artista deposita sobre elas, quebrando a rigidez das cenas históricas e permitindo diversas interpretações. Também me inspiram as criações repletas de hibridismo e elementos naturais de Hannah Yata (1989). A pintora japonesa apresenta em suas obras o corpo feminino como suporte para um misticismo selvagem. Suas personagens juntam as formas humanas, com características animais e vegetais, em uma espécie de simbiose entre seres que remete às antigas religiões de culto à natureza, e se encontram integradas em meio a paisagens exuberantes.



Figura 47 – *Roots*, data não definida, Han Cao, bordado de algodão e seda sobre fotografia, 25,4x 15,8 cm. Fonte: <https://hanwriting.com/portfolio/forgotten-photos/>



Figura 48 - *Decay and her lustfl tongue* 2018, Hanna Hyata, óleo sobre tela, 64x34 cm. Fonte: hannahyata.com/latest

Buscando abordar a idéia de contenção x expansão voltei minha atenção de forma automática para as imagens publicitárias relacionadas à moda evangélica, especialmente aquelas que apresentavam modelos usando saias e vestidos. Os códigos de adequação cobrindo aspectos como comprimento, fendas, mangas, tecidos, decotes e modelagem são importantes indicativos de pertencimento a um nicho que preza por determinada estética. Escolhi num primeiro experimento me “apropriar” de silhuetas femininas pertencentes a essas imagens, transportá-las através do desenho para um fundo branco e interferir sobre elas com aquarela. Nestas ilustrações, procuro fazer com que flores, folhas, galhos, fragmentos de animais e outros elementos orgânicos “escapem” da moldura formada pelos traços das modelos, que nas fotografias originais encontram-se estáticas, posando de forma rígida. Meu objetivo estava em tornar estas figuras tensionadas como que focos para a expansão de uma “desordem” ou ruído proveniente da natureza.

Efetuei um segundo experimento envolvendo estes conceitos, desta vez, porém, me utilizei da técnica de pintura acrílica sobre tela. Outra diferença consta do foco apenas sobre a seção do rosto, ao invés do corpo inteiro. Sobre um fundo rosa (cor tradicionalmente ligada ao gênero feminino), dispus estas personagens que “batizei” de dois nomes comuns no

meio evangélico que derivam de duas importantes matriarcas da narrativa judaico-cristã: *Sarah* e *Raquel*.

Ambas personagens possuem características consideradas desejáveis e relacionadas a parâmetros de beleza feminina, como cabelos longos, lábios avermelhados e bochechas rosadas. Pode-se antever também um pouco de suas roupas que possuem babados e rendas (mais elementos comumente ligados à moda hiper-feminina), além de decotes discretos. A interferência, fuga, ou expansão está localizada em um dos olhos de cada personagem, representando uma anomalia ou descontrole de forças internas que rompem uma imagem de convencional beleza e decoro. Sarah conta com a presença de numerosas mariposas. Tratam-se de insetos noturnos, com asas enfeitadas com o propósito de tanto afastar predadores (a Mariposa Imperador, em destaque, por exemplo, possui marcas parecidas com olhos para intimidar

animais maiores), como para atrair parceiros. Raquel, por sua vez, tem a parte superior de sua cabeça cercada por ramagens que misturam plantas carnívoras, flores, folhas e espinhos.



Figuras 49 - *Expansões naturais* (projeto de trabalho). 2020, aquarela e nanquim sobre papel. 21x29 cm. Fonte: acervo pessoal.



Figuras 50 - *Expansões naturais* (projeto de trabalho). 2020, aquarela e nanquim sobre papel. 21x29 cm. Fonte: acervo pessoal.



Figura 51 - *Sarah*, 2020, tinta acrílica sobre tela, 24x30 cm.
Fonte: acervo pessoal.



Figura 52 - *Raquel*, 2020, tinta acrílica sobre tela, 24x30 cm.
Fonte: acervo pessoal.

Acredito que existe um corpo de trabalho a ser produzido a partir da idéia de contensão x expansão. Há uma grande potência a ser explorada dentro dos ideais religiosos cristãos em torno da “natureza perigosa” do sexo feminino; do quanto a mesma pode ser fascinante e maléfica, precisando estar em constante manejo por parâmetros estabelecidos através do olhar masculino. As memórias que possuo são de imensa importância (afinal, vivi de maneira intensa a experiência de amadurecer fisicamente como mulher envolta nestes ideais religiosos), mas também desejo pesquisar melhor tais questões e continuar produzindo sobre elas. Acredito que o registro de minhas primeiras tentativas seja um passo fundamental em neste complexo processo de lidar com assuntos tão densos e controversos.

Considerações finais

A presente dissertação intitulada *Poéticas do desvio – da doutrinação ao processo de criação*, se propõe a registrar meus movimentos iniciais a partir da resolução de me debruçar sobre os anos em que estive imersa no modo de vida evangélico. Entrei no mestrado decidida a abordar este período que foi imensamente marcante em minha vida e simultaneamente tentei me compreender melhor como artista, explorando diferentes suportes e técnicas e procurando delinear uma poética latente do emaranhado de memórias, sentimentos, questionamentos, indignações e impressões resultantes de quase uma década de intensa vivência religiosa, que cobriu minha adolescência e início da fase adulta.

Tenho noção de que a religião assume diferentes formas para diferentes pessoas: pode ser um título, uma tradição familiar, um cerimonial de final de semana, uma reunião animada, uma viagem divertida para um sítio isolado, um hino cantando em êxtase, um consolo absoluto, ou um fardo excessivamente pesado e extenuante. No meu caso, por quase dez anos, foi todas estas coisas, de maneira intensa, constante, extravagante, estressante, e, sobretudo, simultânea. Creio que para qualquer pessoa, seria impossível fugir destas lembranças, especialmente quando foram vividas durante os

anos essenciais para a formação da personalidade. Eu tinha treze anos quando fui ensinada de que só havia uma maneira correta de se viver neste mundo, e se eu não andasse até o final dos meus anos nesta linha extremamente fina e trêmula, minha queda seria sobre fogo eterno.

Fui ensinada de que havia um Deus protetor, provedor, e paternal, mas ao mesmo tempo este Deus não teria piedade nem de mim, se eu não O amasse de volta, nem das pessoas que me eram mais queridas, se as mesmas não o cultuassem da “maneira correta”, sob o “nome correto”, e nos “lugares corretos”. Havia o bálsamo em saber que nada acontecia por acaso e que meus dias eram acompanhados de perto por esta entidade onipresente, onisciente e onipotente, porém, também subsistia a certeza (escrita na Bíblia e declarada de cima do púlpito cercado por guitarras) de que este “Pai Eterno” podia me desprezar e desejar me destruir se eu O desagradasse. Eu poderia ter ficado, ter me agarrado à certeza (repassada à exaustão) de que estes conflitos internos eram naturais a todo e qualquer cristão que realmente se dedica à sua fé. No entanto, já havia chegado a um ponto de ruptura. Escolhi me afastar, e senti tanto alívio, quanto raiva por uma juventude que julguei desperdiçada. No entanto, acima disso, eu senti fascínio pelo discurso e pelo “encantamento” que a religião

exerceu sobre mim. Estava curiosa e ávida por tentar trabalhar sobre a experiência.

Olhar pra trás e relembrar a miscelânea de dogmas, ritos, conselhos e temores acaba por ativar, de forma automática meu desejo em compreender o que afinal se passava comigo, e em maior escala, com aquele mundo tão complexo e simultaneamente estável e mutável no qual eu estava inserida. Julgo que ali está a origem de minha inspiração. Mesmo desviada do “caminho correto”, a experiência deste sagrado contemporâneo de raízes milenares ainda me encanta, e agora, como artista em formação sou tomada pela necessidade absoluta de abordar a mistura de sentimentos, memórias e reflexões resultantes de uma época em que percebia o mundo físico e o espiritual como intrinsecamente unidos. Percebi o mestrado na linha de poéticas como o dispositivo ideal para dar vazão aos movimentos iniciais deste processo.

Assim sendo, esta dissertação atua como um registro de minhas primeiras tentativas em formular uma poética que traga ao mundo físico a imensa bagagem emocional e intelectual que carrego desde meu desvio. Ao longo destas páginas tento pontuar os estágios mais importantes do processo íntimo da vivência junto à religião, lembrando meus temores, questionamentos, advertências recebidas, e

também, alguns momentos alegres (e outros tantos, inusitados). A doutrinação que levou ao processo de criação é inegavelmente a parte fundamental deste projeto, pois sem ela, não existiria inspiração.

A divisão destes escritos em três seções se torna funcional e esclarecedora, pois considero que ela pontua três fases distintas no andamento do processo de produção poético e teórico. Primeiramente, escolho registrar minhas experimentações efetuadas em um período de confusão e busca de melhor reconhecimento do inventário de impressões que carregava e desejava explorar. Entre o segundo semestre de 2017 e o final de 2018 produzi muito material, e julguei necessária uma edição no que apresento nestas páginas. Escolhi registrar os trabalhos que considere em melhor sintonia com a temática, que tinham em comum a materialidade derivada de fragmentos físicos realmente pertencentes à minha vivência religiosa e que também são permeados pelo discurso religioso.

A fase que cobre praticamente o ano inteiro de 2019 entra em cena tanto como uma volta às poéticas com que estava acostumada desde muito nova, e também como uma concessão a outras linguagens que sempre me interessaram. Comecei a me sentir mais a vontade tanto para visitar a pintura, quanto para experimentar por meio da costura e do

bordado. Acredito que comecei a conseguir “sintonizar” minha voz interior com o fazer técnico, me livrando de certos conceitos pré - estabelecidos sobre quem eu deveria almejar me tornar como artista.

Por fim, o primeiro trimestre de 2020 se mostrou como um período de novos insights e planejamentos sobre os rumos que pretendo tomar no futuro em relação aos afetos e inquietações que apresento nesta dissertação. Escolhi expor projetos e peças experimentais que considero como os passos mais recentes desta longa caminhada de auto-descoberta, que aos poucos tem se tornado mais natural.

De certa forma, comparo minha caminhada de artista em formação com o processo de desligamento de um modo de vida no qual por muito tempo me encontrei intensamente envolvida. Pra mim, as duas coisas se complementam, pois se baseiam num exercício diário de amadurecimento. Narrativa e expressão poética seguem intrínsecas, em um contínuo processo de desenvolvimento que demanda tempo, reflexão, paciência, e sobretudo , tolerância, para com aqueles ao redor, e também para comigo mesma.

Referências bibliográficas

A BÍBLIA DA MULHER: LEITURA, DEVOCIONAL, ESTUDO. Tradução de Neyd V. Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 2003, 1728 p.

ALVES, A. Rubem. Protestantismo e repressão. São Paulo: Editora Ática, 1979.

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea – Uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008

BASCHIROTTI, V. Artista: palavra – imagem – objeto. **Revista Valise**, Porto Alegre, v.6 , n.11. p.101 – p.112, 2016.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BERGER, John. **Modos de ver**. Lisboa: Penguin Books, 1972.

BORRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BUCKLAND, A.R. **Dicionário Bíblico Universal**. Miami: Editora Vida, 1981.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia**. São Paulo: Candeia, 1991.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual – essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Explosão Gospel - Um Olhar das Ciências Humanas Sobre o Cenário Evangélico no Brasil**. São Paulo: MAUAD, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas, volume I: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

LIMA, Delcio Monteiro de. **Os demônios descem do Norte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia: História antiga de Israel**. São Paulo: Loyola/Paulus, 2008.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

RESENDE, R. Em busca de comunicação. In.: CASSUNDÉ B., RESENDE R. **Leonilson – Sob o peso dos meus**

amores. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012. P.12-27.

RUFINONI, Priscila Rossinetti. Rito e violência - vigília pelos 111, por Nuno Ramos. São Paulo: **ARS**, v. 14, n. 28, p. 298-311, 2016.

SCHAMA. Simon. **A história dos Judeus: À procura das palavras de 1000 a. C. a 1492**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TONELI, Maria Juracy; ADRIÃO, Karla; CABRAL, Arthur. Singularizar. In: FONSECA, Tania; NASCIMENTO. Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci (org.). **Pesquisar na diferença/ um abecedário**. Porto Alegre, Sulina, 2012.

Endereços eletrônicos consultados

Ana Elisa Igreja. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/artistas/ana-elisa-igreja/>. Acesso em 23 de Novembro de 2019.

Biografia Ana Elisa Igreja. Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/ana-elisa-igreja/biografia>. Acesso em 23 de Novembro de 2019.

Casa do Julgamento. Disponível em: <http://casadojulgamento.com.br/>. Acesso em 24 de Novembro de 2019.

GONÇALO, Rita. Moda Church – Performances e produções estéticas do vestir feminino em igrejas evangélicas cariocas. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 11, p. 9 - 31, nov. 2016. ISSN 2176-8943. Disponível em::

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/64775>. Acesso em: 19 Fev. 2020.

Jan Brueghel, o Velho. Disponível em: <http://warburg.chaa-unicamp.com.br/artistas/view/1855>. Acesso em 22 de Novembro de 2019.

Joseph Cornell artworks. Disponível em: www.theartstory.org/artist-cornell-joseph-artworks.htm. Acesso em 16 de Julho de 2018.

MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: O trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 27, n. 1, e48913, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SO104026X2019000100207&lng=en&nrm=is. Acesso em 30 de Outubro de 2019.

Os judaizantes de hoje. Disponível em: <http://www.cacp.org.br/os-judaizantes-de-hoje/>. Acesso em 19.09.2019

Pat Marvenko. Disponível em: www.revelationillustrated.com/meet-the-artist.php#.XiyoL39KjIU. Acesso em 23 nov. 2019.

PEREIRA, Edilson. O espírito da oração ou como carismáticos entram em contato com Deus. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 58-81, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SO10085872009000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 jan. 2020.

Zöe Buckman. Disponível em: [//www.zoebuckman.com](http://www.zoebuckman.com). Acesso em 28 de Julho de 2018.

What is Judgment House. Disponível em: judgementhouse.org/new-here/what-is-judgement-house. Acesso em 24 nov.2019.

SCOTT, Peter. Modéstia masculina. Disponível em: <https://jovensdacruz.com.br/modestia-masculina-por-peter-scott/>. Acesso em 11 dez.2019.